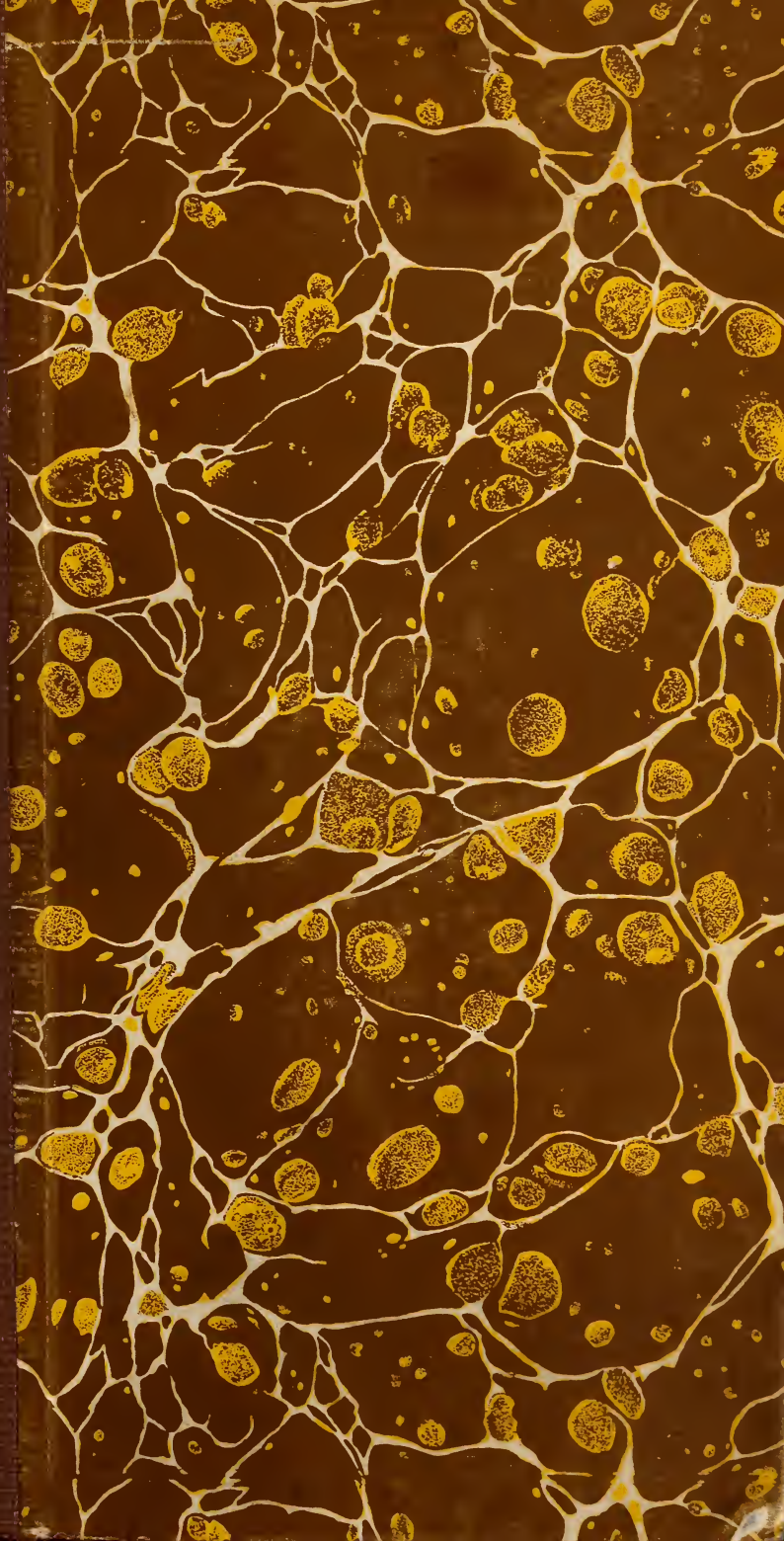


THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

46397
43

SUSPIROS
POETICOS,
E SAUDADES.

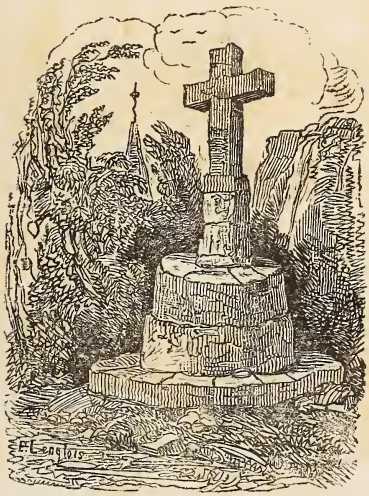
5 a
1
M

Magalhães, Domingos José Gonçalves de

SUSPIROS
POETICOS,
E SAUDADES,

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.



Rio de Janeiro,
EM CASA DO SENHOR JOÃO PEDRO DA VEIGA,
Rua da Quitanda, canto da de S. Pedro.

Paris,
DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,
Passage des Panoramas, 35.

1836.

PQ 9697
.M2214 A17
1836

387270
'29

IMPRIMERIE DE BEAULÉ ET JUBIN,
Rue du Monceau-Saint-Gervais, 8.

AMK 5 D34

LEDE.

Pede o uso que se dê um prólogo ao Livro, como um portico ao edificio, e como este deve indicar per* sua construcção á que Divindade se consagra o Templo, assim devé aquelle designar o caracter da obra. Sancto uso, de que nos aproveitamos, para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este Livro se elevem em alguns espiritos apoucados.

* Avisamos que fazemos a differença entre as preposiçoens *por* e *per*, como fizeram os classicos da Lingua; aquella para designar a causa *por* que alguma cousa se faz, esta para designar o meio *per* que se faz.

É um Livro de Poesias escriptas segundo as impressoens dos logares; ora sentado sobre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos imperios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito, como um átomo no espaço; ora na gothica cathedral, admirando a grandeza de Deos, e os prodigios do Christianismo; ora entre os cyprestes, que espalham sua sombra sobre tumulos; ora emfim reflectindo sobre a sorte da Patria, sobre as paixoens dos homens, sobre o nada da vida. São Poesias de um peregrino, variadas como as scenas da Natureza, diversas como as phases da vida, mas que se harmonisam pela unidade do pensamento, e que se ligam como os anneis de uma cadeia; Poesias d'alma, e do coração, e que so pela alma, e o coração, devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus Pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silencio da noite, cançado de fa-

diga, elevou até Deos uma alma piedosa, e verteo lagrimas amargas pola injustiça, e miserias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das cousas da vida, e sobre a ordem providencial, que reina na historia da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas acçoens, esse achará um echo de sua alma n'estas folhas, que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro, que se harmonise com o seu suspiro.

Para bem avaliar-se esta obra, trés cousas releva notar-se : o fim, o genero, e a forma.

O fim d'este Livro, ao menos aquelle a que nos propozemos, que ignoramos si o attingimos, é o de elevar a Poesia á sublime fonte d'onde ella emana, como o effluvio d'agua, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflecção da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a Poesia das profanaçoens do vulgo, traçando no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A Poesia, este aroma d'alma, deve de continuo subir ao Senhor; som acorde da intelligencia deve

sanctificar as virtudes, e amaldiçoar os vicios. O Poeta, empunhando a lyra da Razão, cumpre vibrar as cordas eternas do Sancto, do Justo, do Bello, e do Util.

Ora tal não tem sido o fim da mor parte dos nossos Poetas; e o mesmo Caldas, o primeiro dos nossos Lyricos, tão cheio de saber, e que podéra ter sido o reformador da nossa Poesia, nos seus primores d'arte, nem sempre se apoderou d'esta ideia; uma grande parte de suas obras compõe-se de traducçoens; e quando elle é original, causa mesmo dó, que cantasse o homem selvagem de preferencia ao homem civilisado, como si aquelle a este superasse, como si a civilisação não fosse obra de Deos, e a que era elle chamado pela força da intelligencia, com que a Providencia dos mais seres o distinguira!

Outros a penas curaram de fallar aos sentidos; outros em quebrar todas as leis da decencia!

Seja qual for o logar em que se ache o Poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bella, embalado pelos prazeres; no carcere, como

no palacio, na paz, como sobre o campo da batalha, si elle é verdadeiro Poeta jamais deve esquecer-se de sua missão, e acha sempre o segredo de incantar os sentidos, ferir as cordas do coração, e elevar o pensamento nas azas da harmonia até as ideias archetypaş.

O Poeta sem Religião, e sem Moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram ahi aplacar a sêde.

Ora nossa Religião, e nossa Moral é aquella que nos ensinou o Filho de Deos, aquella que civilisou o mundo moderno, aquella que illumina a Europa, e a America : e so este balsamo sagrado devem verter os canticos dos Poetas Brasileiros.

Uma vez determinado, e conhecido o fim, o genero se apresenta naturalmente. Até aqui, como so se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado : fingida era a inspiração, e artificial o enthusiasmo. Desprezavam os Poetas a consideração si a Mythologia podia, ou não, influir sobre nós : com tanto que dissessem que as Musas do Helicon lhes inspiravam, que

Phebo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras taes e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero emparelhavam, como si podesse parecer bello quem achasse algum velho manto Grego, e com elle se cobrisse; antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguem honram.

Quanto á forma, isto é, a construcção, per assim dizer, material das estrophes, e de cada cantico em particular, nenhuma ordem seguimos, exprimindo as ideias como ellas se apresentaram, para não destruir o accento da inspiração; alem de que a igualdade dos versos, e das estancias produz certa monotonia, e dá certa feição de concertado artificio, que jamais podem agradar. Ora não se compõe uma orchestra so com sons doces, e frautados; cada paixão requer sua linguagem propria, seus sons explicativos, seus periodos imitativos.

Quando em outro tempo publicámos um volume

das Poesias da nossa infancia, não tinhamos ainda assás reflectido sobre estes pontos, e em quasi todas estas faltas incorremos; hoje porêm cuidamos ter seguido melhor caminho; valha-nos ao menos o bom desejo, si não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.

Diremos alguma cousa sobre a Lingua: Não faltará quem a crimine por obscura, mas é sempre Portugueza. A obscuridade não é defeito si nasce da inadvertencia, ou ignorancia de quem lê; e si o Poeta pertende ser per todos entendido, la desapparece a Poesia de estylo, e mil sublimes pensamentos deve desprezar, que não estão ao alcance de todos. Algumas palavras acharão n' este Livro, que nos Diccionarios Portuguezes se não deparam; mas a Lingua se enriquece com o progresso da civilisação, e das sciencias, e uma nova ideia pede um novo termo.

Eis as necessarias explicaçoens para aquelles que lêem de boa fe, e que se aprazem de colher uma perola no meio das ondas; para aquelles, po-

rèm, que com olhos de prisma tudo decompoem, e que como as serpentes sabem converter em veneno até o nectar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes?... Eis mais uma pedra, onde afiem suas presas, mais uma taça, onde saciem sua febre de escarneo.

Este Livro é uma tentativa, é um ensaio; si elle merecer o publico acolhimento, cobraremos animo, e continuaremos a publicar outros, que ja temos feito, e aquelles que fazer poderemos com o tempo.

E' um novo tributo, que pagamos á Patria, emquanto não lhe offerecemos cousa de mor valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a attenção descança, fatigada pela seriedade da sciencia.

Tu vas, oh Livro, ao meio do turbilhão, em que se debate nossa Patria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambiçoens, onde tudo está gelado, excepto o Egoismo; tu vas, como uma folha no

meio da floresta batida pelos ventos do hinverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos, cheios de amor pola Patria, de enthusiasmo por tudo que é grande, e de esperanças em Deos, e no futuro.

ADEOS!

Paris, julho de 1836.

SUSPIROS POETICOS.

I.

Invocaçao

AO ANJO DA POESIA.

A VOZ DE MINHA ALMA.

Quando da noite o véo caliginoso
Do mundo me separa,
E, da terra os limites encobrindo,
Vagar deixa minha alma no infinito,
Como um subtil vapor no aéreo espaço,
Uma angelica voz mysteriosa
Em torno de mim soa,
Como o som d'uma frauta harmoniosa,
Que em sagradas abobadas echoa.

D'onde vem esta voz? — Não é de virgem,
Que ao prazo dado o bem amado aguarda,
E mavioso canto aos céos envia;
Esta voz tem mais grata melodia!

D'onde vem esta voz? — Não é dos Anjos,
Que leves no ar adejam,
E com canticos dulios se festejam,
Quando uma alma innocente
Deixa do barro a habitação escura,
E na siderea altura,
Como um astro fulgente
Penetra de Adonai o aposento;
A voz, que escuto, tem mais triste accento.

Como d'ara thurícrema se exalça
Uma nuvem de aroma, que a circunda,
E lenta vai subindo
Em faxas ondeantes,
Nos ares espargindo
Particulas fragantes,

E sobe, e sobe, té no céo perder-se,
Tal de mim esta voz parece erguer-se.

Sim; esta voz do peito meu se exhala!
Esta voz é minha alma, que se expraia,
É minha alma, que geme, e que murmura,
Como um orgam no Templo solitario,
Minha alma, que o infinito so procura,
E em suspiros de amor a seu Deos se ala.

Como surdo até hoje
Eu fui a tão angelica harmonia?
Per ventura minha alma muda esteve?
Ou foram per ventura meus ouvidos
Até hoje rebeldes?
Perdoa-me, oh meu Deos; eu não sabia!
Eram Anjos do céo, que me inspiravam,
E outras vozes meus labios modulavam.

CastasVirgens da Grecia,
Que os sacros bosques habitais do Pindo!
Oh Numes tão fagueiros,

Que o berço me embalastes
Com risos lisonjeiros,
Assás a infancia minha facinastes.
Guardai os louros vossos,
Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
Adeos, ficçoens de Homero,
Deixai, deixai minha alma
Em seus novos delirios engolphar-se,
Sonhar co' as terras do seu patrio Rïo.
So com suspiros coroar-me quero,
Com saudades, com ramos de cypreste;
So quero suspirar, gemer so quero,
E um cantico formar co'os meus supiros,
Como pela aura matinal vibrado
O Anemocordio, ao ramo pendurado,
Em cada corda geme,
E a selva peja de harmonia extreme.

Ja nova Musa
Meu canto inspira;
Não mais empunho
Profana lyra.

Minha alma, imita
A Natureza;
Quem vencer póde
Sua belleza?

De dia, e noite
Louva o Senhor;
Canta os prodigios
Do Creador.

Tu não escutas
Esta harmonia,
Que ao throno excelso
A terra envia?

Tu não attendes
Como o mar geme,
Como entre as folhas
O vento freme?

Como a ave chóra,
A ovelha muge,

O trovão brama,
O leão ruge?

Cada qual canta
Ao seu theor,
Mas louvam todos
O seu Auctor.

Minha alma, aprende,
Louva teu Deos;
Os teus suspiros
Envia aos céos.

Oh como é bello o céo!—Azul sem nódoa
Como a pupilla de engraçada virgem.
Mas que imagem sublime a mim se antolha,
Com largas azasbrancas como o cysne,
Com roçagante toga, que se ondeia
Como flocos de neve purpurina!
Uma harpa d'ouro em suas mãos sustenta!

Oh que voz suavissima e divina!
Oh que voz, que as paixoens n'alma adormenta!

Vem, oh Genio do céo filho!
Vem, oh Anjo d'harmonia!
Cuja voz é mais suave,
Mais fragante qu'a ambrosia!

Teu rosto vence em belleza
Ao sol no zenith luzente;
Teu largo manto é mais puro
Do que a lua alvinitente.

As azas, que te suspendem,
São mais ligeiras que o vento,
São mais terriveis que os raios,
Que gyram no firmamento.

Tua fronte não se adorna
Com flores, que o prado gera;
Sobre teus cabellos d'ouro
Brilha de fogo uma esphera.

Teus pés a terra não tocam,
P'ra teus pés a terra é dura;
Sobre aromas te equilibras
Recendentes de frescura.

O sol, a lua, as estrellas
São fanaes, que te illuminam,
São corpos, aquem dás vida,
E ante teus passos se inclinam.

Os acordos de tua harpa
Todos os astros echoam;
Reanima-se o Universo,
Quando a suas cordas soam.

Vem, oh Anjo, ungir meus labios;
Traze-me uma harpa dos céos;
Ao som d'ella subir quero
Meus suspiros até Deos!

Quando roxear a Aurora no Oriente,
Como um manto purpureo auribordado,
E as saltitantes aves pelos ramos

Da madrugada o hymno gorgearem,
Tua voz, oh minha alma, une a seu canto.

Quando a noite envolver a Natureza
Com seu manto de trevas, e o silencio
Estender suas azas sobre a terra;
N'essas propicias horas de repouso,
Em que tudo descança, excepto o oceano,
Que arqueja, e espuma em solitaria praia,
Visinhos ermos com seus ais pejando,
Como um preso, que geme, e que de balde
Da prisão contra os muros se arremessa,
Tu tambem, como a lua, vigilante
N'essas propicias horas, oh minha alma,
Tua voz gemebunda exhala, e une
A voz do oceano, a voz d' ave nocturna.

Emquanto estás sobre a terra,
Como no exilio o proscripto,
Canta como elle, que o canto
Refrigera o peito afflito.

Canta, que os Anjos te escutam,
E os Anjos á terra descem,
Para colher esses hymnos,
Que p'ra Deos as almas tecem.

Canta a todos os momentos;
Canta co' a noite, e co' o dia;
E o teu derradeiro expiro
Seja ainda uma harmonia.

II.

O VATE.

Por que cantas, oh Vate? Por que cantas?
Qual é tua missão? O qu' és tu mesmo?
Nada p'ra ti é morto, nada é mudo;
Co' o sol, e o céo, e a terra, e a noite fallas.
Tudo te escuta; e para responder-te,
Do passado o cadaver se remove,
E do tumulo seu a fronte eleva;
O presente te attende; e no futuro
Eternos vão soar os teus accentos!

Quando o vento em furor açouta as comas
Dos Brasilicos bosques, voz tremenda
Igual a do trovão ao longe atroa,
E uma nuvem de flores se levanta;
Que o ar com seus effluvios embalsâma;
Assim, quando te agita o enthusiasmo,
Dos labios teus emana alma torrente
Troante e recendente de perfumes.

De magico poder depositario,
Qual um Genio entre os homens te apresentas.
Ante ti não ha rei, nem ha vassallo;
Tu nos homens so vês virtude, ou vicio.
Como um Despota, ufano em teus delirios,
Uns cercas de immortal aréola tua,
Outros condemnas ao opprobrio, e á morte.

Umas vezes suberbo, impetuoso
Qual aguia, que sublime o céo devassa,
E do céo sobre a terra os olhos desce,
Teu igneo, alado genio, no ar suspenso:

Não, oh mortaes, não vos pertenço, (exclama)
Eu sou orgam de um Deos; um Deos m' inspira;
Seu interprete sou; oh terra! ouvi-me.

Outras vezes nas selvas meditando,
Sobre um tronco sentado, juncto a um rïo,
Que embalança da lua a argentea copia,
Como entre as folhas susurrante vento
Gemer parece, e de algum mal carpir-se,
Tu gemes, e co' o verme te comparas,
Que arrasta pelo chão a inutil vida;
E vês nas aguas, que a teus pés deslizam,
A imagem de teus dias fugitivos.

Fogem os dias, como as aguas fogem;
Mas da lua o clarão, que a agua reflecte,
Sem do logar fugir, brilhando fica;
Tal sobre a terra, onde escoára a vida,
Resta do Vate a rutilante gloria!

Quando ouve o sabiá troar nas varzeas
Do fero caçador a mortal arma,

Suffoca o sabiá seu canto, e foge :
Assim tu emmudeces, quando extruge
Da civil guerra, e da discordia o grito.
Mas quando a Patria o inimigo insulta,
Armando o braço, e reforçando o peito,
No meio dos combates te arremeças,
Como o raio, que fere, estronda, e aclara,
E após teus cantos a victoria marcha.

Vate, o qu'és tu? Es tu mortal ou nume?
Que Deos te abala o peito, e te enfurece,
Quando, como um Vulcão, que estoura em lavas,
Que accesas rolam, tua voz desatas?

Oh como é grande o Vate, que arrojado
Da terra s'ergue como a labareda,
E passeia no céo como um metéoro,
E dos labios a voz dispara em raios,
Que o vicio, e o crime ferem, polvorizam!

Canta, oh Vate! sagrados são teus cantos;
Canta, que o céo te inspira, o céo te inflamma;
Canta, que a pesar seu, te escuta o mundo,
E o vicio de te ouvir treme de medo.

Não; não és um mortal quando tu cantas!
És o Archanjo da justica eterna!
Lamina accesa, fulminante empunhas,
Com que prostras per terra a fronte ao crime,
Com outra mão elevas o homem justo.

Ou tu cantes a guerra, ou amor cantes,
Ou louves do Senhor as maravilhas,
Ou do céo as angelicas bellezas,
Ou do inferno os horrores nos retrates,
Ou sobre o esquife de um amigo chores,
Ou enfeites a campa da innocencia,
Sempre teus versos qual nectareo rócio
De ineffavel prazer a alma me embebe!

Ah não profanes o teu genio, oh Vate!
O incenso so no altar queimar-se deve!

Em lago impuro não se banha o cysne,
Que manchar teme a candida plumagem.
Imita o cysne; e como as flammas sobem
Sempre p'ra o céo, p'ra o céo teus hymnos subam.

As riquezas, que a terra ó avaro off'rece,
Mais valor para ti que o céo não tenham;
As riquezas da terra ao Vate servem
Para imagem da mystica linguagem,
Como ao bello ideal dão vida as cores.

No dia em que da lyra os sons forçados
Venderes ao tyranno em troco d'ouro,
N'esse dia o céo deixa de inspirar-te;
Quebra essa lyra, e deixa de ser Vate.

Quando a virgem do sol seu voto infringe,
Vedado lhe é tocar no sacro fogo,
D'alva c'rôa de flores a despojam,
Adornos de vestal, e o nome perde;
Assim quando uma vez, oh Vate, attende,
Venaes hymnos os labios teus verterem,

Deixarás de ser Vate; arranca a c'rôa,
E co' o sello do opprobrio entra no mundo.

Opprobrio ao Vate, que profana a lyra!
Opprobrio, infamia a quem insulta o Vate.

III.

A POESIA.

Um Deos existe, a Natureza o attesta;
A voz do tempo sua gloria entoa,
De seus prodigios se accumula o espaço;
E esse Deos, que creou milhoens de mundos,
Mal queira n'um minuto
Póde ainda crear mil mundos novos.

Aquelles que no ar leves adejam,
Aquelles que do mar no fundo habitam,
Aquelles que se arrastam sobre a terra,
E aquelles que p'ra o céo olhos elevam,
Todos humildes seu Auctor adoram.

Todos te adoram, sim, meu Deos; mas como?
Este no sol te vê, na lua aquelle,
Qual um touro te crê, qual um tyranno,
E entre sí disputando a preferencia,
Todos ufanos conhecer-te julgam,

No céo rutila o sol, e sobre a terra,
Caiem seus raios como chuva d'ouro;
Mas cada flor, um raio recebendo,
D'um esmalte diverso se colóra.

Oh tu, qu'eu amo como casta virgem!
Sim, tu és como Deos, diva Poesia!
Sim, tu és como o sol! Per toda a parte
Cultos te rendem d'uma zona á outra;

Cada mortal te off'rece
Um culto igual á força de sua alma;
Qual te julga uma virgem do Permesso,
So de ficçoens amiga;
Qual da verdade o Anjo,
Que tudo vê com olhos luminosos;
Tua voz similhante á uma torrente
Tudo abala, e com sigo arrasta tudo.

Oh Poesia, oh vida da Natura!
Oh suave perfume
D'alma humana exhalado!
Oh vital harmonia do Universo!
Tu não és um phantasma de belleza,
Fallaz sonho de mente delirante,
E da mentira a Deosa;
Tu não habitas so da Grecia os montes,
Nem so de Phebo a luz te inspira o canto!

D'alvo manto coberta roçagante,
La no meio da noite, quando a lua

So para os mortos alvejar parece,
Como a placida lampada do Templo,
Tu, encostada á Cruz do cemiterio,
Como o Anjo da morte,
Ao som d'uma harpa suspirando exhalas
De quando em quando teus sagrados psalmos;
Quando tu pausas, gemebundo o vento
Vai tambem entre os funebres cyprestes
Teus ultimos accentos murmurando.

Nas cavas sepulcraes som luctuoso
De tua voz rebôa.
Dir-se-ia que, animados per teu canto,
Os mirrados cadaveres se elevam
Do fundo dos jazigos,
E sobre as lousas curvos,
Cantam n'um côro o mystico estribilho.

Sobre o bronco alcantil de alpestre fraga
Pelos tufoens batida, e pelas ondas,
Que incessantes se entonam,

Tu, sentada, qual virgem
Do naufragio escapada,
O mar contemplas, do infinito imagem;
E depois para Deos erguendo os olhos,
Teus olhos como dous fanaes accesos,
Que dos céos co' as estrellas rivalisam,
E ao viajante ao longe o escolho indicam,
Ao compasso das vagas gemebundas,
Tua angelica voz, como um effluvio,
Do mais intimo d'alma a Deos exalças.

Sobre montes de ruínas dos Imperios,
Entre reliquias de abatido Templo,
Ao qual somente o céo de tecto serve,
E de lampada a lua, tu vagueas,
E te aprazes co' os serios pensamentos,
Que os destroços inspiram.

No campo da batalha, o chão juncado
D'ossos, que alvejam, de quebradas armas,
Que sublimes liçoens aos homens dictas!

Tu és tudo, oh Poesia!
Tu 'stas na paz, e na guerra,
Nos céos, nos astros, na terra,
No mar, na noite, e no dia!

Oh magico Nume,
Que minha alma adora,
Do céo sacro lume,
Que abrasa, e vigora
O meu coração!
Tu és o perfume,
E o esmalte das flores,
Dos soes os fulgores,
Dos céos a harmonia,
Do raio o clarão!

Tu és a alegria
D'uma alma piedosa,
E a voz luctuosa,
A voz de agonia,
Que escapa do peito,
De quem vai do leito
A terra baixar.

Tu és dos desertos
O som lamentoso,
E o echo choroso
Das vagas do mar.

Tu és a innocencia,
E o riso da infancia,
Do moço o vigor,
Do heroe a clemencia,
Do amor a constancia,
Da bella o pudor.

Tu, que cantaste o hymno da innocencia,
Quando immovel ainda repousava
No berço do Oriente a Humanidade;
Tu, que cantando sempre a acompanhaste
Nos seus dias de dor, ou de triumpho,
Acaso morrerás tambem com ella?
Ou sem ti, como um astro em seu eclipse,
Se arrastará sem vida a Humanidade,
Té de toda no tumulo sumir-se?

Quando o sol, qu' é tua imagem,
No seu zenith apagar-se,
E tudo outra vez do nada
No escuro golpho abismar-se :

Tu, qu' és a imagem do Eterno,
Terás fim n'esse momento?
On terás nova existencia
Do Senhor no pensamento?

Sim; quando tudo extinguir-se,
Guardará Deos na lembrança
De tudo, que agora existe,
Uma viva similhança.

Essa image' a Deos presente
Serás tu, oh Poesia!
Tu és do Eterno um suspiro,
Que enche o espaço de harmonia.

Veneza, maio de 1835.

IV.

DEOS, E O HOMEM.

Nos Alpes, 14 d'outubro 1834.

Quando se arrouba o pensamento humano,
E todo no infinito se concentra,
De milhoens de prodigios povoado;
Quando sobre o fastigio d' alto monte,
Como um colibre sobre altivo aderno,
Na vastidão sidérea a vista espaia;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como n'um lago em propria luz nadando,
E a noite, que se abisma no occidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pallidas estrellas semeado;

Quando dos gelos, que alcantís coroam,
Vê a enchente rolar em cataractas,
Per cem partes abrindo largo leito,
Fragas, e pinheiraes desmoronando;
Quando vê as cidades enterradas
A seus pés na planice, e negros pontos
Aqui, e alli, moverem-se sem ordem,
Como abelhas em torno da colmeia;
Então o homem se abate; um suor frio,
Como o suor que o moribundo côa,
Rega-lhe o corpo inteiro; então sua alma,
Como um subtil vapor, que o lirio exhala,
Ferido pelo raio matutino,
Se levanta da terra; então seu corpo
Como um combro de po desapparece;...
Elle está no infinito! — Então lhe trôa
Uma voz, como o echo das cavernas,
Quando os ventos nos ares se debatem;
Como um ronco do oceano repellido
Per istavel penedo; como um grito
Das entranhas da terra, quando accesas
De sua profundez lavas borbotam;

Como o rouco bramido das tormentas;
É a voz do Universo! — voz terrivel,
Porêm harmoniosa, que proclama
A existencia d'um Ser, que de sí mesmo,
Do proprio fundo seu, da força sua
Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os céos, os mundos, o oceano, a terra
É um vasto hierogliphico, é a fórma
Symbolica do Ser aos olhos do homem.
O movimento harmonico dos orbes
É o hymno eterno e mystico, que narra
Altamente de um Deos a omnipotencia.
Tudo revela Deos, — e Deos é tudo.

De tal grandeza sotoposto ao pezo,
Como si ingente mole o esmagasse,
O homem se aniquila, e desparece,
Como no fundo pégo um grão de areia.

É aqui, oh meu Deos, calcando nuvens,
Parecendo tocar o céo co' a fronte,

Qu'eu reconheço a immensidade tua.
Existe este Universo, existe o homem,
Por que de todo o Ser tu és a origem.

Aqui, para louvar teu sancto Nome,
É fraco o peito humano, é fraca a lingua,
É fraca a voz, que titubante hesita
Tão alto remontar, e no ar perder-se,
Antes que d'astro em astro repetida,
D'um céo a outro céo, d'um Anjo a outro,
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,
Como discorde som de rota lyra.

Alva nuvem, que toucas este monte,
Desce um pouco, e recebe-me em teu dorço,
Asinha ala me ao céo; na etherea plaga,
Vendo o sol de mais perto, talvez possa,
Com sua luz benefica animado,
Altissono entoar um hymno excelso,
Digno de Jehová, que eterno escuta
Dos angelicos córos a harmonia.

Abre-te, oh céo azul, que a mortaes olhos
A mansão do Senhor cioso occultas!
Abre-te, oh céo azul; deixa minha alma
Saciar-se co' a luz da Sion sancta.
Sóbe, meu pensamento, vôa, rompe
Os turbilhoens dos Cherubins, e Thronos,
Mais bellos que mil soes, mais coruscantes,
Que em vortice perenne estão ladeando
Do Eterno Padre o luminoso solio.

Oh arrojado pensamento humano,
Per mais que em teu soccorro os astros chames,
Per mais que sua luz o sol te empreste,
Seu ouro a terra, o céo a immensidade,
Os rïos a corrente, os campos flores,
Suas azas o raio, os sons a lyra,
E a noite seu mysterio, alfim si tudo
Envocado per ti, a ti se unisse,
Não podéras ainda em teus transportes
Os louvores tecer do Omnipotente!

Mas, oh Deos, que missão tens confiado
A este fraco Ser, que sobre a terra
Entre os mais Seres como um Rei se ostenta,
E unico p'ra ti erguendo os olhos,
Parece teu rival? Missão augusta
É sem dúvida a sua, e o seu destino
Não é o d' alimaria!... A Natureza
Obedece a seu mando, como s'elle
Entre Deos e a terra collocado,
Orgam fosse das leis da Providencia.

Quem a elle se oppõe? — Embalde o oceano
Com cem braços separa os continentes.
O homem desthrona os robres, e os pinheiros
Das fragas da montanha, os arremessa
Sobre a cerviz do oceano, enfreia os ventos,
E assoberbando as vagas impotentes,
Que ante seu genio quebram-se gemendo,
Triumpha, e calca o tumido elemento,
E atravessa de um polo a outro polo,
Como atravessa os ares veloz aguia.

Aqui bramando um rïo se devolve,
Qual serpente feroz medo incutindo;
Co' uma arcada de pedra o homem cobre-o;
Elle a derruba? — nova arcada o doma.

Como gigantes firmes, alinhados,
Para impedir-lhe os passos, se levantam
Inormes Alpes, açoutando as nuvens
Co'a coroa de gelo, e co'os pennachos
De branca carambina, e verdes selvas;
Não retrograda o homem, não desmaia!
Quando sobre a cimeira o sol se encosta,
E a vista desce á profundez do valle,
O sol ja no afan vencendo o encherga;
Quando transmonta o sol, o homem dá tregoas,
E descança na ja vencida estrada!
De dia em dia assim prosegue ovante;
Ora esbrôa um cabeço mais supino,
E co' as ruínas d'elle outro o nivela;
Ora sóbe, ora desce, ora torneia,
Ora penetra a regidez do monte,
Como a setta do Indio os ares rompe,

E a noite das abobadas varando,
D'outro lado vai ver o céo, e o dia!
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Tu convertes os bosques em cidades;
Marcas do sol o gyro, e o dos cometas;
Atropellas no ar o alado povo;
Nem no mar a baleia está segura,
Nem nas espessas selvas o elephante!
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Toda a terra está cheia com teu nome;
Um seculo transmitte a outro seculo
Dos teus feitos a historia portentosa;
Tu so marchas, tu so te desenvolves,
E inda não recuaste de fadiga!
Com que signal sellou a tua fronte
A mão do Creador? — D'onde descendes?
Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto?

Não, não és para mim mais um inigma!
Conheço a origem tua, e o teu destino,
Tua missão conheço sobre a terra.

A Natureza toda te respeita
Por qu'es do Creador a obra prima,
Por que transluz em ti o seu transumpto.

Não é á força tua que se curva
A terra, que se á força se curvasse,
Seria o elephante o Rei da terra.
É á tua sublime intelligencia,
É a Deos, so a Deos, que tu reflectes,
Como do sol a luz reflecte a lua.

Nas barreiras da morte tudo esbarra,
Menos o homem, que atravessa airoso,
Ahi o mortal corpo abandonando,
Para no seio entrar da Eternidade;
Assim o viajor o po sacode,
E deixa o companheiro de viagem
Manto todo coberto de poeira,
Quando á cidade desejada chega.
Alma não morre, por que Deos não morre.

Assás, oh Deos, o homem sobre a terra
Revela teu poder, tua grandeza.

A Razão, és tu mesmo; — a liberdade,
Com que prendaste o homem, não, não pode
Dominar a Razão, que te proclama!
Quando muda p'ra mim fosse a Natura,
Na Razão, que me aclara, e não é minha.
Senhor, tua existencia eu descobrira.

Eu te venero, oh Deos da Humanidade!
Meu amor o que tem para offertar-te?
Digno de ti so tem minha alma um hymno,
E esse hymno, oh meu Senhor, é o teu Nome!

Que póde o homem dar a quem dá tudo?
So em meu coração suspiros tenho,
Suspiros para todos os momentos.
De ti, Senhor, minha alma necessita,
Como de luz meus olhos, de ar meu peito.
E se me é dado a ti subir meus votos,
Se é dado pela Mãe pedir um filho,
Voem meus votos sobre accesas azas
Do sol, e tu, Senhor, propicio attende:
Nada por mim, por minha Patria tudo;
Fados brilhantes ao Brasil concede.

V.

O CHRISTIANISMO.

NA CATHEDRAL DE MILAO.

Mal que á Natura se abrem os sentidos,
E o primo pensamento alma desperta,
Logo a ideia de Deos d'ella se apossa,
E a origem sua, e o seu destino aclara.

Subito um fogo, mais que o sol brilhante,
Que as geraçoens dos tropicos abrasa,
Mais vehemente que os vulcoens da terra,

N'alma se ateia, fogo inexhaurivel,
Casto fogo de amor, que interno a lavra,
E a Deos a sóbe em espontaneo culto.

Não, o medo não foi quem sobre a terra
Os joelhos dobrou do homem primeiro,
E as mãos p'ra os céos ergueo-lhe! Não, o medo
Não foi o creador da Divindade!
Foi o espanto, o amor, a consciencia,
E a sublime effusão d'alma, e sentidos!
Vio o homem seu Deos per toda a parte,
E sua alma exaltou-se de alegria.

Mas no amoroso estasi não pára,
A interna adoração so não lhe basta,
Os transportes de fogo não se exgotam,
Não se farta de amor, que amor sagrado
É invencivel, poderosa força,
Que o espirito levanta ao infinito,
Como a attracção os orbes equilibra
Na immensidade, á qu'escapar não podem.
Deve o espaço conter a sacra imagem

De sua adoração, devem os filhos,
Os netos devem das futuras eras,
Vendo esta imagem, adorar o Eterno.

Mas, oh homem, que ousado intento é este?
Erguer um Templo a Deos!... Que per ventura
Templo o espaço não é digno do Eterno?
As montanhas, o mar, os céos, os astros
Assás não ornam do Senhor o Templo?
Ou temes que em tão vasto sanctuario
Vel-o teus olhos míopes não possam?
Como possivel é que espaço estreito
Abranja o Creador, que enche o Universo?
Mas pagas um tributo; — Elle to acceita.

Obreiro do Senhor, eia trabalha,
Sem descanço trabalha dia, e noite;
Que teu Deos não repousa um so instante,
Para a ordem manter de tantos mundos.
Ah s'elle repousasse um so minuto,
Que seria de ti, d'este Universo?

Alfim teu Templo ergueste; reuniste
Tudo que ha de mais bello sobre a terra,
E sec'los no trabalho se passaram!
Tudo aqui falla, tudo aqui revela
A força occulta, que sustenta o homem,
E o destino immortal na Eternidade.

A rigidez do marmor, e a brancura
Duração, e pureza symbolisam;
A larga baze, a altura, a esbelta fórma,
A flexa, cuja ponta as nuvens rompe,
E parece querer fugir do espaço,
A aurea Virgem, que brilha em seu fastigio,
E este povo de estatuas, que a rodeiam,
Todas de branco marmore polido,
Que a gloria do Senhor perenne cantam;
Tudo, alfim tudo sem sessar proclama,
Que o pensamento, que tão alto voa,
Que o pensamento, que taes obras cria,
Que o pensamento, que so Deos concebe,
Tem no tempo a existencia, e não se curva
A lei, que rege o habitador do espaço.

Tão simples como Deos, d'onde elle emana,
Não se aniquila como bruta mole;
Mas em louvor sem fim, a Deos unido,
Vive eternal em toda a Eternidade.

Assim é que o espirito celeste,
Que a maça humana anima, e n'ella impera,
De seu Deos concebendo a ideia pura,
Se desprende da terra, se sublima,
E do sagrado amor nas igneas azas
Sóbe ao seio do Eterno, que o gerára.

Assim é que das lampadas do Templo
Pyramides de fogo se levantam,
E se perdem no ar, como se perde
O pensamento humano no infinito

Sancta Religião, sublime, augusta,
Tu a ideia de Deos realisaste,
Que, no meio das trevas, que involviam
Alma humana, brilhou como um relampago.

Divina inspiração, tu so podias
O espirito subir ao seu Principio,
A despeito do mundo, e dos sentidos
Nem sempre verdadeiros. Tu revelas
Sacras verdades aos humanos uteis,
Que fóra de teu gremio embalde o homem
Orgulhoso procura; ao desgraçado
Occulta mão estendes caridosa:
Sempre consoladora, afavel sempre,
Que mal ha hi, que em tí cura não ache?

Ao som de tua voz mysteriosa
Os errantes selvagens suspenderam
As mãos de sangue tintas, e prostrados
Sobre a terra até-li inculta e brava,
A insólita voz tua repetiram
Em espontaneo arroubo. — A Natureza
Rio-se então, quando vio pela vez prima
Um homem abraçar o outro homem,
E em soccorro commum viver jurarem.

Quiz o homem tecer os teus louvores,
E a primeira palavra foi um hymno,

O primeiro discurso Poesia.
E o homem, que té-li solto vagava,
Fraco, impotente entre animaes ferozes,
Pelo mystico cantico attrahido,
A bronca penedia abandonando,
A viver começou em sociedade.

O genio então nasceo!—Como p'ra o mundo
Entre os astros o sol mais claro brilha,
E aos outros astros sua luz envia,
Deos o genio accendeo entre mil almas,
Para ser o fanal da Humanidade.

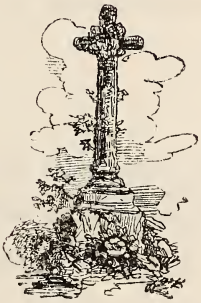
Sancta Religião, amor divino,
Que beneficios sobre a terra espalhas!
Quanto é mysterioso o Ser, que enflammas!
De quanto elle é capaz! vejo donzellas,
Roboradas per ti, vencer a morte!
Vejo feros tyrannos desthronados,
Vejo Naçoens erguidas, e cidades,
Heroes depôrem a teus pés seus louros,
As Sciencias, e as Artes florecentes,

Firme a Moral, as Leis, a Liberdade,
E a Humanidade inteira, que te abraça,
E te proclama como Mãe de tudo.

Oh das Religioens a mais perfeita,
Oh unica de Deos, e do homem digna,
Religião plantada no Calvario,
E co' o sangue do Christo alimentada!
Religião de amor, de paz, de vida!
Tu, que civilisaste a Europa toda,
E primeira na America lancaste
O germen da grandeza, á qu'ella aspira;
Tu, que marcas de Deos a magestade,
E os direitos do homem sobre a terra,
E o seu porvir sublime alem da morte;
Tu, que aclaras os povos, e co' os povos
De progresso em progresso ovante marchas,
Como a Mãe, que acompanha o caro filho,
Sem que a tua divina essencia percas;
Teus inefaveis dons benigna espalha
Sobre os filhos dos homens, sempre.... sempre.

Religião, inflamma, e purifica
Meus pensamentos, e conforto presta
Ao infeliz peregrino, que te invoca,
E que so em teu gremio paz encontra.

Milão, 17 de outubro 1834.



VI.

A INFANCIA.

Oh minha infancia! Oh estação de flores!
De innocente illusão mansão suave!
Inda hoje te apresentas
Ante mim, como a imagem fugitiva
D'um sonho, que incantou-me a phantasia,
Ou como a aurora d'um formoso dia.

Oh da infancia attractivos lisonjeiros!
Mentirosos affectos!
Com que prazer innumeros amigos

Na infancia contractamos !
E quão faceis perdemos
De ligeiras palavras agastados.

Oh como é lindo
O tenro arbusto
Na primavera !
Como parece
Que se está rindo,
Quando o balança
Zephiro brando;
Quando descança
Sobre os seus ramos
O passarinho,
E modulando
Doces reclamos,
Vai o ar visinho
Harmonisando !

Como é bello esmaltado de flores,
Exhalando balsamico aroma,
D'elle em torno voltejam amores,
E se escondem de baixo da coma.

Mas eis que o adusto
Vento do norte,
Soprando forte,
Ja o abala;
O tenro arbusto
N'este tormento
Todo se dobra;
A verde gala
Amarellece;
E o duro vento,
Que em furia cresce,
Vai arrancando
Folha per folha,
E sobre a terra
As dispersando,
Té que despido
O deixa emfim.
E tempo assim
Nos vai roubando
Gratos prazeres
Da tenra idade,
Quantos amigos

A infancia tem;
Até que vem
A puberdade
Com seus perigos;
E d'esta sorte
Chega a velhice,
Tronco gelado,
Desamparado;
Até que a morte,
Como um tufão,
Lança-o no chão!

Oh quão perto a velhice está da infancia!
E quão perto da infancia a morte adeja!

Genebra, outubro de 1834.

VII.

A MOCIDADE.

Gigante do porvir, oh Mocidade,
Erguei a fronte altiva
Entre as brancas cabeças da velhice,
Como ao sopro vital da primavera
O pimpolho gentil se desabrocha
Entre os já seccos e currados troncos.

Subi em sacro arroubo a mente vossa,
Como uma labareda;

Contemplai o passado;
Em silencio o futuro vos aguarda,
E o presente se curva ao vosso mando.

Deos em vós ateou do genio o fogo,
Que a Humanidade guia,
Como a estrella polar o navegante,
Ou como a chamejante, ignea columna,
Que o povo de Moisés guiou nos bosques;
Sagrado fogo, que jamais se extingue.

Em vosso coração palpita a vida,
O brïo, e a força os membros vos circulam,
Igneas azas vos dá o enthusiasmo,
É vulcanea vossa alma,
E d'aguia os olhos tendes,
Com que medís o espaço, o céo, e o globo.

A terra vos pertence, oh Mocidade!
P'ra vós renasce o mundo a todo o instante,
P'ra vós resplende juventude a terra;
Não envelhece o céo, nem as estrellas,
Nem se encanece o sol no longo gyro.

Em vós so se resume a Humanidade,
Que a passos graves ao través dos evos
Ovante marcha sempre fresca e joven.

O passado p'ra vós é muda estatua,
Que o grande livro aponta,
Onde a verdade, e o erro se confundem,
Como o ouro co'o po no antro da terra.
Os seculos sellaram esse livro,
Quando n'elle seus fastos transcreveram.
Eis a pagina branca,
Que aguarda os feitos vossos;
Meditai, meditai antes de enchel-a!

Quando ja fatigados do caminho,
Sobre a pedra da tumba repousardes,
Avante marcharão os filhos vossos,
E esse livro tomando-vos, um dia
Irão saber o que seus Pais fizeram.

Qual é vossa missão? Qual vossa ideia?
Oh Mocidade, um so caminho existe,

Um so trilhar vos cumpre,
Si vos apraz o bem, si o bem vos chama.
É longa a estrada asperrima e difficil!
Mas um Astro em seu fim claro rutila,
Permamente pharol, que a cor não muda;
Olhai, — vede-o ao través do nevoeiro,
Que ante vós remuínha,
Como elle immovel sua luz esparge!
Esse Astro é Deos! — Oh Mocidade, a Elle!
Ah não arrepieis, — a Elle, a Elle.

Vedes vós como s'ergue encapellado
Entre o baixel e a proa o mar em montes?
Vedes a nuvem, que no céo negreja?
O sol, que empallidece? — Ouves o ronco
Do vento horrivel, que nos ares troa?
O raio sibilante, que espedaça
Vélas, e leme; e a náo, que soluçando,
Qual nas vascas da morte o moribundo,
Nos vaivens sóbe, desce, e se debate,
Perde o rumo, o sem tino á esmo vaga,
Roça no escolho a quilha, alli recúa,

Ao capricho dos ventos, e das vagas?
Té que sanct'-elmo lhe illumine o tope,
E a salve do naufragio?
Tal é da Humanidade o fido emblema!
Tal sua marcha foi, tal é ainda,
Per mil contrarios ventos combatida!
Porêm máo-grado a furia, e a tempestade,
A Humanidade marcha; — e Deos a guia.

Forceja a humana industria
P'ra dominar o mar, pôr freio aos ares;
Quiçá que um dia os ares assoberbe,
Até-qui indomaveis,
E ás suas leis submissos,
Os mesmos ares, desdobrando as azas,
No espaço o Genio vencedor transportem.

E porque não será melhor um dia
Do que té hoje foi a Humanidade?
Si Deos mil vezes a salvou da morte,
Somente agora a deixará sozinha
Antes de realisar a augusta ideia,
Qu' é sua vida, e pola qual so lucta?

Qual é a grande ideia,
Que nem mesmo nos mais crueis revezés
Jamais abandonou a Humanidade?
A perfeição, o bem! — Ah não me illudo!
Vossa ideia será vosso destino;
Innata ideia so do Eterno se herda,
Deos em vós a gravou, verdade é ella.

Erguei os olhos vossos,
E cravai-os no céo, oh Mocidade!
Vede o astro da ecliptica,
Que, gyrando no centro do Universo,
A terra vivifica,
A terra, que vos nutre, opaca mole,
Que per elle de luz se adorna, e esmalta?
Em torno d'elle em perennal cadencia
Outros astros satellites gravitam,
Sem deslizar das orbitas traçadas;
Eis o physico mundo,
Emblema d'outro, mais sublime ainda,
Cujo Sol sempiterno enche o Universo.

Vossa alma é um satéllite d'esse Astro,
E sem a sua luz ella não fulge,
Similhante ao planeta, que vos nutre,
Que na ausencia do sol morto negreja.
Mas d'este d'Astro, que excede a mortal vista,
Sabeis a caso o Nome?
Perguntai ás estrellas, que alcatifam
Os degráos de seu solio;
Perguntai ao trovão, ao raio, ás ondas,
A terra perguntai, á aguia celeste,
E ao verme, que rasteja:
Jehová, Adonai, Deos, Harmonia,
Eis o Sol de vossa alma.

Por elle só viveis. Ah se um instante
Em centrifugo vortice deixardes
O sulco de seu dedo,
Desgarrada, e sem lei, como um metéoro,
Vos perdereis no espaço.

Gigante do porvir, oh Mocidade,
Aprendei a entoar de Deos o Nome,

Cantai, cantai da Juventude o hymno,
Marchai, louvando do Senhor a gloria,
Como nos bosques de Israel os filhos.
Ante vós fugirão espavoridos
Tyrannos inimigos,
O mar recuará as ondas suas,
Os montes vos darão doces torrentes.
Olhai, ah vede a promettida terra!
Eila! — Ovante marchai á F'licidade.
Cantai, magnificai de Deos o Nome.

Entoa, oh minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

A luz, que te aclara,
É d'Elle emanada
E a tua linguagem
Per Elle inspirada.

Embalde procuras
O bem sobre a terra,

O bem, que desejas,
So n'Elle se encerra.

No meio das ondas
O nauta mais forte
Pergunta ás estrellas
Qual é o seu norte.

Si o mar s'enfurece,
Si o vento se altera,
Invoca seu Nome,
E salvar-se espera.

Si tu sempre attenta
Seu mando escutares,
E per seus dictames
Fiel te guiares :

Que haverá, que possa
Roubarte a victoria?
O bem terás certo,
Terás certa a gloria.

Entoa, oh minha alma,
Um hymno ao Senhor,
Um hymno de gloria
Ao teu Creador.

E vós da Patria minha, oh Mocidade,
De quem os feitos celebrar desejo...
Mas por que um suspiro inopinado
O canto me entrecorta?...
Por que se apagam de meu genio as azas,
Que estendidas nos ares flammejavam,
E esmorecidas caiem, qual ferida
Pela setta do Indio
Suberba arára, no celeste vôo,
Em vortices, gemendo, baixa á terra?

Oh Mocidade, ouvi, não meus accentos,
Mas a voz da verdade,
Que em minha alma troveja,
E me treme dos ossos a medulla.

Vós sois como uma flor não bafejada
Pelo sopro vital da primavera,
Que mal nascida, languida se inclina.
As lagrimas do misero captivo
Caíram sobre vós, quando embalaram
Vosso berço seus braços;
Sangue do captiveiro alimentou-vos;
O vicio d'elle herdastes,
Senhores vos julgais, e sois escravos;
Entre feras nutrido, é fera o homem,
Doctrinado entre servos,
Affeito ao mando, a Liberdade odeia,
E o peito se endurece.
E vós cuidais ser livres!
Por vós, por vós so fallo, oh Mocidade!
Ah não me detesteis; máo-grado vosso
O mal herdastes, — mas o mal tem cura.

Ah quando bons costumes,
Pura Moral, amor nobre e celeste
Vos tomarão no berço?
Ah quando, ah quando a sã Philosophia,

Sobre vós seus fulgores espargindo,
Desthronará a tumida indolencia,
Que em vosso clima se espreguiça, e o infesta,
E as portas á Sciencia, e ás Artes feixa?
O torvo Egoismo, que p'ra sí so olha,
E tudo em sí concentra,
E os laços quebra, que os humanos liga
Em fraternal amplexo,
Quando, de vós fugindo, aos vossos olhos
Deixará, que paixoens, que alma ennobrecem,
Sublimes resplendeçam?

Alerta, oh Mocidade!
A Patria per vós chama,
E o bem da Humanidade
Vosso esforço reclama.

Alerta! erguei a fronte,
Medí vosso terreno;
E o vale, e o prado, e o monte
Se dobre ao vosso aceno.

Não diga o estrangeiro,
Que vê tantas bellezas,
Que o povo Brasileiro
É pobre entre riquezas.

Bani tanta vaidade;
Sciencia, Industria, e Artes
São so da Liberdade
Os firmes baluartes.

Erguei-vos, e sem susto
Luctai com o erro futil;
Amai tudo que é justo,
Sancto, sublime, e util.

Alerta, oh Mocidade!
A Patria per vós chama,
E o bem da Humanidade
Vosso esforço reclama.

Paris, dezembro de 1835.

VIII.

A VELHICE.

Longa foi a viagem;
Assás luctastes, descançai agora.

Depois de haver vingado alpestre monte
Desde o albor da manhã, o peregrino
Afadigado desce,
E, envolto em trevas, vai pousar no valle.

P'ra vós assás auroras madrugaram,
P'ra vós luas assás alvas luziram,
Assás de flores se esmaltou a terra,
E de fructos as arvores copadas.
Sim, sim assás gozastes;
Mas uma voz vos chama, e vos diz : — basta.

Basta! — A hora soou; a campa se abre,
E o sopro do seu antro,
Como o vapor da canica caverna
Da vida vos apaga a tenue flamma.

Basta p'ra vós, oh Velhice.
Inda o sol tem resplendores,
Inda a noite tem estrellas,
Inda a lua alvos fulgores.

Inda os prados reverdecem
E de florzinhas se arreiam,
Inda, suspensos nos ramos,
Os passarinhos gorgeiam.

Inda o zephiro sereno
Cheio de aroma, e doçura,
Fruindo o nectar das flores,
Na madrugada murmura.

Inda a cascata ruidosa
Entre saxos se despenha,
Inda o som de sua queda
Resoa ao longe na brenha.

Inda os regatos deslizam,
E as feras nos bosques rugem,
E, lambendo a branca areia,
Nas praias as ondas mugem.

Tudo respira inda vida,
A terra não 'sta mudada,
Vós so marchais, oh Velhice,
Triste, debil e curvada.

Vossos olhos se feixaram
Ao quadro da Natureza;

Em torno de vós so gyram
A morte, o horror, e a tristeza.
Tudo em seu morno silencio
Agora vos annuncia
Que a noite so vos pertence,
Que expirou p'ra vós o dia.

A noite eterna vos estende os braços,
Ah! preparai-vos para o somno eterno.

Basta! — É hora das preces.
Funereo som no Templo os bronzes vibram,
E o seu echo parece dizer — morte!

Vós pendeis vossa fronte encanecida,
Qual co' os flocos de neve a fragil ástea;
Entoastes o cantico da vida,
Entoai vosso cantico de morte;
Como o candido cysne,
Que vai descer á escuridão do lago,
Para nunca mais ver raiar a aurora.

Basta! — É hora das preces, oh Velhice,
Para o mundo acabastes.
Vossa alma resgatai do barro impuro,
O céo, qu'alma vos deo, pede vossa alma,
E a terra vosso corpo está pedindo;
Ah dai á terra o que vos deo a terra!

Mas ah, não choreis!
E por que chorais?
Si vós não sabeis
Nem o que ganhais,
Nem o que perdeis.
Perdeis a terra, é certo; mas qu' importa,
Si celeste esperança vos conforta!

Viver é sonhar,
Sonhar é dormir;
Deveis acordar,
Para ao céo subir,
P'ra no céo velar.
Acordai; — socegai o afflicto peito,
Qu' ides deixar o amargurado leito.

O pranto enxugai,
Bani o temor,
E o Nome entoai
Do Eterno Senhor;
E a Elle voai.
Vossa bençam lancai á Mocidade,
Que vai na lucta entrar da Humanidade.

Paris, janeiro de 1836.

IX.

A BELLEZA.

Oh Belleza! Oh potencia invencivel,
Que na terra despotica imperas,
Si vibras teus olhos
Quaes duas espheras,
Quem resiste a seu fogo terrivel?

Oh Belleza! Oh celeste harmonia,
Doce aroma, que as almas fascina,

Si exhalas suave
Tua voz divina,
Tudo, tudo a teus pés se estasia.

A velhice, do mundo cançada,
A teu mando resiste somente;
Porêm que te importa
A voz impotente,
Que se perde, sem ser escutada?

Diga embora que o teu juramento
Não merece a menor confiança,
Que a tua firmeza
'Sta so na mudança,
Que os teus votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas si tu te mostrares
Ante mim como um astro radiante,
De tudo esquecido,
N'esse mesmo instante,
Farei tudo que tu me ordenares,

Si até hoje rebelde, não arde
Em teu fogo amoroso meu peito,
D'estoica dureza
Não é isto effeito,
Teu vassallo serei cedo ou tarde.

Infeliz tenho sido até-ora,
Que a meus olhos te mostras severa;
Nem gozo a ventura,
Que goza uma fera;
Entretanto ninguem mais te adora.

Eu te adoro como o Anjo celeste,
Que da vida os tormentos acalma;
Oh vida da vida,
Oh alma d'esta alma,
Um teu riso siquer me não deste!

Minha lyra, que triste resoa,
Minha lyra, per ti desprezada,
Assim mesmo triste,
Assim malfadada,
Teu poder, teus incantos entoa.

Oh belleza, meus dias bafeja,
Em teu fogo minha alma devora;
Verás de que modo
Meu peito te adora,
E que incenso offertar-te deseja.

Paris, março de 1836.

X.

O MYSTERIO.

O sol empallidece, o céo se enlucta,
O raio despedaça o véo do Templo,
Soltos trovoens rebramam,
De espanto, e horror a Natureza geme,
Chora Jerusalem, tremem seus muros,
E estupefacto o povo
Entre o riso e o terror sem tino vaga.

Que sublime Mysterio o Eterno Padre
Revolve em sua mente?

Que grande sacrificio o céo consumma?
Quem é Esse que espira no Calvario
Entre dous criminosos,
Nos braços d'uma Cruz, com rosto brando,
Como si o fel da morte não provasse?

Co' o peso ingente, que supporta, o monte
Suspira a cada gota de seu sangue,
Que rega, e cai-lhe dos feridos membros.

Quem é Esse, de quem o céo, e os astros
A morte estão carpindo?
Não, não é um mortal! — Razão altiva,
Em vão procuras me occultar seu Nome!
É o Filho de Deos, que sobre a terra
Espalhou a Moral pura e celeste,
Ao homens ensinando
A verdade, o amor, e o soffrimento.
So o Filho de Deos na Cruz podia
Soffrer por nosso amor este tormento.

Homens degenerados
Sem pejo aos pés de deoses se prostravam

Tão infames como elles.
Fumega humano sangue sobre as aras
Em sacrificio á vil hypocrisia
De oraculo fingido;
E as impias mãos so impostor sagrado,
Nas palpitantes visceras pousando,
Vão depois offertar o incenso impuro
Ante o altar do crime endeosado.

Tudo do engano as trevas encobriam;
So despotas raivosos
A seu grado reinavam,
E nas publicas praças, e nos circos
So escravos em ocio pão pediam.

Como de vaga em vaga repellidos
Os restos do naufragio,
Vão na areia encalhar, tal parecia
Que a Humanidade ao fim tocado havia.

No meio d'este horror eis que apparece,
Como um iris de paz, do Eterno o Filho.

O erro confundido,
Procura em vão luctar; embalde se erguem
Fogueiras aos Christãos; espavorido
Vê o sedento algoz imbelles virgens
Com os olhos no céo vencer a morte;
E das tremulas mãos per terra caiem
A sanguineas bipennes;
Os falços deoses dos altares saiem;
E sobre o Capitolio a Cruz se eleva,
Como o signal da redempção do mundo.
Victoria, os céos entoam,
Victoria á Humanidade!
O Christo do Senhor salvou os homens.

Roma, 17 de Abril 1835.

XI.

UM PASSEIO AS TUILERIAS.

Eis-me no mundo!... Aqui presente o tenho
Todo, tal como elle é, em breve quadro!
Aqui os homens o prazer procuram,
E mil vezes aqui a dor encontram.

N'estas ruas de flores
Confundidos os sexos, as idades,
E o vicio confundido co' a virtude,
Se encontram, se abalroam.
De baixo d'estas arvores em renques,

Qu' inda de gala ha pouco se cobriam,
E ja empallidecem so co'o sopro
Longe do hinverno, como reis d'um dia,
O bem amado espera
O tardador amante;
Meditabundo aqui passeia o sabio,
E inspiraçoens recebe;
Aqui o velho ao sol as cans aquece;
Aqui após seu arco o infante corre
Inquieto e afanoso,
Como após a Fortuna corre o adulto.

Aqui sobre esta pedra solitario
O candido Filynto repousava,
Chorando a Patria, que lhe ingrata fôra,
E, máo-grado a injustiça, amando-a sempre;
Co' os Martyres nas mãos, n'alma a Poesia,
Aqui ao Luzo idioma
Immortal monumento ergueo glorioso,
Que ao lado dos Lusiadas sublimes,
Parelhas correrá co' a Eternidade.

Que immenso é o Universo! que infinito!
E tu, Senhor, tu so n'um volver d'olhos
Tudo vês, tudo alcanças!
Como é este logar tão limitado!
Entretanto o que em seus extremos faz-se
Meus olhos não distinguem.

Esta columna d'agua impetuosa,
Que compellida esguicha, e no ar se curva
Pelo vento açoutada,
D'um lado e d'outro lado vacilante,
Como um branco pennacho;
E de poeira em fórma
Cai, e tranquilla jaz no largo tanque;
Homem! é tua imagem! Assim nasces
Da terra, assim te elevas arrojado,
Assim te agita das paixoens a furia,
Assim pendes, e em po no commum fosso
Descanças, té que a voz terrivel soe
Do Archanjo do Senhor no eterno dia.

Desde que no horizonte o sol assoma,
Té que a Noite, e o silencio se annunciam,
Ondas sobre ondas incessantes entram
D'homens n'este recinto.
De quatro lados sete portas francas,
E um so não vejo em vestes, que o trabalho
E a indigencia assignalem.

Tentais embalde entrar : — ide-vos, pobres,
Ide-vos, homens ao trabalho affeitos;
Estas muralhas vossas mãos ergueram,
Vossas mãos estas portas fabricaram,
Qu' hoje ante vós se feixam;
Com o vosso suor foi amassada
A terra, qu'estas arvores sustenta,
Mas gozar não podeis da sombra sua;
Vós deveis sementar; outros que fruam.
Afastai-vos, saí, vos grita o guarda,
Aqui vós não entrais : — ide-vos, pobres.

Como um reprobo assim per toda a parte
Se expulsa com desprezo a indigencia,

Como se um crime fosse.
Aquelle hontem beijava o po da terra,
Hoje á custa de usura, e latrocinio,
Envernizado com pomposo nome,
Grande, nobre se ostenta!
Tal a serpente em torcicollos chega
Arrastando-se ao cume d'alto monte,
Que o brioso animal vingar nem tenta.

O mundo é sempre assim, é sempre o mesmo,
Os esforços, os bens da sociedade
São sempre p'ra quem menos necessita.

Nem vicio, nem virtude é a pobreza,
Nem sempre o ouro o merito distingue.

Entre estes arvoredos la diviso
Do Gigante da terra
A Columna immortal, e a estatua egregia,
Qu'inda parece ameaçar o mundo;
Alli vejo domado, e curvo o orgulho

Dos despotas dos povos;
Alli a Liberdade
Sentada está no carro da victoria,
De louros coroada, mas sombria;
Alli vejo de Deos a omnipotencia,
Qu' ergue, quando lhe apraz, do po um homem,
Para calcar dos Reis o sceptro, e o orgulho;
Alli vejo o valor, vejo a justica;
Grecia, e Roma alli vejo n'um so Genio;
Seu corpo tem per tumulo um rochedo,
Onde continuamente o Oceano chora,
Seu grande Nome a terra toda occupa.

O palacio aqui está, d'um Rei morada.
Quantas recordaçoens m'elle desperta!
Co' a mesma rapidez com que n'um sonho
As sombras se succedem,
Tal os fastos da historia se me antolham
Scena per scena em quadros animados.

Aqui Paraguassû, filha do bosque,
Do esposo ao lado entrou estasiada,

Vendo a grandeza da Européa côrte :
Um Rei lhe dêo a maõ, e uma Rainha
Da bocca sua ouvio as maravilhas
Do seu caro Brasil, então deserto.
Ah saiamos d'aqui ; que horriveis quadros
Me véem ora turbar a phantasia.

Marmoreos simulachros
Dos divinos Heroes da Grecia , e Roma,
Descerrai vossos labios ; pois que o genio
De bruta mole em homens converteo-vos,
Fallai, por Deos fallai ; eu vos conjuro ;
Dizei-me si melhores do que os de hoje
Os mortaes foram das passadas éras.
Mas vós não respondeis ; ficai ; sois pedra.

Esta escada subamos;
Como silencioso se desliza
O outr'ora ovante Sena ! Nem murmura !
Como humilde atravessa estas arcadas !
Não sois assim , da minha Patria , oh Rïos !
Oh Paraná, oh tumido Amasonas !

Eu ja te vi, oh Sena,
Altivo assoberbar estas muralhas;
Hoje mesquinho nem banhal-as podes:
Hoje o ousado menino a ti se lança.
D'um desthronado Rei és triste imagem;
Sem pompa assim caminha desprezado
Dos proprios seus, que o respeitaram, servos:
Tudo assim é na terra!

No meio estou da capital do Mundo!
Alli vejo dos sabios a morada *,
Aqui das leis o Templo **,
Entre suas columnas vagueando
Com talhe ameaçador se me figura
Do rival de Demosthenes o espectro.
D'este lado o obelisco magestoso,
Que á terra extranha os homens transplantaram,
Como um filho grosseiro dos desertos
Entre um povo, que os seculos poliram.

* O Instituto de França.

** O Palacio do Camara dos Deputados.

Sabes tu que logar marcar vieste?
Sabes tu essa cor o que nos mostra?
Esta terra, que occupas, foi outr'ora
Logar do cadafalso! foi banhada
Co' o sangue de Luiz, d'um Rei co' o sangue.

Mas o sol se retira,
E ja se enlucta o céo, e a Natureza.
Porque todos alli vão reunir-se?
Melodicos accentos de harmonia
Meus ouvidos adoçam!
Oh musica divina!
És tu, que attráhes os homens, que dispersos
Sem ordem vagueavam.
Do céo foi inspirado o que primeiro
Um som com outro som cadenciando,
Pôde dar o transumpto harmonioso
De Deos, da Sociedade, e do Universo.

Ja não vedes, meus olhos; novas trevas
Envolvem do Senhor as maravilhas.

De dia em dia assim, de noite em noite,
Horas, annos, e seculos se abysmam
No seio da perpetua Eternidade :

O homem nasce, e morre.
Tu so, meu Deos, és grande.

XII.

A AFFLICÇÃO.

Não; não é sangue, é fel envenenado,
Que em minhas veias gyra;
Não; não é vida, são espinhos irtos,
São ervadas agulhas, que incessantes
Me pungem, me traspassam, me laceram;
Não; não é ar, é o halito da morte,
Que o peito me comprime;
Não são do mundo as scenas, que me envolvem,
São as scenas do Inferno.

É possivel, meu Deos, que tanto soffra
Um misero mortal, e qu' inda viva?
Queres ver do teu servo
A alma, de padecer ja calejada,
Sem murmurar, sem blasphemar té onde
A paciencia leve?
Em mim acaso novo Job preparas?
Ou o meu coração não é de humano,
Ou a dor já o tem empedernido
Co' o reiterado embate.

Oh meu Senhor, pequeno é o meu peito,
Para conter um coração pejado
De tantas affliçoens, de angustias tantas.
Tira-me a propria vida,
Tira-me o sentimento,
Ou com triplice lamina de ferro
Fórra meu peito, e meus ouvidos cobre.

Oh dever d'homem probo!
Heide eu como uma incude duros golpes
Supportar insensivel, sem queixar-me

De quem martyrios taes sem dó me causa?
Sem dó?... E tal vez mais; sem um remorso!
Tu Zeno, assim me ensinas;
Philosophia austera,
Eu sigo a tua lei, per ti me guio.
Oh que esforço é preciso
No sec'lo do prazer, e do interesse!

Eu chorei, e meus olhos se seccaram;
Nem mais p'ra nova dor, lagrimas novas
Terei para chorar; as dores todas
Me fizeram tragar seus amargores;
Não ha mais dor, que apresentar-me possa
Nova taça de acético veneno.

O triste solitario,
Que em aspero deserto abandonado,
De improviso se vê accommettido
De crueis serpes, que o pescoço lhe atam,
E lhe os membros enleam, e lhe cravam
Agudas presas de peçonha cheias,
É a horrivel imagem

Do estado meu, do meu duro martyrio.
Mas quem poderá crer-me?
Quem póde avaliar minhas angustias?
Mimosos do prazer, eia, deixai-me,
De vossa compaixão não necessito,
Vosso riso me offende.

Estala, oh coração, estala, acaba;
Não tens uma so fibra,
Que ao golpe d'uma dor não retinisse.
Porque não deixas o meu corpo, oh alma?
Que fogo de esperança inda te anima?
Oh esperença, quasi que me foges!
Não ha consolação p'ra o desgraçado,
Que longe de seus Pais, da Patria longe,
Definha entre pezares.

Que, oh mundo, com dores so misturas
As liçoens, que nos dás? A experiencia
So com dores se colhe,
Como uma flor de espinhos guarnecida?
São inuteis os livros, e os conselhos?

É tudo a experiencia?
A experiencia é so quem nos ensina
A scienca da vida?

Oh infantil vaidade!
Vós, oh jovens, cuidais que sabeis tudo,
As paginas d'um livro apenas lendo.
Dos velhos desprezais os sãos conselhos,
E orgulhosos dizeis : — hoje a velhice
Liçoens deve tomar da Juventude;
Hoje de nossos Pais á cima estamos.
Moço sou, como vós sabio julguei-me;
Como vós illudi-me.

Hontem fagueira a sorte se mostrava,
Ria-se a Natureza,
E em sacros laços de Amizade estreita
Os homens se apertavam.
Hoje terrivel tempestade brama,
Os homens se repellem, se debatem,
Como enraivadas féras nas florestas.

Mysterioso enigma,
Inesplicavel Ser, capaz de tudo,
Fonte de vicios, de virtudes fonte,
Que edificas, que assolas, e que sempre
De ruína em ruína ovante marchas,
Como um Genio de morte,
Dize, o qu' és tu, oh homem!

Cala-se a Natureza, e so resoa
Um grito doloroso
Dos tumulos erguido,
Com um gemido de agoureiro Mocho,
Quando sobre destroços esvoaça.

No peito a destra applico,
Palpita o coração fraco e pausado,
Attento escuto, as pulsaçoens eu conto;
Não me agita o remorso,
Nem espectros a noite me apresenta;
E minha alma tranquilla na tormenta
Como um firme penedo,
Nem a sombra de um crime a escurece.
Doce consolação d'um peito afflicto!

Oh unico juiz incorruptivel,
Oh meu Deos, ante quem brilha a verdade
Mais clara do que o sol, a cujos olhos
O mais pequeno verme iguala ao homem,
E a Natura descobre seus arcanos,
Tu, que meu coração penetrar podes,
Tu so me julga, e vê si são meus erros
Iguaes ás minhas dores.

Enganar-te, oh meu Deos, não póde o homem!
Si feia iniquidade n'elle habita,
Si mereço o que soffro, ah deixa, deixa
Que os inimigos meus de mim se vinguem.
Não me attendas, Senhor; meus áis despreza.
Deixa expiar meus erros
Na terra, onde este po ao mal me prende,
Antes que eu suba ao tribunal eterno.
Mas si a innocencia em meu soccorro falla,
Mostra a verdade, salva-me, e absolve
Aquelles que me infamam;
Qu' eu os perdôo, oh Deos; per ti o juro;
Sou Christão; — e o Chistão soffre, e perdoa.

XIII.

A CONSOLAÇÃO.

Que tens? De que te queixas, desgraçado?
É da Patria a saudade, que te afflige?
São os erros dos homens? São teus erros,
Que pesam sobre ti? És criminoso?
Aborreces a vida? A morte queres?

O qu'heide eu responder? Não, oh meus labios,
Não reveleis arcanos de minha alma,
Não crimineis os homens;
Queixas inuteis são; labios, calai-vos.
Aquem não sente o mal, que importa o alheio?

Não; não sou desgraçado; estas, que soffro
Dores nos seios d'alma, que me ralam,
São os signaes d'uma lição do mundo.
Sinto a dor, mas sou grato á Providencia,
Que dest'arte me instrue, como Mãe terna,
Que so para ensinar o filho pune.

No fundo de sua alma o virtuoso
Acha quem o console na desgraça.
Desgraçado, és tu so, tu miseravel,
Tu, que não do assassino o punhal temes,
Mas o punhal da propria consciencia.

Lei é da Humanidade, e não do acaso;
Soffrer, sempre soffrer é seu destino.
A Natureza o homem bruto cria,

O mundo o aperfeiçoa
Com dores e trabalho.
Como as pedras se brunem com o attrito
No revolver das ondas,
Ou como no chrysol á chamma exposta
Se purifica a prata,
Dest'arte entregue á dor doma-se o homem.

O Templo da verdade o erro escolta
Armado de punhaes, e de flagicios;
E antes que a Humanidade entrever possa
Um claro lume do seu divo rosto,
Ah quantos são primeiros
Tristes victimas do erro,
Servindo de degráos da luz ao ingresso!

Nossos olhos lancemos no passado,
E co' o fanal da historia descubramos
Quantos martyrios nossos Pais soffreram.
Tudo o que vemos, nada é mais que a lucta
Da verdade, e do erro.
Averdade, qu' herdada hoje gozamos,

Assás regada foi com sangue humano;
Por nós desoito seculos luctaram,
E nós polo porvir luctamos hoje.

Não é fora do mundo,
Engolphado em prazeres, que embriagam,
Em brando leito languido estendido,
Rodeado de escravas, que o incensam,
Como um Rei do Oriente; nem na meza
De esplendido banquete, qual Lucullo,
Que se colhem liçoens da Experiencia.
Não; engana-se aquelle, que Epicuro
Mal enterpreta, e diz : eia, gozemos;
A vida no prazer cifra-se toda.

É nos carceres so, é nos perigos,
É quando se exilia o justo Aristides,
É quando Homero esmola o pão chorado,
É quando Galileo é perseguido,
É quando uma Nação Cromwell devora,
É quando se despenha um Rei de throno,
É quando o amigo trahe o seu amigo;

A experiencia então a voz levanta :
Solon, Solon, Solon, bem m'o dizias!

Do passado a lembrança é morta ideia;
A experiencia so, a experiencia,
Dura, severa mestra,
Per caminhos de dores, entre espinhos
Guia o incerto passo
Do mortal, que viaja sobre a terra.
A dor é da verdade companheira;
Quem busca a experiencia, a dor encontra.

Porque pois lamentar si a dor é util?
S'ella é nuncia d'um mal, de que nos cumpre
Fugir, ou evitar que recaiámos?
O fogo, que ao infante o dedo queima,
O ensina a reflectir, emquanto os mimos
Da terna Mãe mil vezes o corrompem.

Oh desgraçado aquelle
Que jamais supportou uma so mágoa,
E que de gôzo em gôzo vê seus dias
Correr tranquillamente;

Como a flor nasce, e morre,
Mas como a flor tambem nada conhece;
Existe, mas não vive,
Qu'é, sem dor, o prazer uma chimera.
Para vermos a luz, que ancias, que dores
Não soffrem nossas Mães? Mas n'esse instante
As dores maternaes, nascendo, herdamos.
Gloria, fama, saber dôres nos custam,
Até o ultimo expiro a dor nos segue;
E quem sabe si á dor põe termo a morte?

Como é feliz aquelle que levanta
Seu espirito a Deos, e com fé pura,
No meio da tormenta,
Que o mundo sem sessar contra nós arma,
Do céo auxilio espera,
Em quanto, sem consolo, o impio blasphema,
Entregue á raiva, contra Deos, e os homens.

Feliz quem assoberba a iniqua sorte;
E, para o consolar, acha a virtude,

Que benefica brilha,
Como em negra soidão placido lume
Alma esperança gera, promettendo
Asilo ao peregrino afadigado.

Feliz, feliz mil vezes, quem tranquillo
Não ouve murmurar a consciencia,
E um so crime exprobar-lhe!
E no leito da paz, ou na masmorra
Não vê punhaes em sonhos, nem phantasmas;
Mesmo quando os ruins dores lhe causem,
Como Guatemosino atado, e posto
Sobre estendidas, chammejantes brasas,
Com os olhos no céo, sereno exclama:
N'um leito estou de rosas!

Entre afiadas rodas açoutado
Com laminas de ferro,
Na cadeia, no circo, e na fogueira,
Ou alvo da calumnia,
O justo não 'stá so, Deos é com elle.
Cadeias, circo, infamia, fogo, e morte,
Tudo supera o justo.

Como as nuvens pejadas de vapores
Exhalados da terra
Do coruscante sol a face cobrem,
E per um pouco a Natureza enluctam,
Mas depois da tremenda tempestade
De mais bello cetim o céo se arreia,
E o sol raios dardeja mais brilhantes,
Assim depois da angustia, e da Calumnia
A innocencia triumpha achrysolada.

Ah não nos lamentemos,
Que quanto mais se soffre mais se alcança.
A dor so para o iniquo é um tormento.
De Zeno as leis seguindo,
Como si a não sentissimos, vivamos;
Deos existe, e nos vê; Deos so nos julga.

Paris, 5 de septembro de 1834.

XIV.

A SEPULTURA DE FILINTO ELYSIO,

NO CEMITERIO DO PÈRE LA CHAISE.

Eis-me fóra do mundo,
Nas solidoens dos mortos,
No imperio do silencio, e da tristeza,
De tum'los, e cyprestes rodeado!

Scenas aqui não ha, que aprazer possam
Aos sentidos d'aquelles que, embebidos

Nas illusoens do mundo, a morte temem,
Como o completo termo da existencia;
Cegos, que não conhecem o infinito!

A sombra d'estas arvores chorosas,
Encostado a um sepulcro,
Ocio não pasta o rico em sesta amena,
Nem quem o vero bem no engano cifra
D'este valle de angustias.

A dor esta mansão é consagrada,
E á saudade, e ás lagrimas dos vivos,
Que a Deos, eá Eternidade a mente sobem.

Aqui, sim, oh minha alma, aqui te exalta,
Sólta as prisoens do barro, que te opprime,
E vaga sem horror na immensidade.

Estas ruas de tum'los, estes templos,
Que cidade figuram,
So corruptos cadaveres habitam,
Poeira, nomes, e ossos descarnados.

Os mortos, que nos marmores repousam,
Não te encham de terror, nem os gemidos
De alguma triste esposa, ou Mãe saudosa,
Nem do vento o murmùrio,
Que merencorio soa entre os cyprestes;
Nada temas, minha alma;
Preconceitos da infancia não te gelem;
Não; sem susto vagueia;
Mal não fazem os mortos,
E so co' os vivos o temor é justo.

Oh Filinto! Oh Filinto!
Onde estás?... Escutemos...
Aqui nem mesmo os echos me respondem.
Oh meu Filinto, é esta a vez terceira,
Que incansavel te busco.
De um em um tenho lido os epitaphios
D'estas funebres campas;
O teu so não encontro.

Onde é que a ingratidão da injusta Patria,
D'essa Patria, que honraste

Co' os teus divinos carmes,
Cavou-te a humilde sepultura? — Onde?
D'ella ausente, proscripto, na miseria,
Como Camoens viveste;
Saudoso, e so por ella suspirando,
Monumentos ergueste á gloria sua,
E surda sempre foi a teus gemidos;
Como Camoens morreste na indigencia!
Mas elle ao menos expirou na Patria,
Terra da Patria lhe cobrio os ossos;
E tu? — Nem ella sabe onde repousas!

Oh desgraçada Lisia!
Ingrata Mãe de Heroes, de egregios Vates,
Assim desleixas teus preclaros filhos,
Que em fadigas se afanam
Por cingir-te de brilho immarcessivel?
Teu Vate, teu Cantor ja te exprobára,
Quando com rouca voz assim dizia,
E não do longo canto afadigado,
Mas de cantar a gente endurecida:
« O calor, com que mais se accende o engenho

Não o dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza. »

No Universo estas vozes resoaram,
Linguas cem estas vozes repetiram,
E o que fizeste, oh Lisia?
Chamaram-te Madrasta, e Mãe tyranna,
E hoje? — inda és a mesma!

Oh Patria minha, o meu Brasil, não sejas
Como Lisia cruel para teus filhos.
Ligado á sorte sua, tu soffreste
Sec'los tres os grilhoens de captiveiro;
Mas pois que sacudiste a espessa treva,
Que os olhos te vendava,
Da tua antiga Irmã vê as miserias,
E de imital-a teme.

Vejamos. — Estes myrtos tão viçosos
Ornar devem d'um Vate a sepultura.
Oh será elle? — Não; aqui descança
O coração d'um filho.

Não descancemos, vamos; que assim marcha
A Humanidade inteira,
Sem nunca descançar sobre reliquias
Das geraçoens passadas.
Cada casa é um tumulo, e de sangue,
Logar não ha na terra,
Que manchado não fôsse.
Um dia chegará a Humanidade
Ao lemite, que Deos lhe prescrevêra.

Não descancemos; vamos,
Em quanto a sepultura não acharmos
De Filinto, qu'ha tanto procuramos.

Luiza e Abailard inda no marmor,
Junctos, da morte o eterno somno dormem,
N'este gothico tumulo; mil c'roas
Suas estatuas cobrem, que os amantes
A seus pés depositam.
Qu'eu não possa pagar igual tributo!
Amor, tu me desdenhas;
Nunca um osculo teu rosciou meus labios,

Nunca de virgem olhos conduídos
Sobre mim almas chammas espargiram ;
Ah nunca fui amado !
Nascido para a dor, jamais minha alma
Em delicias de amor sonhou ao menos !

Que illustres nomes estas lousas mostram !
Estatuas, bustos, inscripçoens so vejo
De prestantes Varoens, de egregios Vates.
Ao lado d'este tumulo pomposo,
Onde d'Arte o primor o nome offusca
D'aquelle que mimoso foi da sorte,
Esta Cruz negra á sombra d'um cypreste,
Como a meu coração falla sublime!

O sol desmaia; e percursor da noite
Cinzento véo nos ares desenrola-se.
Ja fraqueio, e suor transuda a fronte.
Deixarei estes sacros aposentos,
Sem que te encontre, oh candido Filinto?
Serei tão malfadado, qu'esta c'roa
Depositar não possa em tua campa?
E sobre ella chorar, gravar meu nome?

Ah não desesperemos;
Mais um esforço. — Emfim é ella, é ella!
Nem siquer um cypreste, um myrto a cobre?
Ja lisa a pedra pelo pé do tempo
Mal indica que teve um epitaphio.
Ingrata Patria! Ingrata!
Oh tempo ao menos, carcomendo a pedra,
Tua vergonha occulta ao estrangeiro.

O meu Deos! aqui jaz desconhecido
Quem cantou dos teus Martyres a gloria
Em altisono metro harmonioso!

Reverente ante a tua sepultura,
Oh Filinto, tu vês um triste filho,
Que choroso da Patria ausente vive.
Joven, talvez hardido, ousei na lyra
Os dedos applicar, seguir teus vôos:
Sons, que desfiro rusticos, consagro
Em holocausto a Deos, e á minha Patria.
Da celeste Sion onde tua alma
Fulgurante resplende,
Um raio d'estro á minha mente vibra.

Recebe esta corôa,
Estas folhas recebe,
Que viçosas colhi na sepultura
Do immortal La Fontaine, a quem honraste [1].
Quiçá prima homenagem sejam ellas
Que ao genio teu humana mão tribute.

Possa o tempo guardar estes, que escrevo
Versos, até que algum Luso aqui chegue.

Uma lagrima dai, oh Portuguezes,
Uma lagrima ao menos a Filinto,
Ao desgraçado velho.
Assás honrou á Patria;
Em premio exilio teve. — Adeos Filinto.
. . . . . .
« Que exemplo p'ra futuros escriptores! »

* Com a traducção que fez das suas fabulas.

Paris, 28 de septembro de 1834.

XV.

UMA MANHÃ NO MONTE JURA.

Deixemos este lugubre aposento,
Estas estreitas, tortuosas ruas*,
E subamos, Amigo, este fraguedo.

Ingreme, escabrosissimo, impossivel
Parece que o vinguemos;

* De Poligny, cidade, de França, situada nas abas do monte Jura.

Mas si á nossa vontade a acção se une
O que ha na terra, que resista ao homem?
Eia, Amigo, subamos.

Ja as flores da noite alvinitentes,
Que o firmamento esmaltam,
A desmaiar começam, so co'a vista
Dos arreboes d'aurora;
Da terra alvos vapores se levantam
Em grupos, e no ar se desnovellam;
Montes bosquejam, mares, e cidades,
E nos campos se perdem do infinito,
Como agora se perde o pensamento
Na vastidão de ideias, em que vaga.

Subamos té ao cume do rochedo;
Lá, respirando um ar puro e suave,
Recebendo do sol os primos raios,
Louvores ao Altissimo entoemos.

Subamos. — Que vastissima paizagem!
Que cadeias de montes, que se abraçam,

E como torreoens, grimpas, espectros,
Para o céo se levantam!
Que tapetes de vinhas se desdobram,
E as varzeas, e as encostas alcatifam!
Que escuros tectos de mesquinhas villas
Salpicadas aqui, e alli, quaes combros
De terra, que formigas amontoam!

A tantas sensaçoens extasiada,
Minha alma se sublima, e se converte
N'um hymno harmonioso,
Em louvor do Senhor da Natureza.

A lucifera estrella alli fulgura;
Lá s'ergue o Sol n'um Oceano d'ouro,
De rubins ondeado!
Tu, que illuminas mil milhoens de povos,
Que outros tantos baixar tens visto ao nada,
E outros tantos subir ao gráo d'aquelles;
Cem, e cem vezes eu te ví radiante
Atravessar contente e vagaroso
De minha Patria os campos,

Os sêrros, e as cidades,
Como si lei não fosse o movimento,
Eterno no Brasil brilhar quizesses.
Oh Sol, ind'hontem viste essa ditosa
Patria, por quem suspiro aqui saudoso,
Patria, por quem me afano; mas si embalde,
Longe d'ella acabar prefiro ao opprobrio
De vel-a, de a gozar, e ser-lhe inutil.

Não, oh Patria, não 'stou de ti distante,
Commigo estás, é teu meu pensamento.
Um desejo violento, irresistivel,
Como a enchente, que d'alto se desaba,
Todo me occupa, e o coração me abala;
Desejo de te ver n'orbe cantada
Como a primeira das Naçoens da terra.

Descancemos, Amigo,
Descancemos um pouco, qu'é difficil
Per não trilhada, perigosa via,
Sem fadiga vencer tal penedia.

Olha, vês tu aquelle que pasmado
De baixo nos contempla, e se confunde,
Envolto na poeira,
Co' as pequenas ovelhas, que apassenta?
Quiçá qu' elle de nós dizendo esteja:
Eis dos homens té onde o arrojo chega!
Porque a plana estrada desprezaram,
Onde sem risco todos nós marchamos,
Para perigos affrontar hardidos?
Cairão, cairão; serão punidos...

Assim mesquinhos entes invejosos,
Tristes aves de agouro,
Que no charco commum patinham, grasnam,
Quando vêem remontar altivos genios
A sublimes espheras,
Esses, cuja missão é o progresso,
E das mãos arrancar da natureza
Novas, uteis verdades,
Clamam, praguejam, mas no charco morrem;
Emquanto que de céo em céo voando,
De Nação em Nação, de povo em povo,

Da Humanidade os astros bemfeitores,
Em torno a Deos, na Eternidade param
De propria luz radiantes.

Trabalhemos, Amigo, pola Patria,
So por amor da Patria,
E entreguemos a Deos nosso destino.
Se á região dos astros não subirmos,
Pyrilampos seremos nos desertos,
E aos nossos reunidos, luz daremos,
Que nas trevas quiçá ao desgarrado
Viajor encaminhe.
Trabalhemos, amigo, pola Patria,
So por amor da Patria,
E entreguemos a Deos nosso destino.

Ah subamos ainda,
E cheguemos ao tope da montanha.

Esta pedra que cái, bate, e reflecte,
E assim de semicirc'lo em semicirc'lo,

Vai rolando, e batendo, até que chega
Desfeita em mil pedaços,
É a imagem dos seres subalternos,
Que so grandes parecem pola altura,
Em que a cega ignorancia os collocára;
Mas quando se despenham, se aniquilam,
Sem que o mundo se abale, nem arrastam
Satellites comsigo,
A não ser a poeira
Que so os rodeava.
Assim muitos colossos se abysmaram,
Colossos de vaidade:
Assim se enterrarão no eterno olvido
Muitos, que a Patria nossa inda hoje opprimem
Co' o peso da ignorancia.

Nossa Patria tão bella! — Nossa Patria
Tão digna d'um porvir grande e sublime!
Eil-a, como um cadaver de gigante,
Roída per milhoens de vis insectos,
Qu'ella mesma alimenta!

Olha, Amigo, esta pallida saudade,
Que n'estas penedias se definha!
Aqui não é que vegetar devia
Flor tão cara á minha alma.
Vês tu coma ella pende a roxa fronte
Mal que a colho, e a colloco no meu peito?
Como ella o coração, que a mágoa sente,
Qu'ella co' o nome explica,
Longe da Patria, em que meus Pais habitam,
De languidez se encolhe.

Irás commigo, oh flor, terna saudade,
Inda que murcha e secca; — irás commigo, —
E acabaremos junctos.

Poligny, 7 de octubro de 1834.

XVI.

A VISTA DE ROMA.

É Roma! é Roma! é a cidade eterna!
Lá sobre a cathedral do christão mundo
De Buonaroti* o genio se levanta,
Prodio d'arte, maravilha humana
Consagrada a Deos vivo.

* Michel Angelo Buonaroti, architecto da magnifica cupula de S. Pedro, em Roma.

Entre suas ruínas, magestosa
Inda Roma se ostenta.
Inda seu nome impõe, inda respeito
E enthusiasmo gera.
Mas Roma entre ruínas se me antolha
Como essa arrependida penitente,
Que a vã pompa do mundo desprezando,
A cruz do Redemptor humilde abraça.
Em vez de capacete, esparsa a côma,
Em vez de sceptro cruz, o marcio riso
Não mais lhe habita os labios,
Nem lampejantes olhos mais incutem
Terror, vingança, e morte.
Religiosa dor hoje a sublima,
E a veste de candura, e de belleza.

Rainha das Naçoens, eu te saúdo!
Mãe illustre de Heroes do mundo espanto!
Eu te vejo, e minha alma inda duvída!
E não sentida commoção me abala.

Esta vermelha terra, árida e secca,
Qu'inda exhala mortiferos vapores,

Este inculto deserto abandonado
Dos homens, e das feras,
Onde uma flor siquer não ri-se ao menos,
Esta desolação, esta tristeza,
Este horror sepulcral, que em torno gyra
Da senhora do mundo,
Tudo alfim aqui falla, e ós olhos mostra
As sangrentas tragedias, que juncaram
Estes campos outr'ora.
De tanto sangue humano, que a ensopára,
De tanto ferro gasto, que a cobríra,
Conserva ainda a cor a esteril terra!

Porque n'estes, pejados de vapores,
Ares nuvens de córvos esvoaçam?
Porque arrancam gemidos dolorosos,
Que as carnes, e os cabellos arrepiam,
Como s'elles um mal tambem carpissem?
Odor carnefecino
Ainda exhalarão de Roma os campos?
É que não acham mais sangue, que bebam!
Cadaveres, que os cevem!

Que Romano saído do sepulcro
Reconhecer-te, oh Roma, poderia?
Que viajor, entrando em tuas portas,
Não dirá : onde estou? onde está Roma?
Si uma voz respondesse : eis aqui Roma.
Como não exclamar cheio de assombro :
Que maldição do céo caío sobre ella!

Tambem tem as Naçoens suas idades.
Joven ja foste, oh Roma!
Ja guerreiro vigor armou-te o braço;
Ja tremeram de ti milhoens de povos.
Fatigada de gloria, e ja curvada
Entre tuas ruínas
Hoje tu tremes, como uma Rainha
Annosa sobre o throno,
Que em annos juvenis calcára ufana.
Hoje so em teu Deos arrimo encontras,
So a Religião te ampara a fronte,
Que co'o peso dos seculos ja pende.

Sem este novo Deos morta ja fôras.
Teus velhos Deoses á paixoens sujeitos,
Teus senhores, teus Neros, e teus filhos,
Degenerada raça
Dos Brutos, e Catoens, raça maldita
Nos mais nefandos crimes so nutrida,
Tudo alfim te arrastava ó horror, e á morte,
E te ía despenhar na sepultura.
Mas um Deos novo te salvou do abysmo;
Novas virtudes deo-te, graça nova,
E tu por elle so inda hoje vives.

Da guerra o Genio, que nas pugnas véla,
E o pacifio Genio, que o destino
Dos Imperios preside,
Entorpecidos de fadigas tantas,
Entre a poeira das ruínas tuas,
Cobertos de laureis, prostrados jazem.

Co' a espada o antigo mundo amedrontavas,
Co' a Scienca, e a Razão guiaste o novo;
Sim; a gloria perdeste dos combates,
Mas alcancaste da Sciencia a gloria.

Ignora o mundo teu porvir augusto,
Que ao mundo occulta Deos seu pensamento;
Mas tu despertarás á voz d'um Genio,
Do somno, em que te abysmas.
Dorme, dorme, que o Tempo não perece;
Dorme, que um Dia te erguerás mais bella;
Dorme, té que a trombeta do teu Anjo
No mausoléo resôe de Adriano*.
Os designios de Deos serão cumpridos;
Não, tu não morrerás, cidade eterna.

Roma. Dezembro 1834.

* Hoje Castello de S. Angelo.

XVII.

O DIA DE ANNO BOM DE 1835.

Vai-te, vai-te.... Sepulta-te, e não surjas
Do abysmo do passado,
Anno, que para mim um sec'lo foste
De continuos tormentos.

Vai-te, vai-te... Nem mais lembrança tua
A mente atribulada me ennegreça,

Desapparece, passa como a nuvem,
Que o funebre pallor da lua augmenta
Em socegada noite;
Como um sonho, que agita a phantasia
De adormecido enfermo;
Ou como um pensamento mal formado
No delirio da febre.

Mas como te olvidar, si a consciencia
Ao grito da vontade se rebella?
E acintosa a memoria inda conserva
Tua lembrança triste?
E sem sessar trahidora phantasia
Mão-grado meu me está representando
Mil desgostosas scenas?

Eterna ficará tua lembrança
A minha alma presente,
Para me despertar d'amarga vida
Os passados revezes,
Como ao lado do altar pendente voto,
O naufragio recorda, e o salvamento.

Como depois de borrascosa noite,
Rutila alva serena,
Do seio do futuro inexhaurivel,
Novo anno, sai, assoma mais fagueiro,
E as lagrimas me estanca,
Que, pela dor mil vezes arrancadas,
Do coração aos olhos me subiam.

Faze qu'esta illusão, qu' alma consola,
Esta esperança, ultimo refugio,
Que na desgraça o malfadado encontra,
Nuncio seja p'ra mim de melhor sorte.
Sê meu Iris de paz, e o meu sanct'elmo.
Assás desditas minhas me auctorisam
A merecer-te ao menos um sorriso;
Assás p'ra um so favor soffrido tenho.

Esta, qu' ora desfructo, paz serena,
Este descanço, que piedosa dextra
Outorga a meu espirito agitado,
Este celeste sopro
D'alma ventura, qu'eu respiro agora,
Esta luz, que me aclara,

Ja deixa-me entrever porvir brilhante,
E o horizonte da Patria me apresenta,
Da longe Patria, tão per mim chorada.

Vem, anno novo, vem; traze-me alegres
Noticias de meus Pais, da Patria minha.
Traze-me este consolo,
Este consolo ao menos, que me afague
Na distancia em que vivo.
Outra ambição não tenho, outra... E o que póde,
Minha alma cubiçar de mor valia?
Coração como o meu, ermo de inveja,
Izento de vaidade, a pouco aspira,
So de nobres desejos se alimenta.

E tornarei a ver-te, oh Patria cara?
Teus montes saudarei; tuas florestas?
Teus rïos? Eo teu céo azul sem nódoa?
Ainda abraçarei os Pais annosos?
Mas em que dia? Quando? Como tarda!

Vem, anno novo, vem, minha esperança;
Por ti eu suspirava.

Como um amante polo bem amado.
Vem, oh nuncio de paz, vem consolar-me.
Oxalá que não toques ao teu termo
Antes qu'eu volte ao paternal albergue.

Roma.

XVIII.

AS RUINAS DE ROMA,

A CLARIDADE DA LUA.

Oh que espectaculo funebre e sublime!
Aqui foi Roma! — Aqui ergueo-se altiva
A Senhora do Mundo!
E de tanta grandeza eis o que resta!

Quantas trombetas no Universo soam,
E os fastos marciaes da augusta Roma

Sonorosas proclamam!
Quantas vozes de Roma o nome entoam!
Mas uma vista so d'estas reliquias,
Estas columnas, qu'inda se sustentam
Meias fóra das covas, meias dentro,
Como espectros alçados dos sepulcros;
Este mesmo silencio, tudo falla,
Sem turbar os sentidos assombrados!
Oh grandezas, quão perto estais do nada!

Eu saudei-vos, ruínas, quando o dia
Sobre vós seus fulgores entornava,
Vosso florido manto realçando;
Quão longe então estaveis
D'esta mystica, horrivel magestade!
Oh que não é o sol o astro dos mortos!
Nem se cóbre de purpura o cadaver!

Tu és, oh lua, o astro das ruínas!
Na abobada celeste solitaria
Placida alvejas, de pallor tingindo
Estes negros destroços,

Como tremula lampada suspensa
No asylo dos finados,
Que so das trevas o horror aclara,
Para mais realçar o horror dos mortos.

Como uma ave de agouro em clima estranho,
De tão longiquas plagas transportado,
Plagas inda dos homens ignoradas
Quando já tudo isto era ruína,
Eis-me aqui sobre o monte palatino!
E amanhã? — So Deos sabe onde acharei-me!

Oh po erguido! oh pedras! oh ruínas!
Que sublimes liçoens estais dictando
N'essa muda linguagem dos sepulcros!
Oh desgraçado o povo, que as não ouve!
Desgraçado quem não as comprehende!
Vós sois mais eloquentes
Que os vossos Oradores, cujas vozes
Vezes mil n'outros tempos echoastes:
Vossa vóz so nos seios d'alma soa,
Como a terrivel voz da consciencia,

Ou como o gelo, que entorpece o corpo,
E a vida toda ao coração concentra.

O que ha-hi mais sublime, qu'esse Mario,
Genio de morte, um homem curvo á morte,
Sentado nas ruínas d'um Imperio?
Seu rosto baço... seu olhar sombrio...
Que ideia o pensamento lhe revolve?
Quem não dirá que em torno d'elle gyram
Das ruínas erguidos
Milhoens de espectros, cujas negras sombras
Em seu feroz semblante se desenham?
Quem não dirá qu'elle ouve
Carpidores gemidos,
Magoados queixumes
De angustiadas Mães, de tristes orfãos,
Que lhe pedem seu pão, e o amaldiçoam?

Da Humanidade inteira és symb'lo, oh Mario!
Do po tirada pela mão do Eterno,
Desde o berço do sol té seu sepulcro,
Quantas soffrido tem vicissitudes?

Quantas phases tem tido? E marcha ainda!
Quantas vezes, na marcha tortuosa,
Como o baixel no mar, que o vento busca,
Longas calmas soffrêo, longas tormentas?

E qual o fim será da Humanidade?
Que porto a Providencia lhe destina?
Mas quem póde do seio do futuro
Arrancar este arcano?
Confia, Humanidade, em teu Piloto,
Confia; a Providencia é quem te guia.

Oh Deos, Mario tambem serás um dia!
A vista espraiarás pelo Universo,
E so verás ruínas!...
E todos esses luminosos Mundos,
Do sanctuario teu fanaes brilhantes,
Ter-se-hão extinguido!
E a quem dirás então? — Eis-me sozinho
Sentado nas ruínas do Universo,
Concentrado em mim mesmo, no infinito;

Dei fim á Humanidade; eil-a em poeira;
Co' um sofro de meus labios sumî tudo!

Quem te ouvirá, oh Deos?—A Eternidade!
Oh futuro, oh futuro inaccessivel
Aos mortaes olhos, só a Deos presente!

Oh po erguido! oh pedras! oh ruínas!
Ah quantas geraçoens aqui passaram,
Cujos passos impressos na poeira
O vento dissipou, como seus nomes
Pela esponja do tempo limpos foram!
De quantas scenas testemunhas fostes!
Que infamias vistes, que crueis delictos
Inda aos homens occultos!
Que batalhas! que horrores!

Que milhoens de cadaveres caíram
Entre estes sete montes, como pedras
Despegado se tem destas ruínas!
Tudo isto era um so monte,
Era um vasto redil de armentio gado [1].

Que accesa lava em borbotão fervendo
Engulio estes Templos?
Que estragador, ardente meteóro,
Despejado do Inferno, talou tudo?
Oh Guiscard! oh Guiscard! estas muralhas
Escapadas do incendio, e enfumaçadas
Inda te chamam fero, inda te accusam[2]!

Lá 'sta o Capitolio!
Quantos captivos Reis ao carro atados
Do seu triumphador alli subiram!
Alli Manlio morou; d'alli a um passo*
Foi as aguas mortaes beber do Tibre[3].
Aquelles muros Catilina viram,
E aos accentos de Cicero tremeram.
Alli se decretava a libertade,
E a escravidão dos Reis, e dos Imperios.
Alli entre punhaes expirou Cesar,
So por querer cingir a calva fronte
Co' o diadema real, depondo os louros;
Mas o que ao grande Cesar foi negado,

* A rocha Tarpeia.

Tiberios, e Caligulas tiveram!
Tanto dos homens a injustiça póde.

Ah saiámos daqui, que profanado
Foi este monte, habitação dos Gracchos,
E do immortal philosopho de Tusculo*,
Pelo mais ruîm tyranno;
Eis seu palacio d'ouro;
Nero aqui se entregava aos seus delirios.
Lá pallideja[4] ao longe aquella torre,
Como um phantasma co' o clarão da lua!
Alli ria-se Nero
Com satanicos olhos scintillantes,
Nos quaes de Roma a imagem se pintava
Envolta em crepitantes labaredas,
E o povo que espirava emmaranhado
Entre as ondas de fogo, e de fumaça.
Cantor do inferno, o monstro, o parricida
Tanto horror celebrava ao som da Lyra!
Oh que o seu coração era de ferro!

* Cicero.

Os horridos gemidos,
Os gritos d'agonia
Das moribundas victimas das chammas
Aos ouvidos de Nero acordos eram.

Este, Jerusalem, co' os teus despojos
Arco se erguêo a Titus triumphante.
Este outro a Constantino,
Vencedor de Maxencio, e de Lucinios,
Heroe, que a Cruz alçou no Capitolio,
Aras pagans a Christo consagrando.

Mas silencio... Silencio... Ouço gemidos,
Que se escapam d'alli entre as arcadas
Do Flavio amphitheatro *!
Quem a esta hora geme?
Estas pedras serão? espectadoras
Outr'ora de crueis, sangrentas scenas,
Que duídas talvez inda hoje chorem,
Quando homens, que as pizavam, se alegravam
Co' o espectaculo infame?

* Mais conhecido com o nome de Coliseo.

Não, não; são os Christãos, são penitentes,
Que abraçados co' a Cruz prostrados jazem,
E choram sobre o chão de po, e sangue,
As palavras ouvindo do Erimita[5],
Que n'alma lhes embebe a Eternidade.
Orai, christãos, orai; pedí o Eterno,
Por vós, por vossos Pais, por vossos Filhos.

Que sons funereos de sagrados bronzes
Longos vão reboando
N'estas immensas, lugubres abobadas?
Oh meu Deos, que terrivel pensamento
Estes sons repetidos me despertam!
Aquella vasta cupula, que o Genio
Nos ares collocou em gloria tua,
Que ás Egypcias pyramides mais alta;
Aquella torre, d'onde agora partem
Os sons, qu'estas abobadas echoam,
Todo aquelle suberbo monumento,
Rico de mil prodigios espantosos,
Tudo isso cairá!... Será ruínas!
Futuras geraçoens sobre seus combros

De mausoleos, de estatuas, de columnas
Subirão, oh meu Deos; e a essas pedras
Perguntarão : que mãos vos elevaram ?
Que mãos vos destruiram ?

Ind' hoje eu vi o sol, n'um lago d'ouro
Entre montanhas de rubins accesos,
Atrás d'aquella cupula occultar-se.
Pois bem, oh sol, tu passarás um dia
N'esse mesmo logar, onde declinas;
Não ouvirás os sons religiosos
Dos orgãos, que hoje escutas;
Descoberto verás o sanctuario,
Prostradas as columnas em pedaços,
Quebrados os altares,
Aberto, e destruido o Vaticano;
Ahi se aninharão nocturnas aves,
Reptis passearão na relva e musgo;
E apenas ouvirás seus tristes guinchos.
E o que dirás, oh sol, de tanto estrago ?
Tu dirás, sem parar em tua marcha :
— Mais que as obras dos homens,

De Deos duram as obras.
Tudo o que é dos mortaes, a morte sella.
Jamais minguei de luz, tanta luz dando
Desde que Jehová do cáhos tirou-me.
Por que caíste, oh Templo?
Tu, que espanto do mundo outr'ora foste?
Tu, que outr'ora suberbo
Meu luminoso Oceano dividias,
Erguendo tua sombra até meu rosto?

Quantas vezes o filho a terra piza,
Que o cadaver do Pai, ou Mãe encobre,
Inda enfeitado co'as herdadas joias?
Assim da prisca Roma a filha herdeira
Da pompa sua, magestosa s'ergue
Sobre o immenso esqueleto mutilado,
Da augusta Soberana.
Filha da Roma, cairás como ella!

Estes desenterrados obeliscos,
Que agora entre teus muros se levantam,
Arrancados do Egypto, quantas quédas

De cidades teem visto, e terão inda
Novos leitos no po de Imperios novos!
Filha de Roma, cairás como ella!

As obras dos mortaes como elles morrem;
Nem duram as cidades mais que os cedros,
Que espontanea produz a Natureza;
Nova planta da extincta se alimenta.
Phenis é o Universo,
Que, p'ra morrer, renasce a cada instante.
Tudo o que o homem vê morte respira;
E se tu, oh meu Deos, não és eterno,
O que é eterno então? — Nada é eterno?
Será tudo no Mundo transitorio?
E o dever, e a justicia em que se firmam?
Oh Razão, o qu'és tu? — Impios, calai-vos,
Loucos sois delirantes.
Não, oh sabio Spinosa,
Tu não eras atheo[6], não te entenderam;
Um Deos ha sempitermo, o Ser dos Seres.

Filha de Roma, cairás como ella.
Outra herdará teu nome, e teus thesouros,
E com tuas riquezas adornada,
Seu assento fará de teu sepulcro.
Mas quando este Universo se aniquile,
Na memoria de Deos serás eterna.

Roma, 25 de janeiro de 1835.

XIX.

O RISO DA FORTUNA.

Não te rias, oh fortuna!
Teu riso m'é suspeitoso;
Contra a desgraça não clamo,
Não quero ser venturoso.

Vai-te, oh fortuna,
Não me atormentes,
Eu não te creio,
Em tudo mentes.

Emquanto te procurava,
Dura foste p'ra commigo;
Ja cançado de chamar-te,
Na desgraça achei abrigo.

Vai-te, oh fortuna,
Não, me atormentes,
Eu não te creio,
Em tudo mentes.

Por cousa tão transitoria
É loucura amofinar-nos;
Os bens, qu'hoje nos outorgas,
Amanhã pódes tirar-nos.

Vai-te, oh fortuna, etc., etc.

Eu com pouco me contento,
Conformei-me co'a desgraça;
Ja me tenho por ditoso,
Eu regeito a tua graça.

Vai-te, oh fortuna, etc., etc.

Nunca busquei a desgraça,
Mas alfim sou desgrado;
Por males, qu'eu não conheço,
Eu não troco o meu estado.

Vai-te, oh fortuna, etc., etc.

Rapidos passam os dias,
E a cada passo, que damos,
P'ra morte, que é sempre certa,
Ligeiramente marchamos.

Vai-te, oh fortuna, etc., etc.

É so ditoso na terra
Quem vive em paz com sua alma,
Quem das penas, que aqui soffre,
So do céo espera a palma.

Vai-te, oh fortuna, etc., etc.

Albano, março de 1835.

XX.

O SUSPIRO A PATRIA.

ROMA, NO COLISEO.

Ja que do coração rompeste os seios,
Onde terna saudade te gerára,
E quando mais minha alma nas da Patria
Ideias se engolphava,
Da clausura do peito te escapaste,
Onde mais não cabias,
Fugitivo roçando inertes labios,

Triste suspiro meu!... Ja que teu echo
O silencio quebrou mysterioso
Do sepulcral horror d'este recinto;
Sai, oh suspiro! sai... Não mais resoes,
Inutil não te percas,
N'estas longas abobadas quebradas,
Murmurando tu so de estancia em estancia,
Como um lugubre som d'ave nocturna,
A quem prazem as trevas, e os destroços.

Teu doloroso som, repercutido
Na opposta parte, tal pavor inspira,
Que um gemido parece das entranhas
D'esta immensa ruína;
Eu mesmo, que exhalei-te, eu mesmo tremo,
E mortos tremeriam, si te ouvissem;
Que farão os viventes!

Hirtos na fronte tenho inda os cabellos,
Frio, trêmulo o corpo,
Como um tronco de gelo ao vento exposto;
E o mesmo coração, onde habitaste,

Se apavora, e suspenso per um pouco,
Recobrando de novo o movimento,
Com desusada força ora palpita,
E monótono soa,
Como soa o martello sobre a incude.

Temo de os olhos descerrar ás trevas,
E de ver coroado o amphitheatro
De alvas sombras de mortos, e de espectros,
Que para mais terror me pinta a mente.

Voa, suspiro meu, voa, não tardes;
Nuncio vai ser do estado em que me deixas.
O caminho te indico; aos ares sóbe;
Deixa de Roma os solitarios campos,
Esta terra de sangue, e de cadaveres,
E ás praias chega da querida Patria.
Tão longes praias! — Quem me dera eu vel-as!

Mas no longo trajecto
Por mim vai os logares visitando,
Per onde eu ja passei triste e saudoso.

Oh! quão gratas que são reminiscencias!
D'ellas compõe-se a vida,
Os prazeres são ellas da velhice.
Do afadigado albor d'um curto dia
Eis tudo o que nos fica!

Toma a Flaminia estrada;
Passa o pallido Tibre, outr'ora rubro,
Quando o campo cedêo a Constantino
O barbaro Maxencio;
Verás Assís no cimo da collina
As cinzas adorar do sancto filho *.

Do Trasimeno ás margens **
A poeira verás de ossos Romanos,
E um susurro ouvivás, que diz: — Hanníbal!

Chega aos campos, que o Arno fertiliza;
Entra em Florença, e em Sancta Cruz *** visita

* São Francisco de Assís, cujas cinzas estão na convento de sua patria.

** Hoje lago de Perugia.

*** Igreja de Santa Croce chamada o Pantheon Florentino, onde estão os tumulos de alguns homens celebres de Italia.

De Dante a sepultura;
Sentado está com merencorio gesto;
Dir-se-ha qu'inda do Inferno horridas scenas
Se lhe antholham, e o misero Ugolino
Mirrado entre cadaveres corruptos
Dos innocentes filhos, miserandos,
Como esfaimado tigre ossos roendo.
Pousa na dextra o rosto, e co'a sinistra
Sustenta o immortal livro;
Chora de um lado a Poesia, e d'outro
Italia veneranda está dizendo:
— ONORATE L'ALTISSIMO POETA. * —

Buonaroti, Alfieri, Machiavelli,
Verás ahi tambem, tudo saúda;
Nem a Toscana deixes sem que vejas
Essa Pisa, onde as Artes renasceram.
Contempla de Bosqueto a maravilha **,
O Campo Sancto, a torre, que pendende

* A estatua alegorica representando a Italia aponta para este lettreiro, que está gravado aos pés da estatua de Dante Alighieri.

** A cathedral de Pisa é obra do architecto Bosqueto,

Ameaça caïr como um gigante.
Vai ouvir o susurro de teu vôo
N'esse Musêo de mortos de Bolonha.

Ligeiro passa per Modena, e Parma,
Passa de Lódi a celebrada ponte,
Essa que o peso supportou ingente
Do Genio das victorias.

Passa o Apenino, e o Pô, e a Milão chega,
E em sua Cathedral mysteriosa,
Que prostrado me vio venerabundo,
Ao som do orgam sagrado, que reboa
Nas gothicas abobadas, respira
Religioso accento.

Mensageiro de dor, ah não visites
Outros logares, que o prazer inspirem.
Cança o prazer ao homem quando é longo,
Mas tu, melancolia, jamais canças
Aquem d'alma os arroubos saboreia.

Pela margem do lago *, que tranquillo,
Azul, celeste e puro,
A vida da innocencia symbolisa,
Os Alpes busca, per Heroes trilhado;
Os Alpes, como braços da Natura
Erguidos para o céo, e a Deos adoram.

Sóbe o Simplão, penetra as galerias;
Si o nome do Brasil na pedra achares,
Minha mão o gravou, beija esse nome.
N'outra pedra verás meu nome escripto,
Si os gelos o não cobrem;
Sentado ahi subí meu pensamento
Té o throno de Deos, e pola Patria
Meus votos dirigí-lhe.

Desce, verás de Brigg argenteos cumes **,
Que igneos raios reflectem, simulando
Claros elmos de exercito em parada.
Continûa teu vôo; Sion passa,

* Lago maggiore.

** As torres, e os zimborios de Brigg são todos coroados de bolas de ferro branco, e com os raios do sol luzem como si de prata fossem.

Chega á bella Genebra, que se espelha
No lago cor do céo, e no seu Rhódano,
Que o remanço do lago veloz deixa,
Para ir levar fertilidade aos campos,
Como, mal que desperta, ao leito foge,
E asinha o lavrador busca o trabalho.

Da infancia de Rousseau deixando o berço,
Pobres villas da França irás passando,
Ricas cidades vendo.
A Poligny chegando, a rocha * vinga,
E na gothica estancia, que talhada
Foi ahi pela mão da Natureza,
Brasil, lerás nas rusticas pilastras.
N' uma aba da montanha, juncto á estrada,
Onde occulto desliza manso arroio,
Acharás uma imagem veneranda
Da rainha dos céos tres vezes pura,
Dos christãos caminhantes protectora;
Inda a seus pés verás murchas saudades,

* O monte Jura. Veja-se p. 127. *Uma Manhã no monte Jura.*

Per minhas mãos colhidas na montanha.
De cidade em cidade irás vagando;
Entra em Paris, Rainha das cidades.
Mas ah, triste suspiro,
Si esses ares alegres te abrandarem,
Si o seu buliço perturbar teu vôo,
Dos mortos no jardim * vai acoutar-te,
E entre jazigos tua dor recobra.
Como me apraz dos mortos o remanço!
Como dos myrtos sepulcraes o aroma
Faz o prazer gostar da Eternidade!
Oh grata habitação! Oh paz suave!
Quando ás minhas fadigas porei termo?
Oh! meu suspiro, si acabar podesses
Entre outros mil suspiros confundido
N'essa doce mansão! — Mas não, tens inda
De dar tua mensagem.

Passa a sombria patria de Corneille **
Onde se ergue o honroso monumento

* O cemiterio do Père La Chaise.
** Corneille nasceo em Ruão em 1606.

Da magnanima Virgem,
Pelo céo inspirada,
Que a fereza dos homens queimou viva *.

Pelas margens do Sena ao Oceano voa,
O Oceano atravessa, tão profundo
Como a dor de minha alma;
Passa o Oceano, imagem do infinito.
Entrarás n'um immenso ancoradouro,
D'altissimas montanhas torneiado,
Onde repousa perennal verdura,
Que as espadoas dos montes engrinalda.
Oh sem par maravilha!
Resupino, grandissimo gigante
Ao longe assoma, e do Janeiro a barra
Ao viajor cançado patenteia!
Igual outro não ha; errar não podes.
Ahi é qu'eu te mando;
Essa é a Patria minha, a Patria amada,
Que a vida dêo a quem me dêo a vida!
Ahi respira ainda a Mãe annosa,

* Joanne d'Arc (Pucelle d'Orléans) queimada em Ruão em 1431.

O encanecido Pai, e irmãos queridos!
Verás si para amal-a razão tenho!
Mas não me capta amor grandeza sua;
Pobre fosse ella, pequenina aldeia,
Por ella meu amor igual seria,
Que este nome de Patria é tão suave,
Como o nome de Mãe, de Pai, de Amigo,
E a Mãe, e o Pai, e o Amigo índa que pobres
A um nobre coração gratos são sempre.

Venturoso suspiro,
Antes que em doce riso te convertas,
N'esse magico céo da Patria minha,
A Paternal mançção ligeiro voa,
Como o meu pensamento;
Beija dos caros Pais as mãos rugosas,
E soluçando diz-lhes,
Que o filho humilde a Deos rogando fica
Por elles, pola Patria;
Sobre os restos de Roma, pensativo,
Um suspiro exhalou, que á Patria envia.

Roma, 20 de Fevereiro de 1835.

XXI.

AO MEU ILLUSTRE MESTRE E AMIGO

O REVERENDISSIMO SENHOR

P. M. Fr. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE.

Eis-me em Roma! Da Patria tão distante!
Inda de vós conservo tal lembrança,
Que ás vezes se me antolha a imagem vossa;
A ella me dirijo, fallo, escuto,
E cuido qu'ella me ouve, e me responde.
Como de um tão bom Mestre, tão Amigo
Poderá o discipulo esquecer-se?

Quantas vezes aqui nos sacros Templos,
Ouço sanctas palavras d'estes Padres,
Cuido ver-vos no pulpito elevado,
Mas desconheço as vozes, e nem sinto
Bater-me o coração dilacerado
Da grave dor christã, nem em transportes
Subir minha alma ao céo como um effluvio
Da flor erguido; então saudoso exclamo:
Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!

Roma é bella, é sublime, é um thesouro
De milhoens de riquezas, toda a Italia
É um vasto Musêo de maravilhas.
Eis o qu'eu dizer posso, esta é a Patria
Do pintor, do philosopho, e do vate.

Embalde eu Roma invoco, e o Genio empenho,
Para um quadro traçar d'estes prodigios;
Sem cessar uma voz me falla n'alma:
Da louca pertenção, que te allucina,
Desiste, oh phantasia; não te é dado
Achar uma linguagem tão fecunda,

Tão sublimes imagens com que pintes
Dignamente esta immensa maravilha.

Como é possivel descrever ao vivo
Todo o horror da montanha que vomita
Fogo, lavas, e fumo do ancho seio?
Quem póde retratar a magestade
Do vasto Colisêo, quando o argenteia
Placida lua, que no céo fulgura,
Seus raios pelas fendas enfiando?
As projectadas sombras como espectros,
Rotos muros, longuissimas abobadas,
Um gemido escapado de repente
Do pobre, qu'ante a Cruz seus males chora,
Um funebre arquejar d'ave sinistra,
Uma voz, que alem soa murmurando?
Quem narrar póde os pensamentos todos,
Que d'alma em torno em turbilhoens volteiam
Inda mais pavorosos que as ruínas?

Quem, penetrando as negras catacumbas
Escondidas da terra nas entranhas,

Dos martyres christãos leitos de morte,
Onde não entra o sol, nem entra a lua,
E so pequena luz na mão do guia
Trémula, moribunda bruxoleia,
Como pallida estrella, ou como um olho
Do genio habitador daquellas trevas;
Quem não se enche de horror? Quem fallar póde?
So ver, e emmudecer; a lingua é fraca.
As grandes commoçoens não se descrevem.

Como é tão eloquente a lisa pedra
Que so diz : — Aqui jaz Torquato Tasso!
Quando todos os marmores unidos,
Inda assim receber não poderiam
Seus versos immortaes por epitaphio!

Assim, eu receiando dizer pouco,
Não podendo pintar tanta grandeza,
Eloquente serei nada dizendo.

Roma, Abril de 1835.

AO ILL^mo E EX^mo SN^or

José Joaquim da Rocha,

DIGNATARIO DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO,

DEPUTADO DA EX-ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DO BRASIL,

EX-MINISTRO PLENIPOTENCIARIO NAS CORTES DE PARIS, E DE ROMA, ETC., ETC.

Os serviços que vós prestastes á Patria, o amor, e o respeito que vos consagraram os Brasileiros residentes em Paris, o Titulo de Pai com que elles vos honraram, o legitimo pesar, e as lagrimas, que vós vistes correr de seus olhos, no momento em que d'elles vos separastes, que bem previam elles que um vacuo tinha de ficar em seus coraçoens; são os justos motivos que me inspiraram estes mesquinhos versos, que hoje vos offereço. Possam elles ser tão gratos á vossa alma, como a todos nos será grata vossa lembrança.

D. T. G. de Magalhaens.

Roma, Abril de 1835.

XXII.

Folga minha alma, quando se me antolha
A candida virtude,
E Varoens dignos de louvor me mostra.
Eu me prostro a seus pés venerabundo;
Que a mente minha, de louvar anciosa,
Encomios jamais nega á Heroicidade.

Appareça, quem ja colheo aromas,
Que a minha dextra impura
Nas aras da lizonja profanára.
Descerra os labios, rígida virtude,
Dize si ouvidos teus ja se irritaram,
Si coraste de pejo ao ouvir meus cantos?

Não, não, tu me respondes; fiel sempre
Aos sacros meus dictames,
Hymnos teceste á Patria, á Liberdade,
E a Varoens benemeritos, que eu prezo.
Canta, canta; qu'é esse o unico premio
De quem sem egoismo á Patria serve.

Orgam é da verdade a consciencia;
E da virtude é orgam
O coração, que falla, e nunca mente.
Firme Varão, immovel nas tormentas
Que vezes o Brasil amendrontaram,
Rocha, quem no Brasil teu nome ignora?

Tu foste um dos primeiros, que firmaram
A Independencia nossa.
De tua alma o vigor, e o enthusiasmo,
Os povos animavam, que te ouviam;
E unindo-se em prol da augusta causa,
Para ser seu apoio te escolheram.

Quando a injustiça, e a ingratidão armadas,
Os raios da vingança
Contra os Varoens da Patria fulminaram,
Salvo não foste, não; a Patria vio-te,
Inda no seu desmaio, com teus filhos
Innocentes, marchar p'ra o injusto exilio.

Quem não sabe, que a morte te aguardava,
Dura, affrontosa morte,
N'essa terra, onde algemas se forjavam
Para o Brasil escravisar de novo?
Quem perfidia tão negra não conhece,
E os intentos da cega tyrannia?

Da sorte das Naçoens so Deos decide;
Quando ellas o invocam,
E credoras se fazem do que aspiram,
Deos um Anjo velar sobre ellas manda;
Esse Anjo tutelar não mais as deixa,
Esse Anjo é quem contrarios planos burla.

Per milagre desse Anjo salvo foste;
Per milagre desse Anjo
Cem, e cem vezes o Brasil foi salvo
Das cruas garras de crueis abutres;
So per milagre delle em breve espero
Ver o Brasil subir á mor altura.

Oh que doce é no meio dos perigos
De horrenda tempestade,
Ja languido de fome, e de fadiga,
Ver aberta n'uma onda a sepultura,
E armada contra sí dura companha*
Exclamar: — Tudo soffro pola Patria!

* Não ficçáo poetica, mas realidades encerram estes versos, que na viagem para o logar do exilio, depois de horrivel tempestade, e ja perto de Vigo se elevou a tripulaçáo contra o commandante e os passageiros.

Outro tanto dizer outros não podem.
Digno tu és de inveja!
Si inimigos tu tens eu os desculpo.
Sempre a inveja assim foi; sempre ella investe
Aquem mais per virtudes se destingue;
Sempre villoens Arístides tiveram.

Mas quando a imparcial posteridade,
Que so a laurea outorga
Aquem per acçoens nobres merecèra,
Teus titulos julgar, ella gostosa
Tecerá teus encomios, e o meu hymno
A memoria dos homens será grato.

Quem fulgor ao sol dêo, dêo alma ao homem,
Tambem cobrio os campos
Co'o brilhante matiz de lindas flores;
Nem por que de mil sóes mantem a ordem,
Desleixa as pequeninas creaturas
Ao acaso, sem lei, sem um instincto.

Assim o homem digno de tal nome,
Que esclarecidos feitos
Em prol da Humanidade praticára,
Não despreza as domesticas virtudes;
Aquellas de immortal gloria o revestem,
Estas o resplendor da gloria esmaltam.

Quantos o Mundo vio Coriolanos,
Que o adquerido nome
Infamaram depois com acçoens negras?
Tu porêm sempre firme, sempre o mesmo,
És á Patria fiel, e a vida tua
Sempre tem sido de virtude exemplo.

XXIII.

UMA NOITE NO COLISÈO.

A MEU AMIGO FRANCISCO DE S. TORRES HOMEM.

É sublime o espectaculo, que off'recem
Da prisca Roma os pallidos destroços,
Quando da noite a placida lanterna
Branquejando na abobada cinzenta
Seu funebre clarão, como alvas flores,

Entre elles vagamente enfia, estende.
Tudo é confuso então, tudo é mysterio,
Tudo infunde pavor, melancolia!
Dos sonhos na mansão julga-se a mente,
De escarpados rochedos rodeiado,
De sombras, de phantasmas, que vagueam,
Que n'um arco se escondem, n'outro surgem.

Os fanaes, que no campo amarellejam
Circulados de aréolas moribundas,
A lembrança despertam d'esses fogos,
Que ás vezes os cadaveres exhalam
Na noite das recem-abertas campas.

Que profundos, terriveis pensamentos
A uma alma pensativa não inspiram
Estes pedaços da grandeza antiga
Da augusta Mãe de Heroes, que agora vemos
Como n'um cemiterio esparsos ossos
Co' o tempo branqueando. A qui o homem
Estrangeiro não é, elle conhece
Todas estas ruínas, co' ellas falla
Uma mystica lingua, qu'alma entende.

Mas ah! Inda esta terra hoje é manchada
Com sangue humano! Inda hoje estas columnas
Dos derrocados templos de impios deoses
De impios Romanos os punhaes occultam.
Nem no reino da morte ha segurança!
Per toda a parte o horror o homem segue!

Não passeiam aqui brancos phantasmas
Entre os sombrios arcos, nem as grutas
Do palacio dos Cesares somente
Ao mocho gemedor asylo prestam.
Não, não; são assassinos, que profanam
D'este remanço o lugubre silencio
Tão propicio ós Philosophos, e ós vates.

A sombra das ruínas solitarias
Oh que nefandos crimes vis sicarios,
Da Humanidade opprobrio, não perpetram
Sem temor do seu Deos, e da justiça!
Como que calejada a consciencia
Cançada de gritar, os abandona.

Como de nós tão perto a morte vimos,
N'este mesmo logar, onde sentados
Ouvimos soluçar ave agoureira,
Que, no templo de Venus acoutada,
Suffocados gemidos arrancava
Do intimo do peito, como um homem,
Que nas vascas da morte, emvão luctando,
Sem esperança ja, soccorro implora.

Oh severa sciencia, tu condemnas
Estes, da nossa infancia, preconceitos.
Mas quem póde negar, que ruíns desditas
Presagiadas são milhoens de vezes?
Si a negra borboleta, que esvoaça
Em torno do casal, e n'elle pousa,
Si o tetrico carpir d'ave nocturna,
Si d'alma o repentino abatimento,
Certas palpitaçoens inopinadas,
Os sonhos, as visoens, nada annunciam;
S'é falsa crença d'alma allucinada,
Que á infancia, e á velhice o medo incute,
Ao menos na do homem propria essencia,

Mysteriosa essencia, apoio encontra;
Que a Razão, do céo filha, não tão facil
Se eclipsa pela opaca sombra do erro.
Não se oppõe á Razão a crensa nossa,
Que nem sempre á Razão o céo concede
A mina profundar inexcrutavel,
Onde de effeitos mil se occulta a causa.
Que mysterio é maior que o germen do homem?
Que mysterio é maior que a vida sua?
Que mysterio é maior que a sua morte?
Oh mysterios sublimes! — D'onde, oh homem,
A evidencia te veio, qu'este mundo,
Que fóra de ti vês, real exista?
P'ra mim tudo é mysterio sobre a terra,
Eu, o que sei, e tudo quando ignoro.

Dia aziago foi todo este dia,
Desde o surgir do sol, té seu ocaso.
O coração pejado de tristeza
Procura a solidão, ama as ruínas.

Bella era a noite, mais que o dia bella!
Alvinitente a lua rutilava,

Como um rosto de virgem pudibunda,
Que em seu jardim passeia solitaria.
Ao Capitolio fui, e foi commigo
O Amigo fiel; junctos passamos
De Tito o Arco, e ao pé do Palatino
De um mocho ouvimos horridos gemidos,
Que os ares magoavam, resoando
Do Colisêo nos longos corredores.
Um pouco repousamos sobre o muro
Do esbroado, dos Cesares, palacio.
O mocho carpidor gemêo trez vezes;
Os nossos coraçoens se apavoraram,
E nós involuntarios suspiramos.
Tristes versos, que a mente alli dictou-nos,
Com luctuosas vozes repetimos.
De pois de meditar sobre os presagios,
Marchámos para o Flavio amphitheatro.

Co'um archote na não de estancia em estancia,
Cobertos de compridas, brancas vestes,
Como phantasmas gravemente andando,
Mais e mais o horror d'estes lugares

Dest'arte nossos vultos augmentavam.
Oh quem póde narrar scenas tão funebres?
Do archote a luz o tecto avermelhava,
Co' a fria luz da lua contrastando;
No ar se ennovelava o negro fumo,
Fugitivos duendes simulando;
E para mais pavor, longos supiros
Deixavamos sair do fundo peito,
Que em toda a galeria reboavam.

Cançados de gozar de mil maneiras
Essas scenas sublimes, regressámos
Para o nosso aposento, atrás deixando
O arco triumphal de Constantino.
Tudo estava em silencio, immovel tudo;
So resoava o som dos nossos passos,
E ante nós nossa sombra caminhava.

Eis que chegando ao sitio onde sentados
Ave sinistra soluçar ouvimos,
Tres, de punhaes armados, negros vultos,
Como da terra erguidos, nos investem.

Qual nosso susto foi! Nos feros rostos,
Nos scintilantes olhos d'esses monstros
De suas almas vís o intento lemos.
Nas laminas luzentes co' os reflexos
Do claro astro da noite, e que apontados
Sobre os peitos estavam, nossa morte
Com cor sanguinea viamos pintada.
So polo Amigo cada qual temia.
E qual foi, oh minha alma, n'esse ensejo
O pensamento teu?... A Patria! A Patria!
Não mais vel-a! — Morrer tão longe della;
Sem por ella ter feito um sacreficio!
Distante de meus Pais... Oh Providencia!
Minha voz foi ouvida, eu invoquei-te,
E tu salvaste o Amigo, e me salvaste
Das cruas garras dos sedentos tigres.
Mais que o aureo metal é cara a vida,
Para louvar a Deos vivos estamos.

Roma, 11 de abril de 1835.

XXIV.

PARA QUE VIM EU AO MUNDO?

Do céo as estrellas
Acaso no brilho
São todas iguaes?
São umas mais bellas,
E outras parecem
Funereos fanaes.
Assim são os fados
Dos tristes mortaes.

Cada qual tem sua sorte;
Este foi p'ra dor gerado,
Aquelle pela ventura
Ao nascer foi embalado.

Quanto mais penso, mais creio
N'este mysterio profundo;
E a mim mesmo então pergunto:
Para que vim eu ao mundo?

Como resposta esperando,
Escuto silencioso;
O coração me palpita,
Eis que ouço som luctuoso.

No peito este som me soa
Como em caverna profunda,
Como um suspiro exhalado
Pela vaga gemebunda.

Para dor, me diz, nasceste,
Para dor, para o tormento;

Teus males so terão termo
Co' o teu ultimo momento.

Soffrer, tal é meu fado! — Eu me resigno.
E que al devo fazer? Curta é a vida...
E quem me tolhe qu'eu de toda a encurte?
Não serei livre de lançar per terra
Um fardo, que me acurva, um fardo inutil?
É a vida p'ra uns nectar suave,
Um toxico p'ra mim; devo tragal-o?
Acaso Deos me disse:
A ti toca soffrer por mil que gozam.

Mas eu blasphemo, oh céos! Que voz me grita:
« Mortal, olha o que fazes! Contra a vida
Não ouses attentar. Quem vida deo-te
So quando lhe aprover tirar-ta póde. »
Oh me Deos, oh meu Deos, minha alma humilde
Graça implora de sua insana ideia.

Rir, ou chorar, eis so o que o homem sabe;
Si não canta, blasphema!

A sorte choremos,
Que avessa nos é,
Mas não blasphememos,
Vivamos co' a Fé,

Qual a esponja de liquido embebida,
Em perpetua, lethal melancolia
Pejado tenho o peito;
Minha alma se amortece,
E como que em seu tumulo encerrrada,
So a dor a desperta.

Oh minha alma, tu és como do Templo
A funebre lanterna,
Que ante o altar na escuridão palleja,
Cujo pallor da noite o horror augmenta.

A sorte choremos,
Que avessa nos é;
Mas não blasphememos,
Vivamos co' a Fé.

Oh prazer! Oh doçura da existencia
Meta tão desejada
De todos os mortaes, p'ra quem ainda
Brilha no céo a estrella da esperança.
Oh benigno sol, que a vida aqueces,
Tu p'ra mim te eclipsaste!
E si ás vezes phosphorico lampejas,
Quando eu, affeito á dor, não té desejo,
É para exacerbar meu soffrimento.
Ah nem me afaga da esperança o riso,
Nem me consola amor, tudo me fóge.

A sorte choremos,
Que avessa nos é;
Mas não blasphememos,
Vivamos co' a Fé.

Bolonha, maio de 1835.

XXV.

O CARCERE DE TASSO,

EM FERRARA.

Que vim eu aqui ver? Uma masmorra
Humida, estreita, onde respiro apenas!
Si a fronte elevo o negro tecto roço,
Si estendo os braços a largura abranjo
Dous passos bastam p'ra medir seu fundo.

Que vim eu aqui ver? Nomes escriptos
De um lado e d'outro de centenas de homens,

Que como eu curiosos peregrinos
Vieram visitar este recinto.

Vós, meus olhos, nada vedes;
Mas minha alma no passado
Um Genio vê encerrado
N'esta lugubre prisão.
Aqui chorou longos dias,
Longas noites, longos annos,
Quem por olhos soberanos
Enloqueceo de paixão.

Tasso aqui como um escravo
Amargurou a existencia;
De um senhor a imclemencia
Quiz aqui morte lhe dar.
Triste elle a ausencia carpia
De sua cara Princeza.
Seu amor, sua belleza
Causaram so seu penar.

Livre, qual Deos o creára,
Entre ramos adejando,

Medo dias exhalando,
Passa a vida o rouxinol.
Saúda o sol quando nasce,
Redobra o canto co' a dia,
Enche os ares de harmonia,
Geme ao deitar-se do sol.

Mas si preso na gaióla
Mão tyranna o encadeia,
Inda assim elle gorgeia,
Para abrandar sua dor.
Assim, oh grande Torquato,
N'este carcere horroroso
Gemer te viram saudoso
A Liberdade, e o Amor.

Fado! Fado do Genio! A Italia toda
As docuras gostava de teus versos;
Goffredo ao céo da gloria remontava
Sobre as sonoras azas de teu genio;
E tu, oh Tasso, aqui n'esta masmorra
Como um vil criminoso definhavas!

Fado! Fado do Genio rigoroso!
Mas Tasso ousou amar de um Duque a filha.
Oh Ferrara! cem Duques teus cingidos
D'aureas c'roas, de purpura cobertos,
Um so Tasso não valem.
Um Vate é mais qu'um Rei. Reis faz o povo,
E a seu grado os desfaz, como do marmor
Tira o escultor um Nume, e quando apraz-lhe
Em simples animal converte-o, ou quebra-o.
Mas tu, sagrado fogo d'harmonia,
Quem te accende nas almas dos Poetas?
O magico poder com que convertes
Achiles n'um heroe, Paris n'um fraco
Acaso dos mortaes herdaste, oh Vate?
Ou foi prenda do céo a lyra tua,
A lyra, que immortaes sons desferindo,
Vive no Tempo, e empõe silencio á inveja?

Muros d'esta prisão! Muros, que outr'ora
Um thesouro enceraste,
Vós, que insensiveis testemunhas fostes
Dos suspiros de Tasso,

Dizei, muros, si acaso vós podestes
Tolher do Genio as azas?
O si o tyranno a gloria nodoou-lhe?
Vingou a Humanidade a affronta sua;
Como um astro no céo Tasso rutila,
E o nome do tyranno, que negreja
Do seu a baixo, seu fulgor augmenta.

Mas oh da Providencia altos arcanos!
Que mais soffra na vida, quem co' a morte
Nova vida immortal viver começa!
Assim homens ingratos,
Em quanto vivo, o merito premeiam!
Ah consola-te, oh Tasso,
Que o unico não foste, que da sorte
Sorveo tragos amargos.
Quasi é do Vate estrella o infortuneo!
Como os martyres são, que so morrendo
A apotheose recebem.
Aquelle aquem a Grecia ergueo altares,
Homero mendigou de porta em porta!
Tu, oh Ravenna, o fugitivo Dante

Viste iracundo praguejar seu Fado.
Camoens, rival de Tasso, o pão esmola
Ante os olhos de Lisia. E tu oh Silva[1],
Genio de minha Patria,
A fogueira subiste com pé firme,
Que a innocencia teus passos vigorava;
E entre as chammas, per mãos impias accesas,
Teu ultimo suspiro ao céo subiste
Ante esse bruto povo,
Qu'outr'ora te applaudíra.
Tu Claudio octagenario[2], na masmorra
Para a affronta evitar te deste a morte.
Lá de horrenda prisão correm ferrolhos,
A dura porta se abre,
Lá sai Dircêo[3] saudoso suspirando
Pola cara Marilia,
Lá vai morrer proscripto
Nas inhospidas plagas Africanas.
Fado! Fado do Genio rigoroso!

Porêm das vates
Por que lamento

A triste sorte?
Póde o tormento,
Ou póde a morte,
Inda que seja
Dura, affrontosa
Fazer que a historia
Não perpetue
Sua memoria?
Raivosa a inveja
Arme-se embora,
E os accommetta.
Do vate a gloria,
É qual planeta,
Que no céo mora,
No céo lampeja,
Para honra dos humanos,
E opprobrio dos tyrannos.

Ferrara, 3 de maio de 1835.

XXVI.

NO ALBUM DE UMA VENEZIANA.

Bem quizera, oh bella Virgem,
Hoje extrahir de meu peito
Algum suave perfume,
P'ra mostrar-te o meu respeito.

Quizera na minha lyra
Cadenciar algum hymno,
Com que louvasse os incantos
D'esse teu rosto divino.

Mas temo, temo que o peito,
De gemer ja fatigado,
Em vez de cantar, exhale
Um suspiro magoado.

Eu temo, temo, acredita,
Que a minha funebre lyra,
Em vez de entoar um hymno,
So triste nenia desfira.

Ah tu cuidas, bella Virgem,
Qu' é feliz todo o vivente?
Inda estás no albor da vida,
Tens uma alma inda innocente.

Não; tu me vês peregrino,
Errando de terra em terra:
Mas, oh Virgem, tu não sabes
Que dor o meu peito encerra.

Maio, Veneza 1835.

XXVII.

A MEU AMIGO

D. J. G. DE MAGALHAENS.

Como é bella a Natura!
Póde o parto de um genio em febre intensa
Rivalisar taes scenas?
Ver das aguas a quéda ruidosa
Deslizar entre saxos, formando
De crystal mil festoens, que s'esmaltam
Da palheta do iris, pintando
Retab'los, onde o toque da Mão-mestra

Em matiz variado delineia
Successivas bellezas, como a ideia,
Que outra ideia desperta, vinculando
Das sensaçoens o quadro reanimado,
Onde terna saudade em ledo arroubo,
S'espelhando, volteia esperançosa
Sobre as azas divinas da memoria,
Que em seu gremio renova eras passadas;
Mysteriosa phenix de nossa alma!
Propercio e Cinthia,
Catullo, Horacio,
Mecenas, tudo
Do antigo Lacio
Patente sobre as ruinas vejo errarem,
Como nuvens de phosphoro ceruleo,
Quaes vapores n'um lago, matutinos,
Ou nocturno p'rilampo na floresta.
E tu, oh linda Zenobia,
Que com teu pranto nutriste
Estas aguas sempiternas,
E solitaria carpiste
Tua coroa, teu sceptro,

Armadas, marmoreos paços,
Vastos templos de Palmyra,
Que Roma fez em pedaços.
Ja foste Palladio, e idolo
Do teu povo soberano;
Mas quebrou-te o templo, as áras
O iconoclasta Romano.
Vem, Princeza desgraçada,
Vem solitaria commigo,
Vem chorar a antiga gloria,
Que eu tambem choro um amigo.

Si ora invoco teus manes n'este ensejo,
Não turbo as regias cinzas, que humilhadas
No exilio findaram sem moimento.
Como tu, solitario a vida gemo,
E a passada ventura, que gozára,
Entre amicaes amplexos, venturoso.

Mas que voz na soidão remonta aos ares?
Celeste Cherubim baixa do céo,
E na frauta divina exalta o hymno,

Que a terra a Jehová diurna envia.
Mas não; alto prodigio se levanta;
Providente Natura
Companheiro m'envia; alado vate,
Homero da floresta
Em melodico metro, o estro exalça,
Meus suspiros conforta, adoça magoas.

Salve, oh vate Rouxinol,
Salve, á luz mysteriosa
D'este archote, que de noite
Faz a terra duvidosa.
Salve, oh Lua alvinitente,
Mãe de amor, do vate amante,
Do silencio grata esposa,
Salve, salve n'este instante!
Mas quem turba teu manto de silencio,
E a voz levanta em prolongado ronco?
São as do Anio
Tartareas aguas,
Que sempre vivem
Quaes minhas magoas.

Da historia imagem,
Das estaçoens
Vivo retrato
Seus borbotoens;
Qual vida, e morte
A vaga em vaga
S'esconde, e surge,
Se accende, e apaga.
Assim batem as aguas roladouras,
Que os atomos confundem, dilatando
A contínua torrente, que retrata
Do infinito a imagem!
Onde está o infinito, oh Deos Eterno?
Esse marco onde esbarra a mente humana,
Que sem tino volteia titubante,
E no abysmo do peito se aprofunda,
Face a face encontrando a consciencia?
Oh consciencia, ao teu clarão se rasga
O véo das illusoens! Elle nos mostra
Das paixoens o tropheo d'entro do túmulo,
E ao pé quadro da vida, que demonstra
O nada da vaidade, e o desengano

Magestoso sentado
Na cadeira da escola da verdade,
D'onde colhe a virtude os seus dictames!
Pallida Lua, teus suaves raios,
Que placidos s'esbatem nas campinas,
E as fugitivas ondas argenteiam,
Da consciencia nossa a imagem pintam,
Que falla ao coração com tal potencia
Sem nos labios volver um som de phrase.

Mysterioso accento, alta harmonia
Desenvolve a Natura em seus concertos.
Em quanto a voz unisona do Anio,
Que em equoreos cylindros vai rolando,
Entre saxos ribomba,
Com medonho fragor o ár pejando;
Canoro rouxinol preludio exalta,
E sublime se acorda ao som horrivel,
Que as aguas tangem em contínuos vortices
Entre o limio, e areia das cavernas;
Variando as estrophes, la prolonga
Suavissimo gorgeio, que se perde

Em ventrilocos echos; quaes soluços
D'enamorada virgem, que suspeita
Do coração trahir ternos affectos.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio;...
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Mais sublime retoma o ritornelio,
Em agudos sibilos s'elevando;
Quebra a voz, vem morrendo suspiroso,
Doce, e doce remonta, enche o espaço;
Magestoso s'espraia, floreando;
Qual rojão que remonta alem das nuvens,
E no ar arrebenta um firmamento
D'ephemeras estrellas luminosas.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio;...
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada canção alto redobra.

Melancolico entoa em nova escala
Amorosa canção, qu'invejam dulias :
Té qu'alfim tiritando se arrebata,
Entrecorta o trinado, e pouco a pouco
Em fluente florido s'evapora.

Volve a paz, o silencio, ronca a onda
Em perpetuo murmurio;...
Da fadiga repousa alado vate,
E inspirada conção alto redobra.

Mesclado effeito de sublimes notas,
Ora forte, ora lento vai soltando;
Finge o pranto, surri-se, e desenvolve
Insolita harmonia, que assimilha
Batalhoens com clarins, rufos, e timbalos;
Emmaranha um confuso regorgeio,
Que se perde n'um som prolongadissimo.

Triumphante cala a cithara,
Disparece qual relampo;
Ronca a onda sempre a mesma,
E o silencio toma o campo.

Oh Rossini das aves, tu que buscas
A soidão, o silencio,
P'ra teu canto esmaltar sem o marulho
Da vigilia do dia; e como um genio,
Que no leito desdóbra mil prodigios
Ao cançado mortal em grato sonho,
N'est' hora me recordas
Ao coração lanhado imagens ternas,
Tão tristes, que ante mim se desenrolam
Qual penacho de fumo
De apagado brandão juncto ao esquife,
Que um cadaver de virge' avaro occulta.

Oh Rossini das aves, que linguagem
Teu discurso soltou? Não é da terra.
Ah cantas per ventura
Os fastosos annaes, e a decadencia,
Os triumphos, a quéda dos Romanos,
A saudade, as delicias da amizade,
Ou a historia amorosa de uma victima?

Marmoreos atrios, aureos peristylos,
Conquistas d'essa industria, que assoberba

A terra, o mar, os montes, e os abysmos,
Tudo o tempo desfez co' a mão dos seculos.
Sibyllinas paráphrases
De mysticos oraculos,
Que o futuro previam, não previram
Essa mãe de desastres
Cimitarra de Totila,
Que a Palestra, o Nymphêo, a Academia,
E mais d'arte primores derrocára
N'esse mundo do bello, que Adriano
Collocára engenhoso sobre a encosta
Das ridentes collinas, que te adornam,
Oh decantada Tibur!
Qual tumulo sagrado, o viajante
Vem teu solo beijar, a espavorido
D'esses restos augustos, que te cobrem,
Vai na patria narrar taes maravilhas,
Maldizendo a ignorencia, e Caracalla.

Esta outr'ora suberba, aurea cidade
Minha imagem retrata em quadro iconico!
Onde está teu Licêo, onde o teu Foro?

Os teus templos, e muros formidaveis?
Que sepulcro encerrou os Paladinos?

Eleva, eleva moles gigantescas,
Pelo genio das artes inventadas,
Oh vaidoso mortal; marca os teus fastos
Com marmoreos padroens; que o dia chega
Em que a mão do destino te acenando,
Com teus paços irás dormir na terra.
Novos combros de areia gera um vento,
Que outro vento desfaz, os nivelando.

Muros reticulares
De calcinada argila,
Que arrendadas abobadas sustentam,
De grinaldas de amoras adornados,
Emvão querem mostrar primeva pompa.
Onde outr'ora tangêo Horacio a lyra,
E Tibullo chorou ternos amores,
Mortaes serpes s'enroscam,
Aguardando findar pastor incauto,
Que a fadiga do sol chama ao repouso.

Sobre o alto das collinas,
Que o teu Anio almas vecejam,
Vis choupanas, restos sacros
Inda gloria mal lampejam.

Teus acanthos de Corintho,
E o teu luxo oriental
Jaz na terra, e hoje servem
Ao insecto de pousal.

Mas, oh Deos, si a vista volvo
Ao Catilo, e suas aguas,
La no templo da Sibylla
Vão findar as minhas magoas.

Supina Tibur, espraia
No horizonte larga vista,
Vê como geme na terra
A Rainha da conquista.

Como tu, sorte mudei,
Ja me viste rico, ufano,
Quando juncto ao meu amigo
Te saudei la do Lucano.

Onde vás, Peregrino estudioso?
Em que albergue feliz pedes pousada?
Acaso sobre um tumulo deserto
Entre rotos soffitos,
Na cithara Brasilia merencorio
Teus suspiros a Deos grato sublimas?
E baixando ao amigo, tambem sentes
No adyto do peito,
Como elle, trespassar agra saudade,
Que fere o coração, e illude a mente?
Si a mansão de Petrarca,
Nas Collinas Euganeas, visitares,
No marmoreo portal grava estas linhas:
« Se juncto, ou longe
» Da Laura diva
» A lyra altiva
» Tangeste sempre :
» Qual tu, o amigo
» Saudoso agora,
» De mim se lembra,
» E por mim chora. »

Tivoli, maio de 1835.

ARAUJO PORTO-ALEGRE.

XXVIII.

EM RESPOSTA A MEU AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Não era noite, nem o sol brilhava;
Mas do céo as estrellas rutilantes
Com branda luz os ares perfumavam;
E nas aguas azues, dormentes aguas,
Que Veneza circulam com cem braços,
Os celestes fanaes, e a casta lua

Suas bellas imagens balançavam.
Outro céo esse lago parecia.
Eram dous céos! Veneza em meio estava,
Como um astro, que parca luz emana.
O leão de São Marcus inda eu via;
A esbelta torre, e o gothico palacio,
E a ponte dos suspiros.

Mas tudo, tudo
Deixar devía,
Antes que o dia
A manhecesse,
E desfizesse
Quadro tão bello.
A mão do escravo
Obediente
Maquinalmente
Ja martellava
O fatal bronze*;
Pancadas onze

* Ha em Veneza na praça de S. Marcus, uma torre chamada do Relogio, em cima um cino, e duas estatuas de bronze com martellos nas mãos, marcando com elles as horas.

O ar vibrava.
Triste o choroso
Teus versos lia,
E de saudade
Me enternecia;
Teus versos lendo,
Inda cuidava
Que te escutava,
E que assentado
Inda a meu lado
Te estava vendo.

Ja para responder-te preparado
Invocava a Amizade,
E cravados no céo os olhos tinha.
Mas a hora fatal gelou-me o arroubo!
Alerta o gondoleiro me esperava;
Partir... deixar Veneza me cumpria.

Co' os teus versos nas mãos, tu em minha alma,
Na gondola puz pé, saudei Veneza;
E co' os olhos em lagrimas nadando:

Adeos, Veneza, eu disse,
Adeos, adeos, maritima cidade;
Decaïda Rainha do Adriatico.

Eu suspirava ainda,
E a gondola do cáes s'ia afastando,
E do grande canal sulcando as aguas,
Quando vozes ouvi : era o barqueiro,
Que ao compasso do remo recitava,
Com monotona voz, porêm saudosa,
Do vate de Sorrento os doces carmes.

Tudo então repousava;
Veneza ao longe illuminada eu via,
Como um céo estrellado.
O esquife brandamente deslizava,
As somnolentas aguas despertando,
Qual negro mergulhão de argenteo rostro,
Ou qual cysne de lucto revestido.
Por que tão curta foi noite tão bella?
Ah quem nunca deixou patrias devezas,
Quem d'um Amigo não chorou a ausencia,

Nem d'uma Amante a perda,
Gozar não póde em solitaria noite
Esta doce impressão, que alma suffoca.

Tomei terra em Fuzina;
Arqua dixei, onde habitou Petrarca,
Apanum, que por ser de Livio Patria,
Ainda hoje se ufana,
E na crastina aurora saudei Pádua,
Ao som da melodia incantadora,
Que ao sol nascente o rouxinol tributa;
Pela segunda vez vi seus palacios,
Seu Templo semiárabe, qu'outr'ora
De Antonio repetio sacros accentos.

Visitei de Vicença os monumentos;
Em Motebello recordei prodigios
Do armipotente Lannes.
Eis-me em Verona alfim, oh caro Amigo!
Seus monumentos vi, e o amphitheatro,
Que Roma, e o Colisêo me está lembrando;
O Colisêo, que junctos vezes tantas
Ao triste albor da lua visitamos!

Tudo a memoria
N'este momento,
p'ra meu tormento
Me está narrando;
E a cada folha
Da nossa historia,
Que vai passando,
Punjente espinho
Me vai varando
O coração.

Sempre a teu lado
Vivi contente,
A ti ligado,
Uma vontade
So nos unia,
Doce Amizade
Nos apertava.
Si triste estava,
Tu me alegravas;
Em ti vivia,
Comtigo ria;
Si me dizias:

Sou teu Amigo,
Eu como um echo
Te repetia.
Era um exemplo
Nossa união.
Mas quiz a sorte,
Sempre inimiga,
Atormentar-nos,
E separar-nos
Per algum tempo;
Desde esse instante
Ador pintou-se
No meu semblante;
Mas so a morte
Dará um córte
Ao laço sancto,
Que nos prendêo,
Si poder tanto
O justo céo
Lhe concedêo.

Vai, meu suspiro,
Vai ver o Amigo,

Que te deseja
No seu retiro.
A Roma adeja,
Deixa-a, e te inclina
P'ra Palestrina,
Chega ao abrigo
Onde elle pousa,
Ahi repousa,
Suspiro meu.

Verona, 12 de maio de 1835.

XXIX.

POR QUE ESTOU TRISTE?

Ah! não queiras saber por qu'eu suspiro;
Por que geme minha alma, como a rôla,
Qu'outro canto não tem senão queixumes,
Com que magôa os ares.

Ah não me inquiras... Si chegar tu podes,
Ao través de meus olhos, á minha alma,
Tu verás que meu rosto assás explica
O que n'ella se passa.

Dirás, talvez, que injusto me lastimo,
Qu'inda possuo um Pai, qu'inda Mãe tenho,
Qu'inda um Amigo aperta-me em seus braços,
E proscripto não erro.

Mas que importa thesouros taes possua,
Si gozal-os não posso? Si, n'ausencia,
Da saudade o farpão continuamente
O peito me trespassa?

De gotta em gotta o matutino rócio
Enche, e pende do lyrio o debil calix,
E opprimido co' o peso se lacera,
Desbota, e alfim fallece.

Uma gotta após outra um lago fórma,
Novas gottas de chuva o lago augmentam,

Trasborda emfim, e dá á um rïo origem,
Que nas planices róla.

Eis de meu coração a fida imagem.
Repetidos pezares pouco a pouco,
Males amontoados desde a infancia
A existencia me azedam.

Procuro embalde no festim da vida
Um logar para mim. Si uno meu canto
Ao hymno de alegria, a voz me falta,
E o coração suspira.

Oh Ancião de Téios, feliz foste;
Teus amores contavas per teus dias!
Dias felizes! Eu os meus numero
So pelos meus pezares.

Mal vibravas da lyra os fios d'ouro,
Para de Heroes cantar preclaros feitos,
Em vez de resoar de Atríde o nome,
Amor, dizia a lyra.

E eu! Oh destino! Si de Amor intento
Terno o nome entoar, rebelde a lyra
So suspiros exhala, as cordas gemem
Ao toque de meu dedo.

Suspirar, suspirar... Tal é meu fado!
Por qu'o céo assim fez-me! Ao céo pergunta,
Por que dêo elle ao sol igneos fulgores,
E pallidez á lua?

Emquanto o sabiá doce gorgeia,
Gemem na praia as merencorias ondas,
E ave sinistra, negra esvoaçando,
Agoureira soluça.

Ao lado do cypreste verde-negro,
Desabrocha a coróla purpurina
A perfumada rosa, e juncto d'ella
Pende a roxa saudade.

Eleva-se a palmeira magestosa,
E desdobra no ar seus verdes leques,

E perto da raiz, á sombre sua
Definha humilde arbusto.
Eis da Natura o quadro! Isto harmonia,
Isto belleza, e perfeição se chama!
Eu completo a harmonia da Natura
Co' os meus tristes suspiros.

Vê agora si á lei posso eximir-me
Que a suspirar me obriga?... Oh alma minha,
Arpeja, a que possues, unica corda,
Exhala teus suspiros.

Turin 15 de Maio 1835.

XXX.

A FLOR SUSPIRO.

Eu amo as flores,
Que mudamente
Paixoens explicam,
Que o peito sente.
Amo a saudade,
O amor-perfeito,
Mas o suspiro
Trago no peito.

A forma esbelta
Termina em ponta,
Como uma lança
Que ao céo remonta.
Assim, minha alma,
Suspiros geras,
Que ferir podem
As mesmas feras.

É sempre triste,
Ensanguentado,
Quer secco morra,
Quer brilhe em prado.
Taes meus suspiros...
Mas não prosigas,
Ninguem se move,
Por mais que digas.

XXXI.

A EXPERIENCIA.

Experiencia! Medico tardio,
Tua voz util fôra, si mais cedo
Em nossa alma soasse!

De tropeço em tropeço vai-se a vida,
Como o rïo entre saxos se despenha,
Nada o curso lhe tolhe.

Das paixoens o marulho estrepitoso,
Como o som da cascata caudalosa,
Cobre, abafa teu echo.

Em jogo pueril, vendando os olhos,
O infante, na planice, embalde ensaia
Da estrada andar em meio.

Angulos fórma, alfim s'esbarra a um tronco;
Assim andamos nós olhi-vendados
Pela estrada da vida!

Perto do pricipicio a venda cai-nos,
Quando nas suas lubricas crateras
Ja nossos pés deslizam.

Vem a velhice, que melhor te escuta,
Reflectimos então; porêm que importa!
O tempo é ja passado!

Do que serve ao cadaver o remedio?
Um mestre ao moribundo? um guia áquelle,
Que marcha ao cemiterio?

XXXII.

O SUSPIRO DA PATRIA.

D'onde vêem estes suspiros?
D'onde vêem tão magoados?
Que a mim chegam tão quebrados,
Que peito os pode conter?

Que distancia elles venceram?
Que longos mares passaram?
Que ventos atravessaram,
Para aqui virem morrer?

Estes tão tristes suspiros
Aqui não foram nascidos;
Não; suspiros tão doídos
Quem podia aqui gerar?

So uma Mãe malfadada,
Que vê seus filhos luctando,
Nos céos os olhos fitando,
Assim póde suspirar.

N'uma praia solitaria
Bate a vaga moribunda
Menos triste e gemebunda,
Pejando o ar de seus áis.

Vós, gemidos dos desertos,
Entre as folhas vagueando,

Nas cavernas ululando,
Tanto horror vós não causaes.

Suspiros, donde vindes? — Mal vos ouço,
Em meu peito murmura o echo vosso
Surdo, funereo, como a voz, que soa,
Longe no ermo da enchente, que se arroja
D'alpestre rocha, em borbotoens fervendo,
E se esconde da terra nas entranhas;
E minha alma estremece apavorada,
Como de uma harpa a corda magoáda.

Suspiros, donde vindes? — Sois da Patria?
Ah sois da Patria... Sim, eu vos conheço
Por esse accento de afflição, de angustia,
Por esta dor, que me causaes, tão agra.

Tu suspiras, oh Patria!
Co' os teus os meus suspiros se misturam.
E que al fazer eu posso?
Si é surda a Providencia ás preces tuas,
Que póde a fragil mão de um filho inutil?

Os teus suspiros
A mim chegaram,
E me abalaram
O coração.
Socorro dar-te'
Embalde intento,
E so augmento
Minha afflição.

Qual naufragante
Que uma onda impelle,
Outra o expelle
P'ra o alto mar;
E de onda em onda
Sendo rolado
Ja lacerado,
Vai encalhar.

Mas na praia não achando
Um azylo protector,
O alento ultimo exhala,
E a alma envia ao Creador.

Assim morreis, suspiros, em minha alma,
Depois de haver o Oceano magoado.

Mas, oh Patria, quem causa mágoas tuas?
Ah não falles, não digas... Soffre... Espera.
Eu conheço teu mal. Ah não são estes,
Qu'inda os pulsos teem lividos dos ferros,
Recem-livres, costumes teem de escravos,
Estes não são, que ao teu porvir brilhante
As portas abrirão; são os seus filhos.
Espera, espera, que o porvir é grande,
E a vontade do Eterdo, que os teus montes,
O teu céo, os teus rïos nos revelam,
Será cumprida um dia: espera, espera.
Inda hontem tu te ergueste de teu berço;
Mal um passo ensaiaste,
E não é crivel que amanhã ja morras.

Como em torno do sol os astros gyram
Em circulo perpetuo,
Em torno do seu Deos as Naçoens marcham,
E de tal Astro á luz jamais se eclipsam;
Crê em Deos; qu'elle so salvar-te póde.

E vós, que a fronte ergueis de nós á cima,
Vós, que empunhais da governança o leme,
Vós, que velar devieis, até quando
Fareis da Patria o Patrimonio vosso?
E tolhereis seus passos?
Corai, corai de pejo, envergonhai-vos
De encher o excelso assento de poeira,
De poeira, que sois, que um leve sopro
Dispersa, e acaba, e nem vestigios deixa,
Para o crastino-dia.
Nullidades, que humanas fórmas cobrem,
Empolas, que se geram n'um minuto,
E que n'outro minuto se desfazem,
Como bolhas de espuma, que, brincando,
Do tenue tubo o infante caïr deixa,
E no meio da quéda desparecem;
Que fizestes, que em vossa gloria falle?
Nada!... Passastes como seccas folhas,
Que os ventos remuínham.

Basta, emfim basta de illusão, de engano.
Mira a Patria a grandeza,

Vós a empeceis; deixai o campo livre
A Juventude, do progresso amiga.

Eu vos saúdo, Geração futura!
Em vós eu so confio.
Crescei, mimosa planta,
Sobre a terra da Patria so regada
Com lagrimas, e sangue.
Crescei, crescei da liberdade, oh filhos,
Para a Patria salvar, que vos aguarda.

XXXIII.

O HOMEM PROBO

AO SNor EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Tudo está profanado!
As vestes da virtude o vicio adornam,
Nas aras da lisonja arde o incenso
Que so devêra embalsamar o Templo!
Murchas flores, que a fronte ao vicio ornaram,
Se atiram em despeito ao Altar do Eterno.

Tudo está Profanado!
Levanta a estupidez a hirsuta coma
Coberta de poeira,
E a sacode na rosto da Sciencia,
E no alcáçar da lei se assenta ufana;
A Moral a seus pés serve de solio,
De cûpula o capricho.

Tudo está profanado!
A civica coroa
Dá-se á ambição, que sóbe entumicida
Como a onda do mar, e tudo alaga.
Os nomes das virtudes se exgotaram;
E um so não ha que ao crime se não d'esse;
Os logares são premios da baixeza,
Da feia adulação, da vil intriga!
O hymno cantam da victoria; e a Patria
Geme afflicta co' o pezo da ignorancia
Dos homens, cuja estrella é o egoismo;
E até a lyra, para mór opprobrio,
Vendidos sons so verte!

Tudo está profanado!
Como posso louvar-te, illustre Veiga,
Sanctuario da honra foragida?
Que nome te darei? que flor? que incenso?

Como o bronze, que soa n'alta torre,
Chamando a Deos os homens,
Tu bradaste, pregaste o amor da Patria,
E a teus brados os homens surdos foram,
E tu enrouqueceste.

Apostolo da ordem,
Caíste, emfim caíste! — Mas com gloria!
Caíste, mas sem nódoa! Sim caíste!
Mas Socrates tambem soffreo a morte!

Qual se vê nas cidades arrazadas,
O templo solitario, esparsos bustos,
Rotas columnas, capiteis dispersos,
Combros de terra, montes de ruínas,
E no meio, inda envolta de poeira,
Uma estatua, que o tempo respeitára,
E que os olhos attrahe do peregrino;

Assim te eu vejo em pé; e assim um dia
A geração futura pesquizando
No meio das reliquias d'esta idade,
Alguma cousa inteira, pura, e bella,
Socodirá o po, qu'hoje te lançam,
E dirá : eis aqui o Homem Probo.

Mas que digo? — Inda vives!
Envenena-se a flor, si a serpe a morde,
E a virtude definha, conculcada!

Mas tu amas a Patria, como eu amo;
Amas com amor puro,
Sem mescla de interesse, como se ama
Uma Mãe terna, que não tem thesouros,
Mas so lagrimas tem para legar-nos.
Ah praza ao céo que a estrada em que brilhaste,
Seja aquella em que morras.

XXXIV.

A BIBLIA,

EM UM DIA DE TRISTEZA.

É qual estreito vaso o peito humano,
Que trasborda, ou se quebra, si fermenta
O veneno, que encerra.

De gotta em gotta o fel da desventura
N'alma a tristeza vai-nos embebendo,
Té que o corpo converte-se em masmorra,
De que a alma fugir busca.

Oh quem vê uma flor, que em prado brilha,
E parece exhalar vida, e doçura,
E rir-se em cada pétalo viçoso,
Acaso dizer póde
S'ella foi pela serpe envenenada?
Si em vez de vida, a morte so lhe lavra
O delicado estame?

Quem póde ver o furmigueiro occulto,
Que o humano coração róe, e lacera?
Si eu soffro, ou não, so eu, so Deos o sabe.
Mas feliz quem nos seios de sua alma
Acha uma grande ideia, que o consola,
Como uma taça de suave nectar,
Que lhe acalma as entranhas sequiosas.

Quem se resigna á dor, não soffre tanto.
Que veneno ahi ha, que um bem não faça?
Ou que remedio, que não cause um damno,
Segundo o caso, e leve circunstancia,
Que á vista perspicaz escapa as vezes?

Não; não és tu, Philosophia humana,
Quem me robora o peito!
Sábias liçoens de soffrimento dictas;
Mas o valor, acaso dar tu pódes?
Quantas vezes o mal frustra a sciencia!
Pura fonte conheço, inexhaurivel,
Onde sempre o infeliz adoça as dores.

Livro sagrado,
Vem consolar-me,
Vem saciar-me
Na minha dor.

Meu peito anciado
De ti carece,
Sem ti fallece
O meu vigor.

A ti recorro
Triste e sedento,
Qu'este tormento
Me faz gemer.

Dá-me soccorro
Em mal extremo,
Vem, senão temo
A dor ceder.

Cada palavra,
Que me vás dando,
É qual um brando,
Suave mel.

Ja em mim lavra
A paz do empirio;
Do meu martyrio
Se adoça o fel.

Julho de 1836.

AO ILL^mo SN^or CORONEL

ANTONIO DE SOUZA LIMA DE ITAPARICA,

COMMENDADOR DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO,

CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, ETC.

OFFERECE O AUCTOR O CANTICO DE WATERLOO.

Quem melhor que um Heroe sopesar póde
As cinzas d'outro Heroe? Quem melhor qu'elle
Póde dar o valor aos grandes feitos?
Tu vás a Waterloo, tu vás sentar-te

Aos pés d'esse Leão, que as mãos dos homens
Sobre a vasta pyramide elevaram,
Para narrar as geraçoens futuras
Raros prodigios da potencia humana.

Intrepido soldado, peregrino,
Que depois de salvar Itaparica,
Guardaste na bainha a espada ufana,
E as Sciencias cultivas incançavel;
A teus olhos, de ver insaciaveis,
Ja vai a terra parecendo estreita!
Si te é grato escutar os sons da lyra,
Si tu, que viste de Virgilio o tumulo,
De Horacio a casa, e a casa de Mecenas,
Pódes com gosto murmurar meus versos,
Este cantico acceita, que te off'reço
Em signal de respeito, e de amizade.

XXXV.

NAPOLEÃO EM WATERLOO.

Tout n'a manqué que quand tout
avait réussi.

NAPOLEAO EM S. HELENA. (*Mémorial.*)

Eis aqui o logar, onde eclipsou-se
O Metéoro fatal ás regias frontes!
E n'essa hora, em que a gloria se obumbrava,
Alêm o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;

Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos iguaes no brilho, ambos na quéda
Tão grandes, como em horas de triumpho!

Waterloo!... Waterloo!... Lição sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um Oceano de po, de fogo, e fumo
Aqui varreo o Exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vezuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

O pastor, que apascenta seu rebanho,
O corvo, que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando,
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes logares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os Bravos!
Entretanto esse Heroe de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Heroe, que co'a ponta de seu glaudio

No mapa das Naçoens traçava as raias,
Entre seus Marechaes ordens dictava!
O alito enflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui 'stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate d'armas,
Os trovoens dos canhoens, que ribombavam,
O sibilo das balas, que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leons, e nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh por que não venceo? Facil lhe fôra!
Foi destino, ou trahição? — A aguia sublime,
Que devassava o céo com vôo altivo

Desde as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as Naçoens co'as largas azas,
Por que se nivelou aqui co'os homens?

Oh por que não venceo? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouvio tres vezes,
E tres vezes bradou: — É cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soía escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadroens se encarniçavam,
Roncavam pelos ares os pelouros,
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam,
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo:
Elle so impassivel como a rocha,
Qual de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder, magico anima,
Via seus batalhoens caïr feridos,
Como muros de bronze, per cem raios;
E no céo seu destino descifrava.

Pela ultima vez co'a espada em punho
Rutilante na pugna de arremeça;
Seu braço é tempestade, a espada é raio.
Mas invencivel mão lhe toca o peito!
É a mão do Senhor! barreira ingente:
Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;
Tua força em mim 'stá; tens completado
Tua augusta missão; — és homem, — pára.

Eram poucos, é certo; mas que importa?
Que importa que Grouchy surdo ás trombetas,
Surdo aos trovoens da guerra, que bradavam:
Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro;
O teu Imperador aqui te aguarda.
Ah não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhoens se eleva,
Como vagas do Oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em po recuam,
E de novo no pleito se arremeçam.

Eram poucos, é certo; e conta os poucos
Armadas as Noçoens aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena; em Montmirail, em Austerlitz.
Ante elles o Thabor, e os Alpes curvos
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates
Embalde á sua marcha se opposeram.

Eram os poucos, que jamais vencidos
Os seus dias contavam per batalhas,
E de cãs se cobriram nos combates,
O sol do Egypto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa, a sêde nos desertos,
A fome, e os gelos dos Siberios campos.
Poucos, que se não rendem; — mas que morrem!

Oh que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteára,
Si Deos, que os via, não dissesse : Basta.

Dia fatal de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração, que insulta
O Leão, que magnanimo se entrega.

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte:
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.

Que grande ideia occupa, e turbilhona
N'aquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses Reis, que elle tirára
Da linha de seus bravos lhe trahirem.
A longe mil pygmeos elle divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outr'ora o Imperio
Entre sí repartiram seus escravos.
Então um riso d'ira, e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito inda innocente de seu filho
Soa em seu coração! e de seus olhos
A lagrima primeira se desliza;
E de tantas coroas, que ajunctára,
Para dotar seu filho, so lhe resta
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah tudo elle perdeo! A Esposa, o Filho,
A Patria, o Mundo, e seus fieis Soldados.
Mas firme era sua alma como o marmor,
Onde o raio batia, e recuava!

Jamais, jamais mortal subio tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra.
So elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendôme
Sua estatua de bronze ao céo s'eleva.
A cima d'elle Deos, — Deos tão somente!

Da Liberdade elle era o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tyrannos,

Foi o sol, que guiou a Humanidade.
Nós o bem lhe devemos, que gozamos;
E a geração futura agradecida:
NAPOLEÃO, dirá, cheia de assombro.

18 de Junho 1836.

XXXVI.

AO GENERAL LAFAYETTE.

Nascido em virgem plaga Americana,
Onde da independencia o livre sopro
Os homens vivifica,
Onde de azul setim n'um céo sem nódoa
Lucido gyra o disco coruscante,
Que ao vate o genio enflamma,

* Per occasião do baptisado do filho do Conde de Zenowiez, sendo padrinho o dito general.

Sem que do medo a dextra me agrilhoe,
Porêm venerabundo, a mente exalço
Ao Heroe de dous Mundos.
Tu, da gloria no céo, não dado a muitos,
Rutilas fulgurante apar de Washington,
Co'a luz, que a Liberdade
De seu divino rosto escapar deixa,
Qual cometa fatal á tyrannia.
Oh grande Lafayette!
Oh portentoso nome! honra da França!
Nome, que no orbe cresce, como, em bosques,
Altos, frondosos cedros
Nos alcantis do Líbano se elevam,
E as tormentas, e os raios assoberbam
Contra elles fulminados.
De nós aprenderão os filhos nossos
A repetir teu nome inda, no berço,
Com innocentes labios;
Nossos filhos aos seus, estes aos netos
Irão passando intacta esta lembrança;
Como através dos evos
As colossaes pyramides, que emblemas

São da grandeza, e da existencia eterna,
Ovantes tem passado.
Mas é grande hardimento! Ave sem canto,
Longe de seu vergel peregrinando,
Em remontado vôo
Querer modular sons, cantar teu nome!
Sympathica affeição, magico impulso
Ati porêm me arasta;
E d'almo prazer o coração no peito
Se expande palpitando, qual se expande,
Em perfumada nuvem,
O doce arôma do ananás gostoso.
E tu qual prazer sentes, quando tomas
Esse infante em teus braços!
Esse infante gentil, de Heroes progene,
Filho de Zenowiez, hoje sem Patria
Que um Despota roubou-lhe?
Qual te anima alegria esperançosa,
Quando de Kosciuszko vês o sangue
Gyrar em suas veias?
E as entranhas nutrir-lhe ainda tenras?
Oh como é grato levantar nos braços

O filho d'um guerreiro,
Que malfadado sim, mas virtuoso,
Sobranceiro se mostra á sorte adversa!
Ah praza a Deos benigno
Que per ti embalado esse Menino,
Per ti n'agua lavado do baptismo,
Raro exemplo seguindo
De seus nobres maiores, seja um dia
O que foi Kosciuszko, e o que tens sido.
Oh si o porvir contemplo,
Quem sabe si inda um dia!... Mas não pódem
Humanas mãos romper o véo de trevas;
Com que a Providencia
Esconde a mortaes olhos o futuro.
Em sibyllino arrojo eu não pertendo
Interpretar mysterios.
Cresça o Joven Emilio sempre ao lado
Do immortal Lafayette, e aprenda, e saiba
Amar a Liberdade.

Paris, janeiro de 1834.

XXXVII.

AS SENHORAS BRASILEIRAS.

Nas veias o sangue ja não me galopa,
Nem sacros furores nos labios me fervem,
A lyra canora do cysne Beocio
Deixei sobre a trípode.

Os risos fagueiros do Genio da Patria
Agora me inspiram ideias suaves;
Os vossos incantos, oh bellas patricias,
Eu canto dulcisono.

Imperio das graças, oh sexo mimoso,
Vós sois o principio da nossa existencia,
Dos nossos prazeres origé'inefavel;
Sem vós que seriamos?

A lua, que brilha n'um céo azulado,
E os raios argenteos no rïo reflecte,
É quadro bem lindo! porêm vossas faces
Teem graças mais nitidas.

Os dias, que alegres com vosco passamos,
São horas bem curtas, são breves instantes,
E os breves instantes da ausencia saudosa
São noites bem tetricas.

O canto das aves, que soa nos bosques,
É grato aos ouvidos do homem selvagem;
Porêm vossas vozes teem mais melodia,
Que as vozes dos pássaros.

A rosa tem cheíro, que o ar embalsama,
A rosa tem cores, que esmaltam os prados;

Porêm para imagem da vossa belleza
A rosa é invallida.

Os rïos teem perlas, o céo tem estrellas,
Os campos teem flores, a terra tem ouro;
Mas vós venceis tudo; vós sois da Natura
A obra protóthipa.

Por vós afinaram mil vates as lyras,
Por vós mil guerreiros á gloria voaram,
E até naçoens cultas por vós sacodiram
Seu jugo tyranico.

Oh Anjos da terra, da Patria ornamento,
Donzellas, esposas, e mães carinhosas,
Na lucta, que temos co' o vil despotismo,
Mostrai-vos magnanimas.

Os vossos incantos de premio so sirvam
Ao bom patriota, ao sabio, e ao justo;
Deixai que ociosos, e os nossos imigos
No lodo rebolquem-se.

1831.

XXXVIII.

A MINHA LYRA.

Quando o sol era meu astro,
E a minha mente inspirava,
No enlevo do estro enflammado
Alegre a lyra eu vibrava.

Na Grecia, e Roma vagando,
Colhendo flores da historia,
Aminha Patria querida
Hymnos tecia de gloria.

No fogo da mocidade,
N'essa estação de alegria,
Cantava gratas mentiras,
Amores, qu'eu não sentia.

As vezes tambem chorava;
E tu, oh lyra presaga,
Ja teu destino previas,
E o pranto, que ora te alaga.

Qual na rosa, que emmurchece,
Sécca o orvalho, que a aljofrava,
Assim seccou-se em meus labios
O riso, que os enfeitava.

Minha voz enrouqueceu-se,
Meu coração enluctou-se,
E o astro, que me aclarava,
Em densa treva nublou-se.

Antes que o sopro do tempo
Murchasse a flor de meu rosto,

A pallidez ja o tinge,
Causada polo desgosto.

A folha na primavera,
Si pelo insecto é roída,
Assim perde o verde esmalte,
Assim murcha, e cái sem vida.

Deixei a prezada Patria,
Deixei a Mãe carinhosa,
Perdêo então minha lyra
Sua voz harmoniosa.

Ao som das vagas do Oceano
Foi minha lyra aprendendo
A suspirar, quando eu choro,
A ir commigo gemendo.

Companheira de meu fado,
Pelo mundo vagueando,
Junctos os Alpes subimos,
Estranhas terras pizando.

Nos Alpes como n'um throno,
Que me alçava alêm do mundo,
A gloria do Omnipotente
Entoei venerabundo.

Entre gothicas ogivas,
Arroubado no infinito,
Cantei a vida futura,
Consolo d'um peito afflicto.

Sentado sobre ruínas,
Achei um echo na lyra,
E sobre o nada da vida,
Dêo-me sons, qu'eu nunca ouvíra.

Solitario entre os viventes,
Do mundo desconhecido,
Como a planta errante d'agua
A penas tenho vivido.

A gloria, esperança vária,
Sonho falaz do acordado,

Febre, que os Genios inspira,
So me não tem inspirado.

Amiga melancolia,
Consumidora saudade,
Vós envolveis os meus dias
D'esta triste suavidade.

Em cada estação ostenta
Diverso aspecto a Natura;
Ora de crystaes se adorna,
Ora de fresca verdura.

As aves tambem renovam
Seu canto co'a Natureza;
Tudo muda, so minha alma
Conserva sua tristeza.

Unico bem, qu'eu possuo,
Oh minha estimada lyra,
Companheira de infortunios,
Commigo chora, e suspira.

1836.

XXXIX.

O CANTO DO CYSNE.

Meus versos são suspiros de minha alma,
Sem outra lei que o interno sentimento;
E como o fumo, que do fogo s'ergue,
Elevam-se p'ra o céo, e no ar se perdem.

Como o acceso thuríbulo balança
Ante o altar, de incenso alimentado,

Suavissimos perfumes exhalando,
Assim minha alma oscilla
Das illusoens do mundo afadigada,
E suspirando então polo infinito,
Humilde a Deos seu pensamento exalça.

Cada pensamento meu,
Como uma baga de insenço,
Do thurib'lo de minha alma,
Sóbe ao alcáçar do Immenso.

Eis por que ainda no, da vida, exilio,
Entre o véo de tristeza, que me enlucta,
Alguns assomos de prazer ressumbram,
Como do pyrilampo
Na escuridão da selva a luz lampeja;
Eis por que minha lyra
Inopinados sons desliza as vezes;
Eis por que ainda para mim um riso
A Natureza enfeita;
Eis por que a noite presta-me seu balsamo,
E na aurora, que surge, incantos acho.

Um echo p'ra meus suspiros
Eu acho na Natureza;
E para a voz de minha alma
Um accento de tristeza.

Ah per ventura a lyra abandonada,
Que rota e muda jaz de po coberta,
Per ventura inda vive?
A lyra morre, quando mais não soa,
Morre, quando, estalando a ultima corda,
Evapora o seu ultimo soluço.

Assim sou eu sobre a terra;
É minha alma como a lyra,
Que morre, quando não geme,
Que vive, quando suspira.

Como vive o proscripto em riba estranha?
No pensamento a penas,
Nos quadros de sua alma, tristes quadros,
Como a noite sem lua, e sem estrellas,
Quadros nublosos, pela mão traçados

Da pallida Saudade.
Oh mundo, oh mundo, exilio de minha alma!
Vida, cruel tyranno, que me prendes!

O qu'é a vida? Um contínuo
Passar das trevas á aurora,
Cadeia, que nos arrasta,
Turbilhão, que nos devora.

Eis a vida!... E depois?... Mysterio horrivel!
Infinito, onde o espirito se perde,
Como um átomo no espaço;
Deserto, onde vagueia a phantasia,
Repouso, e asylo incerta procurando,
Como nos areáes da ardente Arabia
O peregrino afadigado busca,
Para a sêde aplacar, mesquinha fonte,
E um ramo, que lhe abrigue os lassos membros.

Talvez que amanhã se ultíme
A sentença do proscripto,
E que, livre das cadeias,
Vagueie n'esse infinito.

E quem sabe si a voz da Eternidade
Agora me revela,
Qu'este manto, que envolve o horizonte,
Como do esquife o mortuario panno,
Me cobrirá p'ra sempre?...
Quem sabe si ao raiar d'aurora crástina,
A seu hymno de vida
Um echo faltará de minha lyra,
De minha alma um gemido?

Cada minuto da vida
Póde ser o derradeiro;
Da vida ao nada ha um ponto,
E o homem passa-o ligeiro.

O Cysne, que desliza á flor do lago,
Formando perlas co'o bater das azas,
Mudo a garganta alonga,
E so da morte a voz n'ella resoa;
Como uma frauta, que do tronco pende,
Por amoroso voto,
Pelo vento agitada,

Embalança, e suave melodia
Exhala de seu tubo :
Assim a voz do cysne se desata,
Pela morte inspirado,
Assim s'ella harmonisa,
Para doce entoar o hymno extremo.

Mas acaso sabe o Cysne,
Terno canto desferindo,
Que em cada accento, que sólta,
A vida lhe vai fugindo?

Companheiro do Cysne, o tenro arbusto,
Que uma so vez floresce,
E quando assim se adorna, murcha, e morre,
Como no dia numpcial a esposa,
Sabe elle per ventura qu'essas flores
São as galas da morte?
A lampada, que expira, e um clarão sólta,
Acaso sabe se lhe míngoa o oleo?
O rïo, que no prado se resvala,
Acaso dizer póde :

Amanhã terá fim minha corrente?
E o zephyro, que brinca saltitando
Sobre as frescas corolas, sabe acaso,
Si ainda existirá no sol seguinte?

Nós acaso conhecemos
Melhor qu'elles nossa sorte?
Podemos dizer : este hymno
É nosso hymno de morte?

Eu canto como o Cysne, sem que saiba
Si é meu ultimo canto;
Como o arbusto, que brota mortaes flores,
Minha alma se dilata, e aromas verte;
Como a luz, que fallece, e se afogueia,
Em sacro amor meu coração se enflamma;
Como o rïo, que manso se desliza,
Como o ligeiro Zephyro, que adeja,
Se devolvem meus dias,
Como vagas do mar, um após outro,
E não sei qual será o derradeiro.

Inda um suspiro, minha alma,
Como a Cysne hoje exhalemos;
Si amanhã vir-mos a aurora,
Novos hymnos entoemos.

Cantemos, cantemos
Co'a noite, e co'o dia,
Seja nossa vida
Contínua harmonia.

AS SAUDADES.

I.

INVOCAÇÃO A SAUDADE.

Tu, que n'alma te embebes magoada,
Melancolica dor, e gotta a gotta
Vertes no coração toxico acerbo,
Que entorpece a existencia, e a vida rala;
Tu, tyranna da ausencia, que retratas
Em fugitiva sombra, em negro quadro
A imagem do passado,
Que ao filho sempre a Mãe annosa antolhas,
A Patria ao peregrino, o amigo ao amigo,
O esposo á esposa; e ao malfadado escravo,
Que sem futuro pelo mundo vaga,

Mostras a liberdade, e o lar paterno;
E a cada simulachro, que apresentas,
Com farpado aguilhão rasgas o peito
Do triste, que te soffre;
E nos olhos sanguineos, encovados,
Não lagrimas estillas,
Mas fel, so atro fel, barbara, espremes.

Oh saudade! Oh martyrio d'alma nobre!
Máogrado o teu pungir, como és suave!
Como a rosa de espinhos guarnecida,
Aguilhoa, e apraz co' o doce aroma,
Tu feres, e mitigas com lembranças.
Mas ah! o teu espinho inda é mais duro,
E essas tuas lembranças são fallaces,
Flores são, que o punhal de Harmodios cobrem.

Para agora opprimir-me tudo s'ergue;
Tudo agora de incantos se reveste,
P'ra mais exacerbar minha saudade.
Sitios, qu'eu desdenhei, sitios, que amava,
Templos, que orar me viram respeitoso,

Estes céos de setim, estas montanhas
Cobertas de cocares de palmeiras,
Pais, amigos, irmãos, ah tudo, tudo
Me está representando a phantasia,
Como que pouco a pouco quer matar-me.

Que scena ha hi, que mais incantos tenha,
Que ver languida virgem, pudibunda,
Pallida a fronte, as faces desbotadas,
Baixos os olhos, revoando a coma,
E uma terna expressão de occulta angustia,
Que as entranhas lhe lavra?
Que scena ha hi, que mais incantos tenha,
Que vê-la n'um baixel, segura ao mastro,
Suspiros exhalar, longos suspiros,
Que vôam mormurando, e se misturam
Co' os ventos, que sibilam nas enxarcias?
De vez em quando olhar, e so ver nuvens,
Nuvens, que o céo encobrem, retratando
Fugitavas imagens, que recordam
Terras da Patria, quem meu Deos, quem póde
Resistir á tal scena?

Tu matas, oh saudade!... As crespas ondas,
Delirante Moêma *, e quasi insana,
Per ti ferida, se arremeça,... e morre,...
Que não póde a mesquinha
Longe viver do fugitivo amante,
Que tanto amor pagára com desprezo.
Lyndoia **, entregue á dor, desesperada
N'ausencia de Cacambo, mal lhe soa
Do caro esposo o ultimo suspiro,
Tambem suspira, odeia a vida,... e morre...
E tu, Clara infeliz ***, filha dos bosques,
Gerada entre palmeiras,
Nada póde aprazer-te, nada póde
Extinguir-te a lembrança
Da rustica cabana, onde embalada
Em berço foste de tecidas varas;
De diurnas, domesticas fadigas
Descançada, la quando alveja a lua

* Veja-se o Episodio de Moêma, canto VI, p. 172, do poema Caramurû de S. Rita Durão.

** Episodio do Uraguay, poema de José Basilio da Gama, canto III.

*** Este caso é original.

Em fundo azul, mil vezes te enxergaram
N'um tronco de coqueiro reclinada,
Cantar da infancia tua arias saudosas,
Arias bebidas nos maternos labios.
Ai... minha Mãe (dizias)
Ai... minha Mãe... Quem sabe se inda vives!
Aldeia, onde nasci, pobre cabana,
Rêde, que me embalavas, eu vos chóro!

Oh terra do Brasil, terra da Patria,
Quantas vezes do misero Africano
Te regaram as lagrimas saudosas?
Quantas vezes teus bosques repetiram
Magoados accentos
Do cantico do escravo,
Ao som dos duros golpes do machado?
Oh barbara ambição, que sem piedade
Cega e surda de Christo a lei prostergas,
E assoberbando mares, e perigos,
Vas infame roubar, não vãs riquezas,
Mas homens, que escravisas!
Mil vezes o Senhor, para punir-te,

Oppoz ao teu baixel ondas, e ventos,
Mil vezes, mas embalde
Nas cavernas do mar caïo gemendo:
A voz do Eterno obediente a terra
Se mostra austera e parca,
Que a lagrima do escravo esteriliza
O terreno, que orvalha;
A Natureza préza a Liberdade,
E so franqueia aos livres seus thesouros.

Oh suspirada, oh cara Liberdade,
Descende asinha do Africano á choça,
Seu pranto enxuga, quebra-lhe as cadeias,
E a saudade da Patria lhe mitiga.

Oh palavras! oh lingua! quão sois fracas,
Para d'alma narrar os sentimentos!

Oh saudade, afflicção dura e suave!
Oh saudade, que o rosto me descóras,
Saudade, que me apertas, e me séccas
Almo riso nos labios,

E o pensamento meu absorves todo,
Como uma esponja o liquido, e o repartes
Co' o passado, o presente, e co' o futuro.
Oh saudade! Oh saudade!
Minhas endechas malcarpidas colhe;
Dá-me um lugubre som, como o das vagas,
Que nas praias se quebram
Sem ordem, como os meus chorados cantos;
Uma voz sepulcral, como a da rôla,
Que em solitaria selva se lamenta;
Um accento funereo, um echo lugubre,
Como o echo das grótas, quando a chuva
Gotteja reboando.
Ah corram minhas lagrimas, ah corram
A quantos meus gemidos escutarem.
Oh saudade! Oh saudade!
Pois qu'em minha alma habitas,
E sem sessar me lembras Pais, e Patria,
Minhas tristes endechas serão tuas,
Saudade, serei teu;... Saudade, és minha.

II.

A PATRIA.

Adeos, oh Patria amada,
Terra saudosa, onde eu abri meus olhos
Pela vez prima ao sol americano,
Onde nos braços maternaes suspenso,
O teu amor co' a vida
No albor dos annos meus fruí gostoso.

Oh Rïo de Janeiro,
Eu me ausento de ti com mágoa e pranto!
Adeos, brilhante céo da Patria minha!
Adeos, oh serras, qu'eu vinguei difficil!
Adeos, sombrîas varzeas,
Que vezes passeei meditabundo.

Adeos, augustas torres
Do Templo, onde lavei-me do peccado!
O som funereo dos sagrados bronzes
Inda vem magoar os meus ouvidos,
E n'alma despertar-me
Tristissimas, crueis reminiscencias.

Eis alli a montanha,
Cujos pés beija o mar, que em flor se esbarra.
Quantas vezes alli triste, sentado,
Minha alma no infinito se espraiava,
Os olhos vagueando
Sobre este mar, que deve hoje levar-me!

Sim, eu te deixo, oh Patria;
E te deixo luctando co' as procellas,
Que no teu horizonte se abalrôam.
Ah quanta dor o coração me punge,
Por ver alguns teus filhos,
Baldos de pondunor, como te olvidam.

Teus filhos... Ah cubramos,
Si algum ha, com desprezo seu opprobrio.
Feras serpentes, qu'entre mansas aves
Se aqueceram nos óvos, e mal nascem
Dilaceram os filhos,
E as proprias aves, que lhes deram vida.

Malevolos sicarios,
Raça espuria, sem Patria, êrmos de brïo,
Ja trahidores alfanges afiando,
O ensejo so aguardam favoravel
De, no sangue, ensopal-os
D'aquelles a quem bens, e honra devem.

Não é pavor, nem susto
De aos pés calcado ser de intruso Nero,
Nem de rojo levado ao cadafalso,
Que hoje arrancar-me de teu gremio póde;
Nem a ambição me acena
Qu'eu vá mercadejar per longes terras.

Não, eu não temo a morte,
Nem dos tyrannos temo a catadura;
Eu sei assoberbar adversos fados;
Que o varão, que o dever toma per norte,
Sempre a Patria antolhando,
Morte honrosa prefere á vida escrava.

Amor da sapiencia,
Desejo de colher lição do mundo
Me leva ás margens do suberbo Sena,
Para, si não me for avessa a sorte,
Ante o altar da Patria
Meus serviços prestar vir respeitoso.

A ti me voto inteiro,
Tu és o meu amor, minha alma é tua;
So para te offertar flores cultivo
Nos magicos jardins da Poesia;
Si te apaz seu aroma,
Ah como fico de prazer ufano!

Ah praza a Deos que a nuvem,
Que obumbra ora teu céo, tão bello sempre,
A colera do Eterno não desabe
Sobre as tristes cabeças de teus filhos!
Ah praza a Deos que nunca
Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!

Oh Senhor, tu protejes
O povo, que se vota á Liberdade;
A Liberdade é dom, que nem tu mesmo
Aos homens tiras; como um mortal ousa,
Erguido po da terra,
Eclipsar os teus dons, manchar teu nome?

Cara Patria, sem susto
Tua fronte levanta magestosa,
Como tuas montanhas, e teus bosques!
Não sejas so no mundo conhecida
Per teus ricos thesouros,
Pelos prodigios da sem-par Natura.

Oh Patria, ovante marcha;
Ja em teu seio encerras Varoens dignos
De renome immortal; não te envergonhes
De cingir-lhes as frontes, de apontal-os;
São elles, que te escoram,
E que te hão de elevar á Eternidade.

Estas, que solitarias
Ondas, mugindo, em tuas praias curvam-se,
Ja outr'ora, não pedras, não espuma,
Mas cadaveres, e sangue arremeçaram,
Cadaveres, e sangue
Dos nascidos nos teus sagrados bosques.

Si inimigos ousarem,
Armados contra ti, em frageis lenhos,
Expellir o trovão, o raio, e a morte,
Abir-se-hão estes mares p'ra sorvel-os,
Seus lívidos cadaveres
Tuas areias juncarão de novo.

Como a enchente do Nilo
Que cobre a terra Egypcia se espraiando,
Deixa após sí fertilidade aos campos,
Assim, propicia paz, tu vivificas
O povo, que te hospeda,
E per ti bafejada a industria medra.

O coração presago
Vehemente palpita, e voz suave
Em meu peito resoa, e me annuncia
Que o céo d'estes horrores te preserva;
O coração não mente;
A paz firmou-se em ti; seja ella eterna.

Como serei ditoso
Si dado inda me for correr teus campos,
Beijar de annosos Pais as mãos rugosas,
Abraçar os Amigos, e arroubado
N'esse celeste instante
Novos, oh Patria, canticos tecer-te.

Rio de Janeiro, 3 de julho 1833.

III.

A MINHA FAMILIA.

Choram por mim... Por mim a Mãe querida
Em soluços — adeos — nem dizer póde...
Debalde balbucia, os labios tremem,
E a dor a voz lhe embarga...
Banhado tem o rosto
De crystallino pranto, e cor de sangue
Os olhos ja cançados.

La vejo o caro Pai sisudo e grave,
A quem annos as faces enrugaram,
E a fronte encaneceram,
A mão ao filho estende, e a bençam lança:
Boa viagem, diz, boa viagem;
Deos te guie, e te traga
Na sua sancta guarda,
Sempre digno de mim, da Patria digno.

Memorandas palavras!
Palavras de meu Pai... n'alma do filho
Ausente, eternas ficarão gravadas.

Ternos irmãos — adeos — me estão dizendo
Com tão funebre accento,
Como si eu condemnado á morte fosse.
Um per um os abraço, e adeos lhes digo.
Quero partir,... forcejo; o olhos cerro;...
Porêm a dor, que o coração me preme,
Forças me tira, e me fraqueia os passos;
Em borbotoens rebentam
Lagrimas, que enxugar emvão pertendo.

Que mão gelada é esta, que me embebe
Duro alfange no intimo do peito?
Que mão desapiedada me retalha
O coração magoado?
Mão da saudade, és tu, eu te conheço.

Oh momento da ausencia, como és agro!
Mais agro não me foi aquelle dia
Em qu'eu co'a morte ao lado,
Quasi caï do leito á sepultura.

Ja brilhava a meus olhos moribundos
A luz de benta vella,
Que ante um sagrado Crucifixo ardia.
Chorava minha Mãe, e seus cabellos
Sobre meu frio peito debruçavam-se.
Collocado entre o mundo e a Eternidade,
Meu ser se dividia, e ingente peso
Me comprimia o coração afflicto,
Como si ferreos braços me cerrassem;
Ah por que inteiro conservou-se o estame
Em lucta tão cruel? É qu'eu devia
Soffrer mais este golpe, e da existencia,

Não estava inda o circulo completo;
Assás não tinha o Mundo conhecido,
Conheceí-o devia.

N'este instante, que a dor abserve todo,
Não me vigoram, de um porvir brilhante,
Lisonjeiras lembranças,
Sonhos fallaces, esperanças loucas,
Que embriagam a mente do acordado.

Quizera aqui morrer, quizera munca
Estranhas terras visitar, que outr'ora,
Eu tanto cubicára,
Antes que os Pais deixar, irmãos, e Patria.

Mas uma estrella guia
A seu destino o homem.
Quem de Deos penetrar póde os arcanos?
Quem do Eterno á vontade oppor-se póde?
Cumpra-se a minha estrella... E nós choremos,
Que n'um valle de lagrimas estamos.
Chorando nossas Mães vida nos deram,
Chorando nós nascemos, e mil vezes

Esta vida choramos, e na morte
Uma lagrima ainda se desliza
Dos revirados olhos :
Das lagrimas a fonte so se extanca,
Quando da vida apaga-se a centelha.

Pais, irmãos me rodeam.
Onde estão os amigos? Um ao menos
Não me vem abraçar n'este momento?
Um so não terei eu, que me acompanhe
Até a triste praia,
E o osculo da Amizade ahi me imprima
Na hora da partida?
Eu vos chonheço, amigos!
Comvosco fique a paz, fique a alegria,
Venha o pezar commigo.
Caro Pai, boa Mãe, irmãos queridos,
Meu ultimo suspiro vosso seja...
Adeos... adeos, qu'eu parto.

Rio de Janeiro, 3 de julho 1833.

IV.

A TEMPESTADE.

Desapparece o sol, o céo negreja,
O rigido aquilão em furias brama,
E em cada vaga a morte armada s'ergue.

Hei-de eu morrer, oh Patria,
Sem qu'um suspiro teu si quer mereça?
Sem que minha existencia util te fosse?
E este mar cavará o meu sepulcro?
Meu corpo rolará entregue ás ondas,
Té que os marinhos tigres o devorem?

Não terei uma campa, um epitaphio,
Onde no dia aos mortos consagrado
As lagrimas de amigos se deslizem?

Eu estava tranquillo...
Como um brando regato serpenteia
Entre florida, perfumada relva,
Ou como a lua placida fulgura
Na abobada celeste,
Recamada de nítidas estrellas,
Assim os dias meus se devolviam
Em suaves vigilias, brandos somnos.

Tinha um Pai, uma Mãe, Irmãos, Amigos;
De baixo de meus passos se movia,
Sem qu'eu sentisse, a terra;
Ora de humana voz ternas cadencias
As passageiras mágoas me adoçavam,
Ora coberto com doceis de folhas,
Qu' em chuveiros de flores me cobriam,
Terno cantava ao som da frauta agreste,
Que o sabiá simula.

Si no cume da serra a tempestade
Caliginosos braços estendia,
Si nas torres dos Templos se esbarravam
Lampejantes coriscos,
Na paterna mansão, êrmo de susto,
Escutava o trovão, e o hymno excelso,
Que entoavam meus Pais venerabundos.
Oh com que rapidez tudo se muda!
O homem nem prevê proximos males!

Aqui, n'este Oceano,
Sem que si quer um so prazer desfructe,
Tudo é horror, e um vasto cemiterio.
De cada lado gigantescas vagas,
Irritadas elevam-se, curvando
Sobre o navio, que sem tino vaga.
Negras nuvens do sol a face enluctam;
Soltos trovoens se embatem, troam, bramam,
Rijo sibila e vento nas enxarcias;
Ante a proa em montanhas espumosas
Se polvoriza o mar, roncando horrisono;
Gemendo as vêrgas beijam

A onda, que se empola, ou ja se afunda,
Quaes debeis cannas, que o tufão acurva.
Que horror oh céos! Que sorte nos aguarda!

Si é nossa estrella que morramos todos,
Ser quero eu o primeiro
Em quem, oh ondas, sacieis a furia.

Procuro embalde, scintillar não vejo
Sanct'elmo de esperança;
So vejo a morte abrir a foz medonha
Em cada vaga, que engulir promette
O lenho surdo á voz do palinuro.

As vélas ferram desmaidos nautas,
Rouqueja o capitão, soa a busina,
Mulheres tremem, creancinhas choram,
E sobre a bomba passageiros curvos
Arquejando se afanam.

Fitas de fogo ardentes, inflammadas,
Entre rotos listoens de nuvens negras,
Se estendem no horizonte;
Vasto lago de sangue o mar parece;

Relampagos mil chovem, mil se apagam,
Raios dardeja o céo enfurecido,
E os vermelhos coriscos no ar se cruzam,
Como os cipós, que os bosques emmaranham,
Ou como em rïo amontoadas serpes,
Curvilineas se enlaçam, sobem, descem.

Oh meu Deos! Oh meu Deos, teus olhos volve
Sobre os filhos dos homens.
É verdade, Senhor, elles ingratos
No tempo da bonança se esqueciam
Da tua omnipotencia;
Ousámos, impios, profanar teu nome,
Mas piedade, Senhor, hoje invocamos.

Como filhos rebeldes,
Que os sãos conselhos paternaes desprezam,
Zombam mesmo dos Pais, e de delirio
Em delirio caminham p'ra desgraça;
E quando ja no poço da miseria
Lhes brada a consciencia,
Então os Pais invocam;

E si os Pais os não salvam, alli morrem.
Tu és Pai, oh meu Deos! Misericordia!

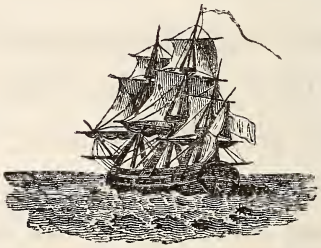
Um sopro de teus labios foi bastante
Para armar contra nós a tempestade;
Um sopro de teus labios
Basta para acalmal-a.

A tua voz, Senhor, tudo se humilha,
O mar, a terra, o céo, o vento, o raio;
Falla, seremos salvos.

Amaina o vento, o mar se tranquillisa!...
Maravilha de Deos!... As nuves subam
A teus pés os meus hymnos,
Hymnos accesos nos transportes d'alma;
Vôem de mundo em mundo, d'astro em astro,
D'Anjo em Anjo, até qu'elles se harmonisem,
E dignos sejam, oh Senhor, qu'os ouças.

Gloria! Gloria ao Senhor! estamos salvos!
Desapparece a morte,
Raia o sol, ri-se o céo, o mar se aplana!

Gloria ! Gloria ao Senhor ! Estamos salvos !
Afaga-me a esperança,
Que renasce na fundo de minha alma,
Como a phenis das cinzas.
Oh Patria, serei teu ; minha existencia
Ao louvor do meu Deos, a teus louvores
D'ora avante consagro.



V.

O DIA 7 DE ABRIL, EM PARIS.

Longe do bello céo da Patria minha,
Que a mente me accendia,
Em tempo mais feliz, em qu'eu cantava
Das palmeiras á sombra os patrios feitos;
Sem mais ouvir o vago som dos bosques,
Nem o bramido funebre das ondas,
Que n'alma me excitavam
Altos, sublimes turbilhoens de ideias;

Com que cantico novo
O Dia saudarei da Liberdade?

Ausente do saudoso, patrio ninho,
Em regioens tão mortas,
Sem incantos p'ra mim, sem attractivos,
Gela-se o estro ao peregrino vate.
Tu tambem, que nos tropicos te ostentas
Fulgurante de luz, e rei dos astros,
Tu, oh sol, n'este céo teu brilho perdes.

Oh phantasia, reproduz si pódes
O energico quadro, que meus olhos
Outr'ora extasiara;
As scenas reproduz de enthusiamo,
Que o coração abrasa
Como o sol, quando a pino os homens fere;
Memoria, hoje recorda aquellas vozes
Dos Brasileiros peitos escapadas,
Como do Chimboraço ardentes lavas,
E no Templo de Deos gratas soavam;
Recita aquelles hymnos,

Que angelicas donzellas, varoens probos
Alternos entoavam n'este Dia
Da Liberdade em honra.

Mas emvão, que nos ares embruscados
O mimoso colibre não adeja,
Nem longe do seu ninho o canto exhala
O sabiá canoro.
Ah si ao menos a dor, que me alma punge,
E a existencia me azeda,
Um pouco se aplacasse, e doce riso,
Filho do coração, subisse aos labios,
Quiçá na ausencia da querida Patria
Podesse, inda que rouco,
Mais um hymno ajunctar aos outros hymnos,
Com que de meu amor lhe fiz offrenda,
Quando, no gremio seu, prazer gozava.

La, no teu seio, a vida respirando
Tranquillo e socegado,
Ou no mar agitado, á morte exposto,
Ou aqui n'esta plaga tão romota,

Fiel te sou, oh Patria; não te olvido
Polas grandezas, que me a Europa offrece.
Estes eternos monumentos d'arte,
Estas columnas, maravilhas mortas,
Estas estatuas colossaes de bronze,
Estes jardins suberbos, estes Templos
São bellos, — mas não são de minha Patria.
Tuas virgens florestas, e teus Templos
Mais me aprazem, que tudo, que aqui vejo.

Ah quem me dera agora, em grato sonho
Illudido, cuidar que me revolvo
Ignorado entre os meus, entre o tumulto
Do povo, que no rosto traz impresso
A gloria d'este Dia!
Quem me dera, que os meus rusticos hymnos
Per elle ouvidos fossem,
E per elle applaudidos
No delirio do sacro amor da Patria!

Oh como é doce memorar os tempos
Da passada alegria!

Como é doce escutar ternas cadencias
De branda voz de pudibunda virgem,
Quando fóra da terra a alma vagueia;
No celeste infinito!
Mais doce é celebrar os claros feitos
Dos seus concidadãos, e unido a elles,
Beber na mesma taça o enthusiasmo,
E no divino arroubo
Os céos congratular, render-lhes graça!

Aqui da Liberdade repetido
Não soa o mago accento em meus ouvidos;
Nem auriverde pavilhão tremóla,
Imagem das riquezas
Da Patria minha, fertil, abundante;
Nem o canhão rebomba, que assignale
Qu'este Dia ao Brasil é consagrado.
So o estridor resoa
De turbulento povo, indifferente
Da Patria minha á gloria.

Dia Sete de Abril, preclaro Dia!
Tu so esta tristeza hoje me adoças,

Que a vida me angustía.
Tu so me hoje despertas do lethargo,
Em que esta alma se abysma,
De resistir cançada á tantas dores.
Ah talvez que de ti poucos se lembrem
N'este estranho paiz, onde tu passas
Sem culto, sem fulgor, como em deserto
Caminha o viajor silencioso.

Mas rapidos os dias se devolvem;
E tu, oh sol, que pallido me aclaras
N'estas longiquas plagas,
Brilhante ainda raiarás na Patria,
E ouvirás meus hymnos
Em honra d'este Dia, não magoados
Co' os funebres accentos da saudade.

VI.

AO MEU AMIGO

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Não posso duvidar, nem tu duvides;
Ha uma estrella, que ao porvir nos guia,
Máogrado as ondas do inconstante mundo.
Os destinos dos homens são patentes
Da Providencia aos olhos,

Que p'ra os olhos de Deos não ha futuro.
Philosophia, em vão al tu me ensines.
Com insoluvel nó a ti me liga
Sagrada, occulta força;
Fitos na Patria os olhos, sempre avante,
Araujo, marchemos.

Amamo-nos; que importa Grecia, e Roma
Vas ver sem mim [1]? Assim 'sta destinado.
Na Patria de Platão, e de Lionides,
De Raphael na Patria
Não, não te esquecerás do teu amigo.

Vai; sapiencia colhe em solo estranho,
Depois comnosco prodigo reparte.
Assim de flor em flor o nectar frúe
Tenra abelha, e o converte em mel p'ra os homens;
Assim de gottas pluviaes se peja
Ancho seio do monte,
Que em limpidas correntes depois mana.

Vai; ao Parnaso sóbe; ahi meu nome
Entoa para o céo, e attento escuta;

Si os echos responderem,
Apar do nome teu, meu nome grava
No marmore, que achares.
Ah lembra-te de mim, quando de Tasso
Visitares o tum'lo.

Quando do longo meditar cançado
Estiveres de Roma nas ruínas;
Quando so passeando n'Appia estrada,
Ou da morte os segredos contemplando
Dos Martyres Christãos nas catacumbas,
Quando ouvires soar de amigo o nome,
Da mim te lembrarás, dirás comtigo:
Quem sabe si per força da amizade,
De mim pensa elle agora, como eu d'elle?

Vai; teu genio alimenta;
Breves os dias são, os annos breves,
E dos filhos dos homens breve corre
A vida afadigada,
Como nos ares rapido metéoro.
Ah quanto a missão custa
Cumprir na terra, onde atalaias somos!

Na começada empresa
Somente ao fraco arrepiar é dado;
Não se releva ao campião donoso,
Que desde o albor da idade
N'alma ferveo-lhe em turbilhoens o genio,
Que lhe inspirára a Patria.

Enganados n'um dia os mortaes podem
As mãos o mando confiar de um nescio,
Com que depois os curva;
Podem coroas repartir, e sceptros,
E purpuras reaes, e tit'lus nobres;
Podem rolar seus idolos dos thronos,
E os diademas tomar-lhes, que lhes deram;
Mas tu, raro no mundo, dom sublime,
Genio, quem te reparte?

Deos so, Deos so te envia a seus dilectos.
Genio, filho de Deos, fogo celeste
Baixado á terra em prol da Humanidade,
Aquelle em cuja fronte resplendeces,
Cujos labios inflammas

Leibnitz, Newton será, Dante, ou David,
Radiantes padroens, astros de gloria
De estrellas escoltados,
Que como o sol do oriente, ao occidente,
Gyro farão eterno.

Signal em tua fronte tens do Genio;
Não pertences a ti, tu és da Patria.
Com teus pinceis divinos
Deves seus feitos esmaltar, preclaros;
Eu a teu lado cantar-lhe-hei a gloria.
Unidos, sempre Amigos, sempre á mesma
Vontade obedecendo,
Que doce nos será então a vida!
Tempo, tempo, não vôes; Patria, aguarda;
Araujo, marchemos.

VII.

NO ALBUM DE UM JOVEN AMIGO.

Amigo, eu parto, e deixo-te saudoso.
Pois que sempre tua alma bem formada
Minhas vozes ouvio, vozes sinceras,
Pois que sempre os conselhos da experiencia
Com prazer escutaste,
Inda que as vezes duros,
No momento do adeos recebe, attende
Esta, de amor, não lisonjeira prova.

É qual sereno rïo a mocidade,
Que as imagens retrata, e não conhece
O bem, e o mal, e as illusoens do mundo:
É como verde e flácida vergontea,
Que a fórma toma, que o cultor lhe imprime,
Ou boa, ou má, não mais depois se muda.

Quem, como tu, da Patria longe vive,
Longe dos paternaes, uteis dictames,
Assás tem que luctar, si a gloria aspira.
Philosophos não faltam, que te instruam,
Mas, da vida, nas paginas de um livro,
Não se aprende a sciencia.

Estuda, sim estuda, mas pratica
Dignas acçoens de ti; e eu te asseguro,
Pois que a Natura te protege, e inspira,
Qu'inda um dia serás brilhante estrella
Entre os Astros, que a Patria nossa adornam.
A Deos praza, que a Patria não illudas,
E os Votos de teus Pais, e dos Amigos.

A todo instante, que este livro abrires,
Lendo estes versos, dize: hei um Amigo.

VIII.

AO DEIXAR PARIS.

Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar
Do progresso, da luz, da liberdade.
Pacifico remanço, onde perenne
Bebe o estrangeiro quanto apraz a mente,
Do nectar das sciencias, sequiosa.

Sim, com justa razão te ornas de orgulho,
Patria de Heros, refugio de infelizes,

Victimas do Erro, qu'inda a Europa preme
Com cem braços de ferro, fugitivos,
Em teu gremio cabal abrigo encontram.
Mãe desvelada não mais prompta acode
Com bondadoso peito ao tenro infante.

Qual da torrente, que de alpestre fraga
Jorrando em catadupas marulhosas
Se ala equóreo vapor, que o campo orvalha,
E em rïos dividindo-se, e em regatos
A longes terras nutrimento envia,
Assim os sabios, que em teu seio abundam,
Manam nome, e saber ao outros povos.

Para theatro de espantosas scenas
Teu solo assignalou a Providencia.
Aqui rompeo esse vulcão terrivel,
Que o mundo inteiro alumiou co'as lavas,
E á fileira dos reis alçou os homens;
Aqui o Rei dos reis, terror da Europa,
No throno colossal, firme no povo,
Honras, louros, e sceptros repartia.

O jugo antigo, que a razão curvava,
Quebrou, em ti nascido, esse Descartes *,
Que per novo theor, methodo novo
Sublime estrada abrio á Intelligencia.
Malebranche o seguio, tambem teu filho.

As boas Artes, do progresso amigas,
Filhas da Liberdade, irmães da gloria,
Foragidas da Italia, atravessaram
Alpes, e Rhêno, em ti seu Templo ergueram.

París, citar teu nome, e pôr remate
Aos elogios teus; eu te venero.
Liçoens em ti fruî, como eu mil outros
Brasileiros, que a Patria hoje adereçam,
Em ti juvenis passos amestraram.
Da sapiencia o brilho offusca o d'ouro,
So d'alma estreme a gratidão é paga;
Grato te sou no tributar encomios
Não lisonjeiros, que a verdade os sella.

* Sei que Descartes não nasceo em París, mas eu fallo de toda a França.

Arando o crespo Oceano, á Patria minha
As Sciencias passaram triumphantes,
Do sanctuario teu, nas mãos levando
O archote da razão; ahi brilhante
Luz difundindo, as trevas sacudiram,
Que em nossos horizontes negrejavam.

No facundo Clarim soa a Verdade;
Então do avaro Lusitano as pêias,
E as erguidas barreiras rotas cáiem,
Quando Montesquieu, Rousseau troando,
As cidades, e os campos repercutem.
Assim de Jerichó outr'ora os muros,
Das Hebreias trombetas sons ouvindo,
Cáiem aos pés de Jesué submissas.

Então pautando os seus pelos teus pasos,
Mais e mais o Brasil tereno avança
Na escala das Naçoens, que n'orbe avultam.

Como da lyra comsoante vibra
Uma corda, quando outra foi ferida,

Co'as tuas explosoens se harmonisando
O Brasil, teus triumphos applaudindo,
Assim empeços vence, e igual triumpha.
Oh Brasil, per ventura lisonjeiro
Serei no meu dizer? D'onde te veio
A Sciencia das Leis, a Medicina,
A Moral, os costumes qu'hoje ostentas?
Quem te ensinou a perscrutar teu campos,
A pesquisar segredos, que a Natura
Em cada vérme, em cada flor occulta?
Quem teu genio subio ao firmamento,
E os mysterios dos astros revelou-te?
Quem a téla, de cores matizando,
Mostrou-te retratada a Natureza,
Teus Heroes, tua Historia, teus costumes?
Responda a gratidão. — Avulta, oh França!
Marcha, prospéra; e tu, Brasil, prospéra;
Estes meus votos são, outros não tenho.

Um povo sempre é filho d'outro povo;
Um homem sem cultura não avança;
Sem ensino os espiritos não brilham.

Quem, París, sem amar-te póde ver-te?
E quem póde deixar-te sem saudade?
Ah não beberei mais as eloquentes
Liçoens, que me apraziam de teus mestres!
Na verei mais teu Luvre apinhoado
De maravilhas tantas! Teus collegios,
Onde vozes troavam sapientes!
Inda a mente me pinta os, de Sorbonna,
Vastos amphitheatros coroados
De attenta juventude! — Tudo deixo.....

*

Ah deixo ainda mais, deixo um Amigo!
Que raros são, e que tão poucos tenho!
Sabes com que pezar te deixo, oh Sales *!
Companheiro da infancia; ás portas, junctos,
Da Sciencia batemos; ella ouvio-te,
Abrio-te, e franqueou-te seus thesouros.
Joven inda da Patria és ja um astro,
Que no seu horizonte alto rutila;
Eu misero, phosphorico metéoro
Sem nome vago. — E morrerei sem nome?

* O meu illustre amigo Francisco de Sales Torres Homem.

E tu pintor dos Brasileiros bosques,
Tu, que emquadros multiplices ao mundo
Nossos costumes eloquente mostras*;
Venerando Ancião, Amigo, e Mestre,
Por quem ja uma vez chorei saudoso,
E tu tambem choraste; hoje de novo
Se reproduz tal scena; mas ao menos
Tu ficas no teu lar, co'os teus, e eu parto,
Eu parto, não p'ra o meu. Debret, teu nome
Commigo eterno irá, como elle eterno
Passará d'uma idade a outra idade.

Adeos, Paris; adeos do mundo emporio.
Adeos, Sales, Debret, adeos..... Amigo,
Que ao teu o meu destino unir quizeste,
Hoje a minha saudade igual te punje;
Não agravemos mais nossos pezares;
Vamos, meu Araujo; é tempo, vamos.

* Publicava então M. Debret sua Viagem Pittoresca ao Brasil, obra de um grande merito.

IX.

A SUISSA.

Tal como o caçador afadigado,
De pois de emvão correr ingratos montes,
Si alfim vê bello passaro, que pousa
Sobre um tronco do bosque,
Alegre e duvidoso a arma prepara;
E quando cuida ja que é presa sua,
Manso o vê, que se escapa, e que desliza
Nos leves eres co'as talhantes plumas,

Triste, desesperado á casa volta :
Ou como terno amante, que de longe
O bem amado avista, passeando
No jardim de seus pais; contente investe,
Ja em doces ideias engolphado;
E quando perto chega,
E cuida ir desfructar gratos momentos,
Ella modesta e temerosa, os olhos
Brandamente volvendo, se retira,
E o malfadado deixa
Entregue á dor, carpindo-se saudoso;
Assim eu, oh bellissima Suissa,
Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,
Teus campos ferteis co'o suor dos homens;
Vi teu lago tranquillo, onde se espelha
De cima d'esse throno de alabastro*
O sol, mal que amanhece faiscante;
Assim joven guerreiro d'ouro armado
No polido pavez attento se olha,
E contempla seu garbo, antes que sáia
A discorrer seus campos, coruscante.

* O Monte Branco.

Vi a tua cidade de Genebra,
Tão linda como o lyrio juncto d'agua,
Tão graciosa como pura virgem,
Que a roca empunha, e que meneia o fuso.
Vi-te, e meu coração portas abria
Ao prazer fugitivo,
Que mais ligeiro corre, que o teu Rhódano.
Alma alegria me orvalhava a mente
Tão secca de pezares;
E a Saudade da Patria, que me punge,
Como que adormecida, menos dura,
A farpa descançava.
Esquecido de mim, do meu destino,
Começava a gozar-te; — e ja me foges!
Mas si tu de meus olhos despareces,
Desenhada na mente a imagem tua,
Eu não consentirei que se esvaêça.

Oh Suissa, oh Genebra, oh paiz livre!
Culta Scythia da Europa, sólo honrado
Pelos Euler, Rousseau, Haller, e Géssner,

Recebe inda este adeos de um estrangeiro;
E praza ao céo que o ultimo não seja,
Que a ti volte, e te veja uma, e mais vezes.

Genebra, 11 de octubro de 1834.

X.

O GENIO, E A MUSICA.

A SENHORA CATALANI.

Sim, é certo; a Natura não se esgota;
Mas providente de seu seio tira
Um a um esses Genios, que benigna
Co' os seculos reparte;
Assim sem fatigar, encomios cobra,
E co' a força do magico artificio
Os homens doma, os encadeia, e os guia.

Dos Genios a importancia se conhece
Quando, enchendo a missão, desapparecem.
Os rïos as campinas fertilizam,
A Humanidade folga;
Mas eis que os grãos depositos se exhaurem,
Os campos se attenuam,
E a Natureza inteira empallidece;
Aos pedregosos leitos, descobertos
O homem chega, e d'agua uma so gotta,
Para a sede aplacar, não acha, e chóra;
Mas lagrimas a sede não saciam!
Então do bem se lembra, que gozára,
Do bem, que ja não goza.

Quem não respeita o Genio? Quem não sente
Bater-lhe o coração inopinado,
Quando escuta os angelicos accentos
Do ser mysterioso,
Que a Natureza inspira?

Na culta Grecia, na guerreira Roma
Endeosada a Harmonia cultos teve;

Entre barbaros povos, Gallos, Francos,
Celtas, Bretoens a musica divina
Os cruentos costumes adoçava;
Nos Brasilios sertoens duros Tamoyos,
Intrepidos Caités ao som se curvam
D'harmonia selvagem;
Como divinos, de Tupá* mimosos,
Seus musicos respeitam;
A illuminada Europa
Não desdenha entoar sagrados psalmos
No Templo do Senhor; atado ao remo
O pescador ao som das vagas canta,
Canta o proscripto sobre estranhas plagas,
E o peregrino em solitarias selvas;
O canto maternal o infante acalma,
E a colera dos homens se desarma,
Quando escuta suave melodia.

Eis em campo o guerreiro;
Como brioso marcha, quando troa
A bellica trombeta!

* Tupá, o deos dos selvagens do Brasil.

Patrioticos hymnos entoando,
Sente para o valor estreito o peito;
Entre selvas de lanças, e de espadas,
Coberto co' uma abobada de fumo,
Através de pelouros sibilantes,
Assoberbando a morte,
Vai nos braços da gloria
Arvorar os pendoens victoriosos!
Na guerra hymnos guerreiros,
Na paz cançoens de amores!
Tanto, oh musica, pódes sobre os homens,
Que em toda parte imperas!

Sim, que os Anjos, os céos, o sol, os mares,
Os valles, as montanhas, as florestas,
Aves, brutos, e homens,
E essas centenas de milhoens de mundos,
Que cadentes vagueiam no infinito,
É um systema harmonico, perpétuo,
Em gloria do Supremo Ser dos seres!

Rara mulher, tu viste humildes servos
Deporem a teus pés dons preciosos,

Que os Reis, e os Potentados te enviavam;
Tu viste os proprios Reis, e seus valídos,
E delles homenagem recebeste;
Viste os povos do Europa arrebatados
Aqui e alli ao som de teus acordos,
Que embebiam nos seios d'alma o incanto;
Viste, sim viste innúmeras coroas
Lançadas a teus pés; e proseguias
Ufana a deslizar as sibyllinas
Dulcisonas cadencias.
Eis do Genio o triumpho!
Gloria ao Genio se dê, perenne, eterna!

Sobre um leito de rosas, e de louros
Hoje repousas, não no esquecimento,
Mas no arroubo da gloria:
Como o guerreiro, que na paz desfructa,
Vendo os despojos de vencidos povos,
Grata consolação, qu'alma embriaga.

Tudo, que te rodeia, te revela
Teu immortal renome.

Altares te ergueria a prisca Grecia,
Si a prisca Grecia te embalasse o berço.
Da propria filha tua a voz canora,
Voz, que tão alto sóbe, e já promette
Outro novo milagre de harmonia,
Tambem te louva, e exalta;
Que si o nome dos Pais herdam os filhos,
A gloria filial os Pais sublima.

Ah não desdenhes receber louvores
Do peregrino incognito, que passa
Per estrangeiras plagas
Sem arruîdo, como o mudo sôpro
Das matutinas auras.

Mil vezes proferir ouvî teu nome
No novo, e velho mundo, e jamais pude
Augurar-me a ventura
De ver-te, e de te ouvir, e mais ainda
De receber de ti signaes de estima.

Longe da Patria o viajor saudoso
Bem raras vezes o prazer encontra.

De cidate em cidade andado tenho,
Reinos atravessei, cantoens, e villas,
Vinguei gelados Alpes e Apeninos,
Valles descî sombrios, subî torres,
Sempre co'a Patria minha na lembrança;
Como a andorinha, que de tecto em tecto
Salta, sem que se esqueça de seu ninho.
Tudo da Patria a ideia me revive,
Mas nada me consola;
Em parte alguma não achei ainda
Um coração de Pai, de Mãe, de amigo,
Que, vendo-me partir, pezar sentisse,
E ao menos me dissesse: — Deos te guie.

Sublime *Catalani*, tu me honraste!
Talvez unica sejas, que te lembres
Do peregrino errante,
Quando elle, ja na Patria rodeado
Dos velhos Pais, de irmãos, e dos amigos,
Refrescando a memoria das viagens,
Entre, os que vio, prodigios,

Cheio de commoção, citar teu nome,
E dizer : eu a vi; eu conheci-a!

Pago ao Genio um tributo merecido,
Que a gratidão me inspira;
Fraco tributo, mas nascido d'alma.

Florença, 20 de novembro 1834.

XI.

NO ALBUM

DA ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. Joanna Marques Lisboa.

Um mundo occulto, mais real, mais bello
Que o mundo exterior, nossa alma encerra.
Ahi a phantasia, habil pintora,
Ora mil quadros reproduz da terra,
Ora d'outros mil quadros creadora,
Quadros d'alma doçura,
Instantes nos outorga de ventura.

Oh phantasia, oh unico refugio
Do misero proscripto!
Tu, para consolar o peito afflicto,
Os passados prazeres nos retratas;
As pandas azas das prisoens desatas,
E pelos Patrios ares deslizando,
Que sublimes visoens nos vas pintando!

Oh si é bello, sentado á sombra amiga
Do patrio cajueiro
De fructos esmaltado,
Onde o saudoso sabiá se abriga,
Onde pousa o colibre, e o gaturamo;
Si é doce ouvir ternissimo reclamo
Do lindo coro alado,
Da aurora pregoeiro,
Que á celeste mansão nossa alma eleva;
Quanto é mais bello, ausente,
A parca sombra do álamo estrangeiro,
Ouvindo o rouxinol cantar amores,
Da Patria então lembar-se,
Lembrar-se d'um parente,

D'um amigo da infancia, d'um remanço,
Onde, fruindo o aroma de mil flores,
Ao som estrepitoso da corrente,
Tantas vezes achámos o descanço
As infantis fadigas!

Oh como é doce então alma engolphar-se
Nas scenas do passado!
Tudo vem ante nós apresentar-se
N'esse gostoso instante!
Nassa alma, entre mil scenas delirante,
Ouve a voz da saudade, que murmura;
A saudade, a saudade,
Este triste prazer, que não se esplica,
Agro prazer d'um coração magoado,
Prazer, que se mistura
Com dor, com afflicção, saudosa angustia,
Que nos punge, nos róe, nos vivifica.
Assim n'estas estranhas, longes plagas
Se nos antolha a Patria!

E por ella em cada hinverno
De contínuo suspiramos,

E mesmo na primavera
Inda d'ella nos lembramos.

Cada quadro nos desperta
A cadeia interrompida
De gratas reminiscencias
Da nossa passada vida.

Assim, assim um dia,
Ja sob o céo Brasilio,
Como um sonho, da Europa a bella imagem
Se antolhará á nossa phantasia,
E nos recordará o nosso exilio.

Então entre mil scenas divagando,
Do passado as ideias refrescando,
S'erguerá ante nós tambem Bruxellas,
Seus parques, seus jardins, e as torres bellas
Dos seus Templos, e gothicos palacios.

Então, talvez então, vendo este livro,
Que quadros vos recorda tão diversos,
Vos lembrareis do errante, joven vate,
Que estes versos traçou, saudosos versos.

Os gratos dias,
Que aqui gozei,
Ante minha alma
Sempre terei.

Os innocentes,
Gratos penhores,
Anjos da terra
Incantadores,
Que tantas vezes
Eu afagava,
E em grato enlevo,
Os abraçava;
Esta harmonia
Do Par ditoso;
Em vós belleza,
Amor no esposo,
Candura em todos,
Terna bondade,
Dotes sublimes
Da Divindade.

Jamais minha alma
Olvidará
E de vós sempre
Se lembrará.

Bruxellas, 21 de junho 1836.

XII.

O ADEOS A EUROPA.

Adeos, oh terras da Europa!
Adeos, França, adeos París!
Volto a ver terras da Patria;
Vou morrer no meu Paiz.

Qual ave errante, sem ninho,
Occulto peregrinando,
Visitei vossas cidades,
Sempre na Patria pensando.

De saudade consumido,
Dos velhos Pais tão distante,
Gottas de fel azedavam
O meu mais suave instante.

As cordas de minha lyra
Longo tempo suspiraram,
Mas alfim frouxas, cançadas
De suspirar, se quebraram.

Oh lyra do meu exilio,
Da Europa as plagas deixemos;
Eu te darei novas cordas,
Novos hymnos cantaremos.

Adeos, oh terras da Europa!
Adeos, França, adeos París!
Volto a ver terras da Patria,
Vou morrer no meu Paiz.

Paris, agosto de 1836.

FIM.

NOTAS

DOS SUSPIROS POETICOS.

AS RUINAS DE ROMA.

NOTA I, pag. 152, v. 19.

Era um vasto redil de armentio gado.

Depois da destruição do Foro Romano, pelo fero Rober Guiscard, em 1084, toda esta parte da antiga Roma desde S. João Laterano até o Capitolio tão entulhada ficou, que a terra, pedras, e emmundicias cobriram as ruínas, que ainda hoje se desencavam; ahi apascentavam rebanhos de vacas, e d'ahi veio o nome de *Campo Vaccino*, com que ainda hoje é conhecido.

NOTA 2, pag. 153, v. 7.

Inda te chamam fero, inda te accusam.

A destruição de Roma é devida, como vimos na antecedente nota, ao cavalleiro Rober Guiscar de Hauteville, filho de Tancrède, que, capitaneando os Normandos, entrára á testa de um formidavel exercito em Roma em 1084, fazendo recuar Henrique diante de sí, e pondo fogo na cidade, desde S. João de Laterano até o Colisêo. Depois do saque dos Normandos ficou a antiga Roma deserta, e a população transportou-se toda inteira alêm do Capitolio, que em outro tempo fôra o campo de Marte. (Vej. *Hist. das Repub. Ital.*, per Sismondi, T. I, pag. 128, da Edic. Belga.)

NOTA 3, pag. 153, v. 12.

Foi as aguas mortaes beber do Tibre.

Chamo mortaes as aguas do Tibre, não que ellas venenosas sejam, mas por que ahi morriam afogados os condemnados de Estado, que da rocha tarpeia se precipitavam, como Manlio, e outros, de que falla a Historia

NOTA 4, pag. 154, v. 9.

La pallideja ao longe aquella torre.

Mostra-se ainda em Roma uma torre quadrada, que no meio da cidade se eleva, na qual, diz-se, Nero se abrigára, para gozar da horrivel scena do incendio de Roma. Ahi tocava elle sua

lyra, emquanto que as chamas devoravam a cidade. O verbo *pallidejar*, de que me sirvo, creio que não vem nos Diccionarios, nem me lembra tel-o encontrado em nenhum auctor; si eu sou o primeiro qne o entroduzo na lingua, poderei allegar em seu favor, que tendo nós branquejar, negrejar, amarellejar, e outros de igual desinencia, nenhuma dúvida poderá este encontrar da parte de acanhados puristas; demais elle esplica perfeitamente o effeito da torre em questão, esclarecida pelo clarão da lua. Aproveitando-me da natureza d'esta nota, direi que a Philosophia espiritualistica, que tantos progressos tem feito entre Allemâes, e Francezes, tem adoptado novos termos, e dado á velhas palavras novas terminaçoens, como per exemplo, ideialidade, religiosidade, progressibilidade, etc. Estas palavras representam novas ideias, e d'ella podemos servir-nos sem escrupulo; d'outra maneira condemnemos as Sciencias, e a lingua á immobilidade.

NOTA 5, pag. 156, v. 4.

As palavras ouvindo da Erimita.

Ha no recinto do amphitheatro Flavio (Colisêo) 14 altares, representando os martyrios de Jesus Christo, no meio uma Cruz; servem estes altares para as estaçoens penitenciaes; ahi vimos na Quaresma quantidade de povo prostrado, escutando as pregaçoens dos Missionarios.

NOTA 6, pag. 159, v 18.

....sabio Spinosa,
Tu não eras atheo.

Spinosa é considerado vulgarmente como atheo; philosophos modernos fazem-lhe justiça : seu systema da mais alta Metaphysica não tem sido interpretado como devia, que mais pende elle para o pantheismo, que para o atheismo. De sua doctrina claramente se collige que elle consebia um Ser necessario, substancial e perfeito, que é Deos, e o resto so tem uma existencia phenomenal, e contingente Póde dizer-se, rigorosamente fallando, que não ha atheos, pois que aquelles mesmos que parecem proffessar taes principios, ou dão existencia a uma substancia primaria, seja o nome qual for, ou se contradizem a cada passo.

O CARCERE DE TASSO.

NOTA. 1, pag. 208, v. 3.

E tu, oh Silva.....

Antonio José da Silva, natural do Rio de Janeiro, poeta comico, foi queimado vivo n'um *acto-da-fé*, em Lisboa em 1739 por que dizia-se que elle era Judeo.

NOTA 2, pag. 208, v. 11.

Tu Claudio octagenario.

Claudio Manoel da Costa, conhecido com o nome de *Glauceste Saturnino*, distincto poeta, de quem correm algumas poesias impressas, sendo accusado, ja avançado em annos, e preso com outros illustres poetas, deo-se a morte na prisão.

NOTA 3, pag. 208, v. 15.

La sai Dircêo saudoso, suspirando
Pola cara Marilia.

Thomas Antonio Gonzava, tão conhecido com o nome de Dircêo, immortal nas suas Lyras. Nós lhe consagramos esta nota, por que, de quantos teem lido suas lyras nem todos sabem, que reaes foram suas desgraças; compromettido com Claudio Manoel da Costa, e Alvarenga, foi condemnado ao desterro para Moçambique, onde expirou. Como Petrarca, immortalisou-se com suas poesias eroticas, e o nome de sua Marilia deve ser tão celebre como o de Laura, quando os Brasileiros prezarem mais os seus litteratos.

AS SAUDADES.

NOTA 1, pag. 332, v. 8.

Vas ver sem mim.

Mal sabia eu, escrevendo estes versos, e preparando-me para dar o abraço da despedida ao meu Amigo, que as cir-

cunstancias tão repentinamente se mudassem, e que deixaria Paris, para acompanhal-o na viagem á Italia. Como ignora o homem o que tem de fazer no dia seguinte! É esta uma das phases de minha vida, que eterna ficará na minha lembrança; e estes versos me despertarão sempre esta triste recordação, triste, pelas circunstancias que mutivaram a viagem.

OBSERVAÇÃO.

Não nos restando tempo para a revisão de todas as faltas typographicas, que possam ter escapado nas correcção das provas, confiamos na sagacidade e na indulgencia dos leitores; devendo ser bem limitado o numero dos erros, que todo o cuidado pozemos para que limpa de faltas saisse este livro; quem tem dado obras ao prelo sabe o quão difficil é isto.

INDEX

DOS SUSPIROS POETICOS.

Advertencia 1
I. Invocação ao Anjo da Poesia 13
II. O Vate 23
III. A Poesia 31
IV. Deos, e o Homem 39
V. O Christianismo : Na Cathedral de Milão 49
VI. A Infancia 59
VII. A Mocidade 63
VIII. A Velhice 77
IX. A Belleza 83
X. O Mysterio 87
XI. Um Passeio as Tuilerias 91

XII. A afflicção..... 101
XIII. A Consolação 109
XIV. A Sepultura de Filinto Elysio..... 117
XV. Uma Manhã no Monte Jura..... 127
XVI. A Vista de Roma..... 135
XVII. O Dia de Anno bom de 1835 141
XVIII. As Ruinas de Roma..... 147
XIX. O Riso da Fortuna..... 161
XX. O Suspiro á Patria..... 165
XXI. Ao meu illustre Amigo o R. S. P. M. Fr. F. do Monte Alverne..... 177
XXII. Ao Illmo e E^mo Sn^or José Joaquim da Rocha, etc. 183
XXIII. Uma Noite no Colisêo..... 189
XXIV. Para que vim eu ao Mundo?..... 197
XXV. O Carcere de Tasso..... 203
XXVI. No Album de uma Veneziana..... 211
XXVII. Ao meu Amigo D. J. G. de Magalhaens..... 213
XXVIII. Em resposta ao meu Amigo M. de A. Porto Alegre. 227
XXIX. Por que estou triste?..... 235
XXX. A Flor suspiro 241
XXXI. A Experiencia..... 243
XXXII. O Suspiro da Patria 245
XXXIII. O Homem probro. Ao Sn^or Evaristo Ferreira da Veiga..... 253
XXXIV. A Biblia, em um dia de tristeza..... 257
XXXV. Napoleão em Waterloo..... 273
XXXVI. Ao general Lafayette 263
XXXVII. As Senhoras Brasileiras..... 277
XXXVIII. A minha Lyra..... 281
XXXIX. O Canto do Cysne 787

AS SAUDADES.

I. Invocação a Saudade 297

II. A Patria 305
III. A minha familia 313
IV. A Tempestade..... 318
V. O dia 7 de abril em París..... 325
VI. Ao meu Amigo M. de Araujo Porto Alegre..... 331
VII. No Album de um Joven Amigo..... 337
VIII. Ao deixar París..... 339
IX. A Suissa..... 347
X. O Genio, e a Musica..... 351
XI. No Album da Illmo Exmo Senora D. Joanna Marques Lisboa 355
XII. Adeos a Europa 365
Notas..... 367

FIM.

MAY -0 1943

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 289 123 5